

FACULDADE UNIDA DE VITÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DAS RELIGIÕES

AIRTON VITORINO DA SILVA



Certificado pelo Programa de Pós-Graduação da Faculdade Unida de Vitória – 29/06/2017.

Vitória – ES
2017

AIRTON VITORINO DA SILVA

DIÁLOGO INTER-RELIGIOSO:
UM DESAFIO PARA O PENTECOSTALISMO HISTÓRICO



Trabalho de Conclusão de Curso:
Dissertação apresentada ao Programa de
Pós-Graduação em Ciências das
Religiões da Faculdade Unida de Vitória,
como requisito parcial para obtenção do
título de Mestre em Ciências das
Religiões.
Linha de Pesquisa: Religião e Esfera
Pública.

Orientadora: Dra. Claudete Beise Ulrich

Vitória – ES
2017

Silva, Airton Vitorino da
Diálogo inter-religioso / Um desafio para o pentecostalismo
histórico / Airton Vitorino da Silva. – Vitória: UNIDA / Faculdade Unida
de Vitória, 2015.

viii, 79 f. ; 31 cm.

Orientadora: Claudete Beise Ulrich

Dissertação (mestrado) – UNIDA / Faculdade Unida de Vitória,
2017.

Referências bibliográficas: f. 79-87

1. Ciências das religiões. 2. Religião e esfera pública. 3. Diálogo
inter-religioso. 4. Diálogo inter-religioso. 5. Assembleia de Deus. 6.
Ação do Deus Santo. - Tese. I. Airton Vitorino da Silva. II. Faculdade
Unida de Vitória, 2017. III. Título.

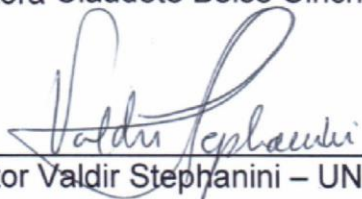
AIRTON VITORINO DA SILVA

DIÁLOGO INTER-RELIGIOSO:
UM DESAFIO PARA O PENTECOSTALISMO HISTÓRICO

Dissertação para obtenção do grau de Mestre em Ciências das Religiões no Programa de Mestrado Profissional em Ciências das Religiões da Faculdade Unida de Vitória.



Doutora Claudete Beise Ulrich – UNIDA (presidente)



Doutor Valdir Stephanini – UNIDA



Doutora Nivia Ivette Núñez de La Paz

DEDICATÓRIA

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação da Faculdade Unida de Vitória – 29/06/2017.



Dedico este trabalho de pesquisa à minha querida esposa: Maria José da Silva; aos meus filhos, Josué Vitorino da Silva, Oseias Vitorino da Silva e Eneas Vitorino da Silva, aos meus netos e minhas netas, com muito carinho.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao Supremo Criador pela habilidade constituída na minha vida, à minha orientadora Dr.^a Claudete; aos demais professores/as, Doutores/as e mestres na didática profissional que souberam me conduzir; à colega, Eliane Rezende, pela revisão e formatação da pesquisa, aos funcionários/as da Faculdade Unida pelo excelente atendimento; aos mestrandos e mestrandas, pelo convívio que deixaram saudades; à minha família, pela paciência de minha ausência no período do Mestrado.



RESUMO

Esta dissertação do mestrado profissional em Ciências das Religiões aborda o diálogo inter-religioso como um desafio para o pentecostalismo histórico. A realidade brasileira é marcada pela diversidade cultural, no entanto, há muita intolerância religiosa, especialmente em relação às religiões afro-brasileiras. Reflete-se a partir dos Censos 2000 e 2010 sobre as mudanças no campo religioso brasileiro. A Igreja Católica continua sendo a maior igreja no Brasil. No entanto, os evangélicos cresceram muito e entre estes a Igreja Pentecostal Assembleia de Deus. O reconhecimento do pluralismo religioso é fundamental para o exercício do diálogo inter-religioso. O diálogo aproxima e rompe com preconceitos e aprofunda a própria identidade. A partir da reflexão com diferentes pesquisadores busca-se novos paradigmas para um encontro mais frutífero entre as religiões. Aponta-se para a importância do paradigma da pneumatologia, isto é a reflexão sobre a ação do Espírito de Deus para o diálogo inter-religioso. Neste sentido, assembleianos/as, necessitam realizar uma releitura de suas tradições e dos textos bíblicos sobre a atuação do Espírito, pois o mesmo atua além dos dons pessoais, da glossolalia e da profecia. A dimensão da atuação do Espírito de Deus como promotor da justiça e da paz precisa ser melhor refletida na Assembleia de Deus, bem como de todas as igrejas que professam a fé no Deus Espírito. Conclui-se que o diálogo inter-religioso se apresenta sim como um grande desafio para o pentecostalismo histórico. A participação do pentecostalismo histórico nos debates sobre o diálogo será de fundamental importância na superação da intolerância religiosa e no cuidado urgente de toda a criação. O método utilizado neste trabalho foi o dedutivo, fundamentado em pesquisa bibliográfica.

Palavras-chave: Diálogo inter-religioso, Pentecostalismo histórico, Assembleia de Deus, Ação do Deus Espírito.

ABSTRACT

This dissertation of the professional master's degree in Sciences of the Religions addresses interreligious dialogue as a challenge to historic Pentecostalism. The Brazilian reality is marked by cultural diversity, however, there is a lot of religious intolerance, especially in relation to Afro-Brazilian religions. It is reflected from the Censuses 2000 and 2010 on the changes in the Brazilian religious field. The Catholic Church remains the largest church in Brazil. However, evangelicals have grown a lot and among these the Pentecostal Church Assembly of God. The recognition of religious pluralism is fundamental to the exercise of interreligious dialogue. Dialogue approaches and breaks with prejudices and deepens one's identity. From the reflection with different researchers, new paradigms are sought for a more fruitful encounter between religions. It is pointed out to the importance of the paradigm of pneumatology, that is the reflection on the action of the Spirit of God for interreligious dialogue. In this sense, assemblyians need to re-read their traditions and biblical texts on the work of the Spirit, because the same acts beyond the personal gifts, the glossolalia and prophecy. The dimension of the work of the Spirit of God as the promoter of justice and peace needs to be better reflected in the Assembly of God as well as of all the churches that profess faith in the Spirit God. It is concluded that interreligious dialogue presents itself as a major challenge for historical Pentecostalism. The participation of historical Pentecostalism in the debates on dialogue will be of fundamental importance in overcoming religious intolerance and in the urgent care of all creation. The method used in this work was the deductive, based on bibliographical research.

Keywords: Interreligious dialogue, Historical pentecostalismo, Assembleia de Deus, Action of God the Spirit.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1 PLURALISMO RELIGIOSO NO BRASIL.....	13
1.1 Mapa Religioso: Dados dos Censos 2000/2010 sobre Religião.....	16
1.2 Reconhecer a Diversidade Religiosa	23
1.3 Perspectivas para uma nova hermenêutica: superar a intolerância religiosa.....	29
2 O DIÁLOGO INTER-RELIGIOSO: UM DESAFIO À PLURALIDADE RELIGIOSA NO BRASIL	35
2.1 Um Breve Histórico	36
2.2 Entendendo o que é Diálogo Inter-Religioso.....	41
2.3 Consequências do Diálogo Inter-Religioso.....	46
3 O PENTECOSTALISMO HISTÓRICO E O DIÁLOGO INTER-RELIGIOSO	52
3.1 Movimento Pentecostal no Brasil: Assembleia de Deus.....	55
3.2 Possibilidades de Diálogo	62
3.3. Espírito Santo como paradigma: Possibilidades para a realização do diálogo inter-religioso a partir do pentecostalismo histórico.....	68
CONCLUSÃO.....	73
REFERÊNCIAS.....	79

INTRODUÇÃO

A presente dissertação reflete sobre o diálogo inter-religioso: um desafio para o pentecostalismo histórico, considerando a pluralidade religiosa brasileira. O reconhecimento da diversidade religiosa intensifica mais do que nunca; marca e desafia a necessidade do diálogo e do respeito mútuo entre as diferentes tradições religiosas. Na realidade brasileira, no entanto, há, por parte de alguns grupos cristãos, uma grande intolerância religiosa, que se mostra, especialmente, em relação às religiões de matriz africana.

Este trabalho de conclusão de curso considera, especialmente, a Igreja pentecostal Assembleia de Deus, sendo esta, uma das maiores igrejas históricas do pentecostalismo no Brasil. A Igreja Assembleia de Deus encontra-se, praticamente, em todo o território nacional, tanto em contexto rural quanto urbano. A sua estrutura também tem se modificado no decorrer de sua história, desde a sua implantação no Brasil, com a vinda dos missionários suecos Gunnar Vingren e Daniel Berg em 1910, vindos dos Estados Unidos, para a cidade de Belém, capital do Estado do Pará.

As perguntas que motivaram a pesquisa são as seguintes: Como construir um diálogo respeitoso entre pessoas que participam de comunidades de tradições de fés diferentes? Como a Assembleia de Deus, a partir de sua história e teologia, pode participar e contribuir com o diálogo inter-religioso?

A hipótese deste trabalho é que a teologia pentecostal, sim, pode contribuir para o diálogo inter-religioso, especialmente a partir de uma nova hermenêutica sobre a atuação do Espírito Santo. A pneumatologia se apresenta como uma possibilidade para uma inserção do pentecostalismo no diálogo inter-religioso. O Espírito sopra onde e quando Deus quer (João 3.8). A atuação do Espírito Santo vai além dos dons individuais.

O objetivo geral da pesquisa refere-se à reflexão sobre a pluralidade religiosa brasileira, a importância do diálogo inter-religioso, especialmente, na relação com o pentecostalismo tradicional, mais especificamente a Assembleia de Deus. Os objetivos específicos apontam para o reconhecimento da pluralidade religiosa, a identificação do diálogo inter-religioso, a descoberta do outro no reconhecimento da diversidade e, desta forma, a possibilidade da construção do respeito, da paz e da harmonia e do cuidado com a criação. Perceber se e como o diálogo inter-religioso é praticado por pentecostais históricos, especialmente pela

Assembleia de Deus.

O Brasil é um país plural. Frente a diversidade busca-se a paz e o respeito diante do outro. No entanto, diariamente há ruidosas notícias denunciando a intolerância religiosa no Brasil e as graves consequências para as várias instituições sociais. Ao pesquisar sobre a religião intui-se que sua relação com a formação da sociedade está intrinsecamente ligada não apenas com sua existência, como também na elaboração e organização sociais.

A presente pesquisa foi desenvolvida com base no método dedutivo, baseada em diferentes pesquisadores e pesquisadoras do diálogo inter-religioso, do pentecostalismo e da Igreja Assembleia de Deus. Também foram utilizados dados dos Censos e artigos publicados em revistas ou em sites, relacionados ao tema da dissertação.

O Capítulo 1 faz considerações acerca da pluralidade religiosa brasileira, a partir do Mapa Religioso: Dados dos Censos 2000/2010 sobre Religião, estatísticas estas do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), os direitos constitucionais da liberdade religiosa, a partir do reconhecimento da diversidade religiosa brasileira. Aponta-se, então, para perspectivas para uma nova hermenêutica, objetivando a superação da intolerância religiosa.

O Capítulo 2 reflete sobre a importância do diálogo inter-religioso como um desafio à pluralidade religiosa no Brasil. Neste sentido, procura-se, primeiramente, a partir da reflexão com diferentes autores, especialmente Faustino Teixeira, John Hick, Claude Geffré, Elias Wolff, Peter Berger, Paul Freston, Ricardo Mariano, entre outros, pensar sobre o seu desenvolvimento histórico, o seu significado e as consequências do mesmo para uma vivência pacífica e respeitosa entre as religiões e denominações religiosas, encetando para o Espírito como paradigma ao diálogo inter-religioso.

O Capítulo 3 estuda, primeiramente, a vinda das primeiras igrejas pentecostais para o Brasil, especialmente, a Congregação Cristã e a Assembleia de Deus. A ênfase do estudo recai sobre a Assembleia de Deus. Verifica-se, a partir de pesquisadores pentecostais brasileiros, como David Mesquiati de Oliveira, Adriano Souza Lima, Maxwell Pinheiro Fajardo, Gedeon Alencar, Sidney de Moraes Sanches, dentre outros, as possibilidades da Assembleia de Deus desenvolver um diálogo com outras religiões, apontando para a sua teologia, baseada na ação do Espírito Santo. Neste sentido, será necessário, também, uma nova forma de ler os

textos bíblicos, percebendo que o Espírito age muito além dos dons pessoais, dados a cada pessoa, e isto tem implicações no cuidado da criação e para com a vida das pessoas.

As Conclusões apontam para a necessidade de se aprofundar o diálogo inter-religioso e da importância de teólogos e teólogas pentecostais estarem realizando uma releitura da atuação do Espírito Santo. A releitura da pneumatologia, isto é, da ação de Deus nas tradições, nos textos bíblicos, apresentando-se como um novo paradigma para a entrada de pessoas ligadas à Assembleia de Deus no diálogo inter-religioso. O reconhecimento do pluralismo religioso é fundamental neste processo de abertura e de respeito ao outro que vive a sua fé de forma diferente. A participação de assembleianos no diálogo inter-religioso é de fundamental importância para construção de um país mais justo e igualitário, pois o Espírito de Deus, é o espírito do amor, da justiça, da igualdade. O caminho de encontros e de releituras está somente começando entre pessoas de diferentes tradições religiosas. Ele é, todavia, urgente, necessário e imprescindível para que diminua a intolerância religiosa e aumente o compromisso com o cuidado com a vida em sua integralidade.

1 PLURALISMO RELIGIOSO NO BRASIL

Convencionou-se atribuir a definição de sincretismo¹ para a interpenetração de crenças e ritos para produzir novas formas religiosas. O sincretismo ocorreu no Brasil com a conquista do território pelos portugueses. Isto aconteceu, especialmente, com o processo da escravatura. De acordo com Pierre Sanches: “O sincretismo valeu como uma poderosa arma que, de início, os negros habilmente manejaram contra a pressão esmagadora da cultura superior dos povos escravizadores”². O sincretismo foi, portanto, também uma forma de resistência dos povos negros que chegaram ao Brasil trazido pelos navios negreiros. O sincretismo foi uma forma de resistência para, assim, manter a sua cultura religiosa.

De acordo com Reginaldo Prandi, os diversos grupos negros escravizados: “Adotaram as imagens católicas e as cultuaram, mas, na verdade, sob as invocações dos santos católicos, adoravam os representantes da divina Corte africana”³. É interessante observar que o autor citado afirma que a relação com os santos católicos e divindades africanas varia de lugar para lugar: “Essa relação com um ou outro santo depende da região do país, variando de acordo com a popularidade do santo no local”⁴. Esta associação nem sempre é exata, por exemplo, o São Jorge, na Bahia, está relacionado a Oxossi, deus da caça; mas, no Rio de Janeiro, já está ligado a Ogum⁵.

Por meio de uma pesquisa de campo no Estado do Rio de Janeiro, em seu livro, “As Religiões no Rio”, João do Rio⁶ possibilita uma visão da diversidade de práticas e crenças religiosas relevantes, naquela época já existente (início do século XX), no cenário desse pluralismo religioso. A adesão às religiões de matriz africana, por exemplo, é flagrada por esse autor, como em um processo rápido, com a difusão

¹ SINCRETISMO. Fusão de diferentes cultos ou doutrinas religiosas, com reinterpretação de seus elementos. In: FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Dicionário*. 2 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986. p. 1589.

² SANCHIS, Pierre (Org.). *Fiéis e cidadãos: Percursos de sincretismo no Brasil*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2001. p. 69.

³ PRANDI, Reginaldo. *Mitologia dos Orixás*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. p. 58.

⁴ PRANDI, 2000, p. 75.

⁵ CARMO NETO *apud* FREYRE, Gilberto. *Sobrados e Mucambos: decadência do patriarcado rural e desenvolvimento do urbano*. Apresentação de Roberto DaMatta; Bibliografia de Edson Nery da Fonseca; notas bibliográficas revistas por Gustavo Henrique Tuna. São Paulo: Global, 2013, p. 399. Disponível em: <<https://gruponsepr.files.wordpress.com/2016/10/livro-completo-sobrados-e-mucambos-gilberto-freyre-1.pdf>>. Acesso em: 10 fev. 2017. Veja as notas de rodapé 637 e 638.

⁶ RIO, João do. *As religiões no Rio*. Coleção Biblioteca Manancial, n.º 47, Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1976. p. 1. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bi000185.pdf>>. Acesso em: 10 fev. 2017.

das filiações através de um significativo número de iniciações a esses cultos, principalmente por mulheres, de forma que estariam, naquele momento, como religião, experienciando sua institucionalização. Ainda que tenha vivenciado tensões, o pluralismo religioso favoreceu novas etapas de troca com assimilação de novos ritos e novas crenças, aumentando e estendendo o processo de sincretização.

Na virada do século XIX para o XX, o pluralismo religioso no Brasil aumentou com o ingresso de uma diversidade de ritos e crenças pertencentes às mais diferentes tendências religiosas. Segundo Domezi, os processos imigratórios fizeram crescer o pluralismo na sociedade brasileira. Primeiramente vieram os protestantes. A partir de 1908 vieram sírios, libaneses, palestinos e japoneses. Além de outras religiões com ideias socialistas, anarquistas e republicanos⁷. Ainda de acordo com a autora citada: “A imigração alterou profundamente o rosto da religião no Brasil, que além de imigrarem protestantes de denominações diversas, também vieram católicos cuja forma de catolicismo⁸ era diferente das que encontravam-se aqui.”⁹

Todavia, as religiões de tradição protestante demonstraram ser muito menos propensas à receptividade para com o trânsito religioso dos seus adeptos, obrigando-os a uma estrita fidelização. E, frente aos desvios do catolicismo popular, a ‘romanização’ no universo do catolicismo procurando maior fidelidade a Roma, isso fortaleceu tal atitude. Esta cultura religiosa se amplificou, vagarosamente, para as outras denominações religiosas, de maneira que, atualmente, as instituições religiosas concomitantemente, mesmo a católica, demonstram ser muito menos inclinadas a aceitar ou a transigir com tais trocas e fluxos, exigindo, para o sistema professado de crenças, uma maior fidelidade.

Assim, a necessidade de entender outros agentes que mudam o cenário religioso brasileiro, já que o modelo de religiosidade sincrética enfrenta um tempo de saturação, dando a impressão de ter a necessidade da oferta religiosa se reinventar e se enxergar como distinta, igualmente exigindo, dos fiéis, cada vez mais fidelidade. De acordo Maristela Oliveira de Andrade:

⁷ DOMEZI, Maria Cecília. *Deus em guerra e pacto na América Latina colonial*. São Paulo: Idéias & Letras, 2015. p. 144.

⁸ AZEVEDO, Thales de. O catolicismo no Brasil: um campo para a pesquisa social. Salvador: Edufba, 2002. p. 12-14. O autor aponta para a pluralidade do catolicismo no Brasil. Disponível em: <<https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ufba/464/1/O%20catolicismo%20no%20Brasil.pdf>>. Acesso em: 23 fev. 2017.

⁹ DOMEZI, 2015, p. 225.

Ao longo dos cinco séculos, o Brasil conheceu em sua história religiosa um processo cíclico em que períodos de maior racionalização da fé se sucederam a períodos de maior influência da dimensão emocional da fé. Se a fase da implantação da catequese requeria uma dose de racionalização, a fase seguinte com assimilação do barroco trouxe uma fase de expressão emocional e teatral da fé, combatida depois com uma nova onda de racionalização e de espírito anti-clerical e anti-religioso, que favoreceu a secularização e o pluralismo religioso. A fase contemporânea traz de volta a dimensão emocional da fé associada a uma exteriorização e teatralidade da experiência religiosa, que se expressam através da intensificação das práticas rituais com ênfase na corporalidade, dando ao culto a feição de espetáculo.¹⁰

Interessante observar, ainda segundo essa autora citada, que a dimensão emocional da fé associada a uma exteriorização e teatralidade da experiência religiosa,

se reproduzem nas mais distintas ofertas religiosas, mesmo nas da vertente protestante, por natureza mais racionalizantes. O culto espetáculo ou performático, antes vinculado ao catolicismo popular das procissões e romarias e, particularmente, aos ritos e festas dos cultos afro-brasileiros, tornou-se um padrão a que as outras religiões aderiram à sua maneira.¹¹

Estas mudanças também são visíveis a partir da introdução de instrumentos de percussão e de eletrônicos nos espaços de culto. As igrejas protestantes como as católicas tornaram-se palcos com grande relevância no louvor, e, com esses caracterizados pela música que se distingue do estilo dos tradicionais hinários, tendo por égide a musicalidade do gosto muito na moda de ritmos, sendo que somente as letras têm alusões sacras, distintas, portanto, daquelas músicas executadas na mídia secularizada. Em ambas as vertentes religiosas, os novos hinos têm sua execução realizada de maneira indistinta, especialmente aquelas dedicadas ao Espírito Santo. Influenciados pelo modelo Gospel das igrejas evangélicas negras norte-americanas, a dança ou expressão corporal foram associadas nos dois contextos.¹²

Nesse fenômeno é possível ser constatado – nas práticas ritualistas de ofertas religiosas concorrentes – uma predisposição à uniformização, como se fosse fruto de um processo de sincretismo. Todavia, paradoxalmente vêm se

¹⁰ ANDRADE, Oliveira Maristela de. A Religiosidade Brasileira: o pluralismo religioso, a diversidade de crenças e o processo sincrético. *CAOS - Revista Eletrônica de Ciências Sociais*. N.º. 14 – setembro de 2009, p.110. Disponível em: <<http://www.cchla.ufpb.br/caos/n14/6A%20religiosidade%20brasileira.pdf>>. Acesso em: 23 fev. 2017.

¹¹ ANDRADE, 2009, p. 110.

¹² ANDRADE, 2009, p. 110.

desenvolvendo posturas de intolerância no cenário religioso do Brasil. Tal hostilidade resulta de ações com caráter fundamentalista, tornando-se um estilo adotado nos mais diversos campos religiosos, que se demonstra por meio da busca de fidelidade absoluta a princípios fechados ou dogmas que colocam o fundamentalismo no centro, como uma força geradora de conflitos religiosos e até de guerras e de atitudes de pretensa pureza. Dessa forma, entram em declínio as ações de abertura para os processos sincréticos e para os de ideais ecumenistas por terem dificuldade de se manifestar.¹³

A partir deste ponto, Andrade aponta que é necessário repensar o pluralismo religioso e o desafio da relação entre os dessemelhantes representantes religiosos em competição, transformando-se em um campo acirrado de lutas, extremamente diferente do modelo que parecia caracterizar a matriz de religião do Brasil; de trocas e de convivência entre as diferentes denominações e opções religiosas.¹⁴

Assim, para captar o entendimento do fenômeno do pluralismo religioso compreende-se ser igualmente necessário introduzir a noção de mercado, no qual as variadas formas de ofertas religiosas acolhem um processo ou dinâmica concorrencial, para competir pela adesão dos fiéis. Neste sentido, a instalação do mercado religioso, significou a inserção de uma outra lógica. De acordo com Roger Finke e Rodney Stark citado por Lemuel Dourado Guerra: “a questão da intensificação da competição, causada pela extinção do monopólio religioso, que obriga as organizações a serem mais imaginativas e eficientes na busca da adesão dos fiéis em potencial”.¹⁵ Supostamente, essa tendência que poderia conduzir a um fluxo sincrético, na verdade leva a uma territorialização dos espaços religiosos, não permitindo as trocas e as assimilações entre as diferentes denominações religiosas.

1.1 Mapa Religioso: Dados dos Censos 2000/2010 sobre Religião

O Brasil, portanto, não deixa dúvidas: é um país onde a religiosidade é marca nacional, não sem motivo possui tal característica, afinal, a cultura recebida

¹³ ANDRADE, 2009, p. 110.

¹⁴ ANDRADE, 2009, p. 110.

¹⁵ FINKE, Roger; STARK, Rodney apud. GUERRA, Lemuel Dourado. *Mercado religioso no Brasil: competição demanda e a dinâmica da esfera da religião*. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2000. p. 56-57. Disponível em: <http://repositorio.ufpe.br:8080/bitstream/handle/123456789/9835/arquivo9371_1.pdf>. Acesso em: 22 fev. 2017.

de herança pelos portugueses, historicamente cunhou o modo de viver e ser do brasileiro. Até as últimas décadas do século XX e as de início do século XXI a população tinha sua identidade religiosa no catolicismo. Todavia, isso vem se alterando, como demonstram as pesquisas realizadas nos últimos anos.¹⁶

Pesquisa desenvolvida pelo Centro de Políticas Sociais da Fundação Getúlio Vargas - CPS/FGV, sob o título “Novo Mapa das Religiões (2011)”¹⁷, trata exatamente dessa temática: as transformações do campo da religiosidade no Brasil nas últimas décadas. O estudo possibilita uma visão de tal panorama, através de levantamento estatístico e comparativo entre os anos dos microdados coletados da Pesquisa de Orçamentos Familiares – POF, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, acerca da presença de diversas religiões no país. Desta forma, mostra o detalhamento das características religiosas correlacionadas às condições socioeconômicas dos indivíduos brasileiros, no que diz respeito a gênero, ciclo de vida, por meio de gráficos, mapas e tabelas.

Com o objetivo de oferecer à sociedade um levantamento estatístico atualizado sobre o aparecimento e a evolução das variadas denominações nas mais diferentes regiões brasileiras, o estudo usa o princípio weberiano acerca da relação entre economia (capitalismo) e religião. Foram avaliadas, naquela oportunidade, mais de 200 mil entrevistas para cada ano do levantamento da POF, no final e início da década passada, em relação ao arranjo religioso do Brasil.

As várias pesquisas desenvolvidas por diversos institutos de pesquisa e, ainda demonstram também estudiosos da área, fica retratado o declive do catolicismo nos últimos anos e a subida do movimento religioso evangélico, se considerados tanto os tradicionais quanto os pentecostais. Importante destacar que no mesmo período houve o crescimento dos chamados “sem religião”. E, também apontam que a renda no Brasil tem crescido entre os católicos e, comparativamente, o país difere de outras nações em relação à presença de católicos entre regiões com crescimento econômico. Entretanto, apesar de estar mais presente entre a elite, o catolicismo possui forte presença também na classe menos abastada. Segundo Marcelo Ayres Camurça:

¹⁶ INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. *Censo Demográfico 2010: Características gerais da população, religião e pessoas com deficiência*. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/caracteristicas_religiao_deficiencia/default_caracteristicas_religiao_deficiencia.shtm>. Acesso em: 12 mar. 2017.

¹⁷ NERI, Marcelo Côrtes (Coord.). *Novo Mapa das Religiões*. Rio de Janeiro: CPS/FGV, 2011. Disponível em: <<http://www.cps.fgv.br/cps/religiao/>>. Acesso em: 17 mar. 2017.

Os percentuais mais expressivos do Censo de 2010, no que se refere às religiões no país, indicam a continuidade da queda do catolicismo de 73,8% em 2000 para 64,6% em 2010, ao lado da também continuidade do crescimento evangélico de 15,4% para 22,2% e, por fim, um também crescimento, mas em ritmo menor, dos sem-religião, de 7,28% para 8%.¹⁸

Apesar da queda do catolicismo, ele continua ainda sendo a maior denominação no Brasil. Chama a atenção, no entanto, o crescimento dos evangélicos:

Os evangélicos foram o segmento religioso que mais cresceu no Brasil no período intercensitário. Em 2000, eles representavam 15,4% da população. Em 2010, chegaram a 22,2%, um aumento de cerca de 16 milhões de pessoas (de 26,2 milhões para 42,3 milhões). Em 1991, este percentual era de 9,0% e em 1980, 6,6%.¹⁹

Assim, os evangélicos foram o grupo que mais cresceu. Enquanto que os católicos:

[...] passaram de 73,6% em 2000 para 64,6% em 2010. Embora o perfil religioso da população brasileira mantenha, em 2010, a histórica maioria católica, esta religião vem perdendo adeptos desde o primeiro Censo, realizado em 1872. Até 1970, a proporção de católicos variou 7,9 pontos percentuais, reduzindo de 99,7%, em 1872, para 91,8%.²⁰

Os católicos foi o grupo que mais perdeu membresia. Muito embora exista essa defasagem do catolicismo brasileiro, o país possui ainda a maior ocorrência de católicos do mundo. Ou melhor dizendo, conforme Faustino Teixeira: “O catolicismo romano é ainda preponderante, mas perde a cada década sua centralidade, passando a se firmar como ‘religião da maioria dos brasileiros’, mas não mais a ‘religião dos brasileiros’”.²¹

Por meio de variáveis sociodemográficas, estudos apresentam como escolhas religiosas, idade e sexo, como maneira de identificar as transformações: ações e futuras mudanças no contexto religioso do Brasil. De 2003 a 2009 percebe-

¹⁸ CAMURÇA, Marcelo Ayres. O Brasil religioso que emerge do Censo de 2010: consolidações, tendências e perplexidades. In: TEIXEIRA, Faustino. MENEZES, Marta (Org.) *Religiões em Movimento: O censo de 2010*. Petrópolis: Vozes, 2013. p. 63.

¹⁹ IBGE, 2010.

²⁰ INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. *Censo 2010*, 2012, p. 90. Disponível em: <<http://censo2010.ibge.gov.br/sinopse/index.php?dados=1&uf=35>>. Acesso em: 18 mar. 2017.

²¹ TEIXEIRA, Faustino. O censo de 2010 e as religiões no Brasil: esboço de uma apresentação. In: TEIXEIRA, Faustino; MENEZES, Marta (Orgs.). *Religiões em Movimento: O censo de 2010*. Petrópolis: Vozes, 2013. p. 23.

se um sensível declínio no número de seguidores do catolicismo em todas as faixas etárias. A queda foi menor para o grupo com idade mais avançada (de 77,53% para 74,24%). Em compensação, a queda foi maior no grupo dos mais jovens (de 75,22% para 67,49%).²²

A relação de gênero com a religiosidade pode ser constatada e, nesse quesito, mostra o quanto que, apesar das mulheres serem relativamente mais ligadas à religião que os homens, atualmente elas (71,3%) são menos católicas que eles (75,3%). Uma possível explicação para a dissociação dos valores do catolicismo e a migração para outras denominações e práticas religiosas está nas transformações ocorridas na sociedade recentemente – como na entrada da mulher no mercado de trabalho e na chamada revolução feminina.²³

Merece destaque na sondagem o que diz respeito ao levantamento da situação da religião nos estados e nas capitais brasileiras. O Estado do Piauí se configura como o mais católico (87,93%) e o Estado do Rio de Janeiro como o segundo menos católico, e o Estado do Acre aparece como o de maior participação de evangélicos pentecostais (24,18%)²⁴. O Instituto Datafolha apontou em sua pesquisa que:

Três em cada dez (29%) brasileiros com 16 anos ou mais atualmente são evangélicos, dividindo-se entre aqueles que podem ser classificados como evangélicos pentecostais (22%), em maior número e frequentadores de igrejas como Assembleia de Deus, Universal do Reino de Deus, Congregação Cristã e Quadrangular do Reino de Deus, e 7%, como evangélicos não pentecostais, pertencentes a igrejas como Batista, Presbiteriana e Metodista, entre outras. Esse segmento evangélico fica abaixo do formado por católicos (50%), e ainda há 14% sem religião, 2% de espíritas, kardecistas e espiritualistas, 1% de umbandistas, 1% de praticantes do candomblé, 1% de ateus e 2% de outras religiões. Desde a década de 90, quando o Datafolha iniciou sua série histórica de consultas sobre o tema, esse quadro tem se alterado, com a diminuição na diferença dos índices de católicos e evangélicos e, mais recentemente, o aumento no número de brasileiros sem religião.²⁵

O estudo coordenado por Neri aponta – ao examinar sobre a evolução

²² MARTINS, Antonione Rodrigues. Novo Mapa das Religiões no Brasil. Resenha de NERI, Marcelo Côrtes (Coord.). *Horizonte*. Belo Horizonte, v. 9, n. 23, p. 942-945, out./dez. 2011, p. 944. Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/horizonte/article/view/2849/3341>>. Acesso em: 17 mar. 2017.

²³ MARTINS, 2011, p. 943-944.

²⁴ MARTINS, 2011, p. 944.

²⁵ INSTITUTO DATAFOLHA. *Perfil e Opinião dos Evangélicos no Brasil*. 44% dos evangélicos já foram católicos. Disponível em: <<http://media.folha.uol.com.br/datafolha/2016/12/28/da39a3ee5e6b4b0d3255bfef95601890afd80709.pdf>>. Acesso em: 18 mar. 2017.

religiosa por grupos etários entre 2003 a 2009 - uma queda significativa na proporção de católicos em todas as idades, entretanto, essa ocorrência tem maior incidência na faixa etária mais jovem. Vê-se, em compensação, um crescimento dos que não professam nenhuma religião entre as pessoas de 20 a 29 anos, e um relativo aumento no número dos evangélicos, entre as idades de 10 a 19 anos.²⁶

Assim, pesquisas buscam desvendar o arranjo religioso brasileiro, analisar detalhadamente a relação entre economia e religião, a partir de características de oferta de religião associadas às últimas mudanças. Somado a isso, procuram identificar a correspondência entre mobilidade social e crença, através do aumento do número dos sem religião e dos pentecostais e têm profunda ligação com os choques sociais e econômicos, como violência, favelização, desemprego, dentre outros.²⁷

De acordo com Campos²⁸, é preciso analisar, o que o Censo de 2000 delimitou ao apagar das luzes do século XX e se acendeu sob os holofotes da chegada do século XXI. E, desse modo, os números divulgados pelo IBGE, naquele período, aparentavam mostrar que o Brasil estava sendo menos católico, cada vez mais evangélico e, por outro lado, mais e mais secularizado, já que cresceu também o número de pessoas que se declaravam 'sem religião'. Entretanto, de acordo com o relatório do IBGE: “[...] a diversidade religiosa brasileira tem crescido muito nas últimas décadas, e as informações censitárias permitiram identificar a maior pluralidade religiosa no Brasil [...]”²⁹, porém o “... Brasil continua sendo mais católico apostólico romano, entretanto, com um ritmo de crescimento pequeno [...]”³⁰. Do mesmo modo também ficou claro, com os dados coletados pelas pesquisas do IBGE, o tamanho da 'avaria' que a ascendência pentecostal ocasionou no número de católicos. Todavia, cresceu o número de evangélicos, e houve, dentre eles, um relevante aumento no número de pentecostais, da mesma maneira que daqueles que se declararam pertencentes aos grupos de sem religião ou outras religiões:

Em números absolutos, as religiões do Brasil no ano 2000, contavam com: 124.976.912 católicos romanos (73,77% da população brasileira);

²⁶ MARTINS, 2011. p. 944.

²⁷ MARTINS, 2011, p. 944-945.

²⁸ CAMPOS, Silveira Leonildo. *Os Mapas, Atores e Números da Diversidade Religiosa Cristã Brasileira: Católicos e Evangélicos entre 1940 e 2007*. 2008, pp. 10. Disponível em: <http://www.pucsp.br/rever/rv4_2008/t_campos.pdf>. Acesso em: 20 mar. 2017.

²⁹ IBGE, 2003 *apud* CAMPOS, 2008, p. 12.

³⁰ CAMPOS, 2008, p. 9-47.

26.166.930 evangélicos (15,44% da população); 2.337.432 espíritas (1,38% da população); 571.329 entre os afro-brasileiros (0,34%), com uma presença de 432.001 de Umbanda (0,26) e 139.328 de candomblé (0,08), que não estão adicionados como religiões afro-brasileiras e sim, divididos entre uma e outra. É sabido que existem mais que dez diferentes religiões agrupadas sobre a marca do candomblé, mas na pesquisa feita pelo IBGE não é possível ver esta variedade dentro da citada denominação.³¹

Nove anos se passaram e os resultados do Censo Demográfico 2010 apontam para o crescimento da diversidade dos grupos religiosos brasileiros, deixando perceber, então, uma maior pluralidade nos locais mais urbanizados e com maior densidade demográfica. A tendência de redução na proporção de católicos obedeceu à tendência já auferida nas duas décadas anteriores, todavia, mantendo-se majoritária. Em correlato, estabilizou o crescimento da porção da população que se afirmou evangélica. Também indicam, os dados deste censo, o aumento do total de indivíduos que praticam a religião espírita, dos que se manifestam sem religião, embora num ritmo abaixo ao da década anterior e do bloco que pertence a outras religiões.³²

Nas pesquisas realizadas pelo IBGE foi revelado que, naquilo que diz respeito à educação, os espíritas apresentaram a média maior de frequência escolar (9,6), aqueles que se declararam umbandistas e pertencentes ao candomblé têm uma média de 7,2 anos de estudo, os evangélicos de missão 6,9, já os católicos apostólicos romanos possuem 5,8, os declarados sem religião 5,6 e os evangélicos pentecostais estão na marca de 5,3 de tempo escolar.³³

Atualmente, os adeptos da religiosidade afro-brasileira possuem maior tempo de estudo que os evangélicos e, por sua vez, os chamados sem religião, ultrapassam esse tempo de vida escolar, mais do que os evangélicos pentecostais. Sobre a questão de etnia, o Censo 2010 apurou que:

[...] a maior proporção de pessoas que se autodeclararam da cor branca no campo da religiosidade brasileira, são: judaica (96,4%), evangélica de missão luterana (95,8%) e islamismo (88%). As religiões com maior proporção de pessoas que se declararam pretas são: candomblé (22,8%), umbanda (16,7), casa da benção (10%) e sem religião (9,3%). As religiões com maior proporção de pardos são as seguintes: Católica Apostólica Brasileira (48,5%), Assembléia de Deus (47,5%) e Deus É Amor (45,9%). As maiores proporções de amarelos estão no Budismo (37,8%) e outras novas religiões orientais (36,6%).³⁴

³¹ INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. *Censo 2000*. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2000/>>. Acesso em: 20 mar. 2017.

³² IBGE, 2012, p. 90.

³³ IBGE, 2012, p. 90.

³⁴ IBGE, 2010, p. 90.

Assim, como vêm demonstrando os censos realizados pelo IBGE, concretamente, não é mais possível avaliar e estudar o campo religioso brasileiro sem considerar-se a carismatização do Catolicismo³⁵ e a pentecostalização do Protestantismo histórico³⁶, nem a multiplicação de novos grupos pentecostais, alguns deles extremamente segmentados, pois se voltam para os surfistas, drogados, gays, apreciadores de rock, e assim por diante. Os números futuros, sem dúvida, irão refletir tais mudanças. De acordo com Faustino Teixeira:

Apesar dos limites, o Censo do IBGE apresenta dados que são muito importantes para sinalizar tendências no campo religioso brasileiro. Um dos traços que vem se delineando desde o Censo 2010 é a progressiva pluralização e diversificação do campo em questão. Destaca-se também a intensificação do trânsito religioso, da provisoriabilidade da adesão e a dinâmica da privatização da prática religiosa.³⁷

Desse modo, o Censo de 2010 revelou novas tendências no campo religioso brasileiro, apontando para uma maior diversificação e a intensificação do trânsito religioso. O Brasil é um país marcado pela diversidade religiosa, que vai além de evangélicos, católicos, pois conta, desde o início da sua história, com as mais diversas tradições religiosas indígenas, religiões de tradições afro-brasileiras, religiões de tradição oriental e também há um grupo significativo sem-religião. Tendo em vista este contexto, é fundamental, reconhecer e refletir sobre a diversidade religiosa no contexto brasileiro.

³⁵ BOSCHINI, Alexandre Douglas; LANZA, Fabio. *Renovação Carismática Católica: meios de aproximação com a juventude*. p. 1. Disponível em: <<http://www.uel.br/eventos/semanacsoc/pages/arquivos/douglas.pdf>>. Acesso em: 25 Jun. 2017. De acordo com os autores: “A Renovação Carismática Católica promoveu diversas transformações no interior da Igreja Católica, sendo a aproximação do público jovem uma das mais evidentes. No decorrer de seu desenvolvimento, diversas ações foram tomadas visando uma maior participação dos fiéis com menor faixa etária, fato qual gerou um aumento dos espaços utilizados pela Igreja assim como, uma ampliação das ferramentas de comunicação com seus integrantes. As transformações produzidas pela Renovação Carismática Católica trazem consigo uma atitude adaptativa da Igreja perante as novas formulações sociais e as novas demandas provenientes de seu público.”

³⁶ CAMPOS, Leonildo Silveira. Pentecostalismo e Protestantismo “Histórico” no Brasil: um século de conflitos, assimilação e mudanças. *Horizonte*. Belo Horizonte, v. 9, n. 22, 2011, p.527. Para sobreviver, o protestantismo histórico irá assimilar os principais eixos teológicos e litúrgicos do pentecostalismo, selecionando, de acordo com a sua tradição, os traços que mais se aproximem de sua “performance” tradicional. Neste cenário, o pentecostalismo já teria experimentado um processo de institucionalização, abrandando algumas de suas ênfases mais agressivas e abandonando características próprias de todo movimento carismático, ainda pouco burocratizado e muito contestador.

³⁷ TEIXEIRA, Faustino. O Imprescindível Desafio da Diferença Religiosa. *Rev. Inter. Mob. Hum. Brasília*, Ano XX, Nº 38, jan./jun. 2012, p. 23. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/remhu/v20n38/a11v20n38.pdf>>. Acesso em: 20 jan. 2017.

1.2 Reconhecer a Diversidade Religiosa

Em diversas áreas do saber, entre estas as Ciências das Religiões, tem se tomado de forma intensa a questão do estudo da diversidade religiosa³⁸ no Brasil como objeto de estudo. O Brasil é um país plural³⁹ desde a sua conquista, pois viviam neste continente inúmeros povos indígenas, também com características religiosas e culturais distintas. Reconhecer e respeitar a diversidade religiosa são princípios fundamentais para o querer conhecer o/a outro/a, numa relação de alteridade⁴⁰. Como foi visto, anteriormente, o quadro religioso no Brasil está se modificando, de acordo com Campos, é necessário observar vários fatores para entender a mobilidade religiosa.

Relacionar o estado, o processo e o grau de desenvolvimento de nossa diversidade religiosa implica na percepção de que a realidade está ligada não somente à urbano-industrialização, mas também ao êxodo rural, à explosão de megalópoles e de metrópoles regionais, ao aumento da desigualdade social e ao surgimento de uma cultura mundializada.⁴¹

Além do processo de urbanização e industrialização, o êxodo rural fez explodir a megalópoles e metrópoles regionais, aumentando também a desigualdade social e também a cultura mundializada. Além do mais, Campos relembra:

[...] também que as curvas de crescimento e de decréscimo religioso no Brasil tiveram como contexto fenômenos políticos, econômicos e sociais

³⁸ DIVERSIDADE RELIGIOSA. São os diferentes tipos de religiões pelo mundo a fora, há religiões diferentes por todo o mundo. A religião de forma geral é o religa a Deus, porém nem toda religião é voltada pra adoração dele, algumas são politeístas (isto é, tem vários deuses,) o importante é aceitar a diversidade que há no mundo! In: DICIONÁRIO INFORMAL. Disponível em: <<http://www.dicionarioinformal.com.br/significado/diversidade%20religiosa/8436/>>. Acesso em: 12 jan. 2017.

³⁹ PLURALIDADE RELIGIOSA. Não se deve confundir pluralidade religiosa com diversidade religiosa. A diversidade ou variedade religiosa é definida pela existência de diversos cultos e formas de religião diferentes em um único espaço. Enquanto que, a pluralidade religiosa é entendida como um pensamento filosófico que diz serem todos os tipos de religiões verdadeiras e válidas. Para a pluralidade religiosa, todas as crenças religiosas são verdadeiras, contanto que busquem pelos mesmos objetivos: o bem celestial e a felicidade da alma. Para aceitar a ideia de pluralidade religiosa não precisa ser praticante de uma religião, já que esta é considerada uma filosofia religiosa e não uma religião em si. In: SIGNIFICADOS. Disponível em: <<https://www.significados.com.br/pluralidade/>>. Acesso em: 12 jan. 2017.

⁴⁰ FLEURI, Reinaldo Matias. Intercultura e educação. *Rev. Bras. Educ.*, Rio de Janeiro, n. 23, May/Aug. 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782003000200003>. Acesso em: 13 jan. 2017. Em relação à alteridade: Trata-se do desafio de se respeitar as diferenças e de integrá-las em uma unidade que não as anule, mas que ative o potencial criativo e vital da conexão entre diferentes agentes e entre seus respectivos contextos.

⁴¹ CAMPOS, 2008, p. 34.

significativos, além da Segunda Guerra Mundial, da turbulência econômica pós-1929; das transformações políticas do período Vargas (1930-1945) marcadas pelo populismo e autoritarismo. Após o período desenvolvimentista de Juscelino Kubitschek, o país experimentou crises que levaram os militares para o exercício do poder político (1964). Esses militares voltariam aos quartéis somente 21 anos depois (1985). Porém, nos anos 80, os meios de comunicação de massa, rádio e televisão principalmente, se aproveitando do avanço da telefonia na década anterior e da unificação comunicacional do país, passaram a oferecer às pessoas novas maneiras de rearticulação do tradicional com o moderno. O campo religioso dificilmente iria sair sem profundas alterações diante de tantas mudanças experimentadas pela sociedade brasileira nessas seis décadas visibilizadas nos números dos censos de 1940 e o de 2000.⁴²

Portanto, o desenvolvimento histórico, social e cultural teve, sem dúvida, grande impacto nas mudanças religiosas ocorridas na sociedade brasileira. Neste processo, a mídia adquiriu um importante papel no processo de reatar as relações com as tradições religiosas. O que se percebe no Brasil é que a tese defendida por Berger; que as consequências do projeto de modernidade provocariam uma rejeição vigorosa das tradições e uma crescente racionalização de todas as esferas da vida social, contexto que as instituições religiosas, paulatinamente, deixariam de possuir o poder e a relevância na sociedade não se concretizou.⁴³

No entanto, em seu texto “A dessecularização do mundo: Uma visão global”, Berger, reviu seus postulados sobre uma tendência irreversível da secularização e disse:

Argumento ser falsa a suposição de que vivemos em um mundo secularizado. O mundo hoje, com algumas exceções (...) é tão ferozmente religioso quanto antes, e até mais em certos lugares. Isso quer dizer que toda uma literatura escrita por historiadores e cientistas sociais vagamente chamadas de ‘teoria da secularização’ está essencialmente equivocada.⁴⁴

Berger, dessa maneira, reconhece que a teoria da secularização não se realizou e o mundo continua religioso e em até mais em algumas partes do mundo. No Brasil, a partir dos anos de 1960, com o crescimento geométrico das igrejas evangélicas, foi o momento em que o pluralismo institucional se fortaleceu em solo brasileiro, de acordo com Cecília Loreto Mariz e Maria das Dores Campos Machado:

O crescimento das igrejas evangélicas a partir da década de 60 inaugurou o pluralismo institucional no Brasil. Afirmar isso não significa dizer que até

⁴² CAMPOS, 2008, p. 11.

⁴³ BERGER, Peter L. *O Dossel Sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião*. São Paulo: Paulinas, 1983. p. 34.

⁴⁴ BERGER, Peter L. A dessecularização do mundo: uma visão global. *Religião e Sociedade*, Rio de Janeiro, v.21, n.1, p. 10, 2001.

então este país não conhecia prática religiosa plural. Apesar da quase exclusividade da identidade católica, esta sociedade já conhece de muito tempo a diversidade de crenças e práticas religiosas. Como tem mostrado com frequência a literatura, o catolicismo sempre foi uma religião polifônica, polissêmica e cheia de embates internos. No entanto, enquanto instituição, a Igreja Católica nunca encontrou rival até bem recentemente no Brasil. Os grupos de religião afro-brasileira, cujo registro histórico data do século XVII, e as igrejas protestantes, que chegaram ao país no século XIX, não ameaçavam a predominância católica. Por um lado, os adeptos das religiões afro-brasileiras percebiam (e a maioria ainda parece perceber) sua prática religiosa como complementar ao catolicismo e por isso se diziam e ainda hoje se dizem católicos. Por outro, os protestantes, que rejeitam a identidade católica, não constituíam ameaça devido a sua insignificância numérica e sua pequena aceitação pela população em geral. O protestantismo só ganha alguma visibilidade nacional com o vertiginoso crescimento das igrejas pentecostais que o censo somente revelou a partir das décadas de 60 e 70.⁴⁵

De acordo com as autoras, não existia até os anos 60 e 70 um pluralismo institucional, pois os grupos de religião afro-brasileira (registros desde o século XVII) e o protestantismo (chegada ao Brasil no século XIX) não ameaçavam a hegemonia católica. O protestantismo só ganhou visibilidade com o crescimento das igrejas pentecostais nas décadas de 60 e 70, se fortalecendo nas décadas de 80 e 90. As autoras citadas, firmadas nos autores Mariano e Freston, apontam para este crescimento dois fatores:

Nesta época, o pentecostalismo ganha visibilidade maior no espaço público, com o surgimento das igrejas chamadas neopentecostais que adotam projetos políticos claros (MARIANO, 1995; FRESTON, 1994). Entre estas igrejas, destaca-se a Igreja Universal por, entre outras coisas, seu projeto institucional mais ousado. Também este mesmo período é marcado pela expansão do MRCC, que agora alcança, e com sucesso, as camadas populares. Na década de 90, não são mais as Comunidades Eclesiais de Base que preocupam os cientistas sociais e que mobilizam os católicos, mas sim o MRCC, que chegou ao Brasil importado dos EUA em 69/ 70, e que, diferentemente das CEBs, tem um projeto de reforçar a identidade católica e sua instituição, a Igreja. Segundo dados recentes (PIERUCCI, PRANDI, 1996), o MRCC alcança bem mais católicos do que as CEBs. Os católicos carismáticos representam agora 4% da população brasileira, enquanto os progressistas não ultrapassam a casa dos 2%.⁴⁶

A cena brasileira, evidentemente, conhecia a diversidade religiosa, desde os cultos afro-brasileiros até a chegada do protestantismo. Entretanto, estas religiões não representavam ameaça, de acordo com Sanchis⁴⁷ à hegemonia do catolicismo,

⁴⁵ MARIZ, Cecília Loreto; MACHADO, Maria das Dores Campos. Mudanças recentes no campo religioso brasileiro. *Antropolítica*, nº 5, p. 23, 1998. Disponível em: <http://www.uff.br/antropolitica/revistasantropoliticas/revista_antropolitica_05.pdf>. Acesso em: 17 mar. 2017.

⁴⁶ MARIZ; MACHADO, 1998, p. 24.

⁴⁷ SANCHIS, 2001, p. 11.

em função da diminuta significância numérica das outras denominações e, ainda, pelo fato de que esse pluralismo não contestava a identidade católica, muito menos a sua relação com a ideia de nação. Embora existisse uma diversidade interna de crenças, a pessoa não se via diante de uma diversidade de instituições que lhe impusesse exclusividade de afiliação. Desta maneira, a liberdade de religião no Brasil só passou, concretamente, a ser uma realidade, de forma legal, com a promulgação da primeira Constituição Republicana, a de 1891⁴⁸, quando a igreja e o Estado se apartaram. No entanto, esta questão continua inconclusa.⁴⁹

Ainda de acordo com Sanchis, são três veios que potencializam o terreno de pluralidade religiosa brasileira: O candomblé e a umbanda, os cultos de origem oriental, e o universo tipicamente contemporâneo da Nova Era. Modalidades de religião como essas – que não são consideradas cristãs – representam 3,5% da população, ou seja, 1,38% são espíritas, 0,34% são adeptos das religiões afro-brasileiras, 0,15% são budistas, e outras religiões orientais como (Seicho-No-Ie, Messiânica, Perfect Liberty, Shinto, Bahai, Tao...) correspondem a 0,11% da população. Os esotéricos chegam a 0,04%, a religião judaica 0,06% e os muçulmanos 0,01%. As classificadas “tradições religiosas indígenas”, pelo IBGE, que têm origem brasileira, como o Santo Daime, União do Vegetal e Barquinha somam com 0,01% dos habitantes da nação brasileira.⁵⁰

Essa celebração da diversidade, proclamada por alguns teóricos, aponta Pierucci, “beira às raias do ufanismo embevecido”⁵¹ e, por mais que a avançada tabulação do Censo Demográfico de 2002 ofereça cerca de 35.000 respostas, agrupadas depois em 144 referentes à pergunta: “qual é a sua religião?”, ao serem analisados, entretanto, os dados se apresentam sob a equação católicos e evangélicos, o que significa: cristãos. O pesquisador Emerson Giumbelli, com

⁴⁸ BRASIL. Constituição da República dos Estados Unidos do Brasil (de 24 de fevereiro de 1891). Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao91.htm>. Acesso em: 22 mar. 2017.

⁴⁹ ORO, Ari Pedro Intolerância religiosa iurdiana e as reações afro no Rio Grande do Sul; in Intolerância Religiosa: Impactos do Neopentecostalismo no Campo religioso Afro-brasileiro. SILVA, Vagner Gonçalves da. *Intolerância Religiosa: Impactos do Neopentecostalismo no Campo religioso Afro-brasileiro* Pedro Oro ... et al.; Vagner Gonçalves da Silva (Org.). - São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2007. p. 43

⁵⁰ CAMURÇA, Marcelo Ayres. A realidade das religiões no Brasil no Censo do IBGE- 2000. In: TEIXEIRA, Faustino; MENEZES, Renata (Orgs.). *As religiões no Brasil: continuidades e rupturas*. Petrópolis: Vozes, 2006. p. 38.

⁵¹ PIERUCCI, Antônio Flávio. Cadê nossa diversidade religiosa? Comentários ao texto de Marcelo Camurça. In: TEIXEIRA, Faustino; MENEZES, Renata. (Org.). *As Religiões no Brasil: Continuidades e Rupturas*. Petrópolis: Vozes, 2006. p. 49.

posicionamentos semelhantes aos de Pierucci, sobre o processo de desinstitucionalização religiosa e, ao mesmo tempo, sobre o aumento do pluralismo religioso no Brasil, aponta que:

a gente vive um pouco processos contraditórios. Por um lado, o aumento da diversidade é algo evidente, mesmo que ele não se expresse assim de uma forma institucional. Acho que é preciso procurar ele em vários lugares, dentro das próprias religiões ou do lado das pessoas que buscam e combinam de referências que são cada vez mais variadas, inclusive aquelas que não têm uma representação institucional aqui no Brasil mais que as pessoas têm acesso através de livros ou coisas do tipo. Ao mesmo tempo, por isso que é contraditório, existe um movimento no sentido de que certas expressões reafirmam um desejo, um movimento de predomínio, e isso no Brasil se localiza em torno do cristianismo a idéia de uma reafirmação do predomínio cristão no Brasil. Então eu acho que a situação atual é um pouco uma combinação dessas duas tendências, de todo modo colocando algo novo e que precisa ser melhor compreendido.⁵²

Diferente de Pierucci, Giumbelli julga, por meio da colocação dos processos contraditórios, aqueles fenômenos fora dos espaços institucionais que poderiam fugir ao “predomínio” cristão. Se é tão plural a religião dos brasileiros ou não, os posicionamentos sobre esse assunto são variados. A realidade é que o campo religioso do Brasil vem sofrendo uma série de transformações, tanto no centro das denominações estabelecidas quanto na mudança de funções e sentidos da religião. Faustino Teixeira, analisando Pierucci, afirma:

Depois de passar brevemente pelas distintas malhas do catolicismo brasileiro, pode-se retomar a questão levantada no início a partir de uma indagação polêmica de Antônio Flávio Pierucci sobre a pretensa diversidade religiosa no Brasil. Um olhar exclusivo para a declaração de crença do último censo espelha, de fato, uma diversidade ‘rala, apertada’ e ‘rarefeita’, concentrada na sobra dos 3,5% de declarantes que não são católicos, evangélicos ou ‘sem religião’. Mas o olhar atento para as práticas e crenças reais favorece perceber outras vertentes que escapam aos dados quantitativos. O que se vê, como no caso do catolicismo majoritário, é a presença de uma identidade plástica, permeável ao influxo de outras tradições e sistemas religiosos, ou, pelo menos, de seus fragmentos. E isso ocorre inclusive em expressões religiosas com propostas de exclusivismo religioso, como é o caso da RCC.⁵³

Teixeira aponta para o fato de que o próprio catolicismo é plural, apresentando uma identidade plástica, permeável, inclusa com outras expressões religiosas, especialmente daquelas vindas do movimento pentecostal. É o que se vê,

⁵² GIUMBELLI, Emerson. O “Chute na Santa”: blasfêmia e pluralismo religioso no Brasil. In: BIRMAN, Patrícia. *Religião e espaço público*. São Paulo: Attar, 2003. p. 42.

⁵³ TEIXEIRA, Faustino. Faces do catolicismo brasileiro contemporâneo. Revista USP, São Paulo, n.67, set./nov., p. 22, 2005. Disponível em: <<http://www.periodicos.usp.br/revusp/article/viewFile/13452/15270>>. Acesso em: 15 mar. 2017.

por exemplo, Renovação Carismática Católica do Brasil que se utiliza de muitos elementos do pentecostalismo, como o falar em línguas, entre outros elementos. Esta pluralidade também se mostra no protestantismo brasileiro.

Quando surge o debate sobre protestantismo no Brasil é quase que natural lidar com ele como se fosse um fenômeno sem distinções, genérico, no qual todos os seus seguidores seguissem as mesmas doutrinas e princípios, liturgias, dando a mesma relevância a questões tais como: predestinação, glossolalia, batismo pelo Espírito Santo e exorcismo. No entanto, apesar de dar impressão contrária, o protestantismo brasileiro é muito mais complexo e plural. O protestantismo nunca foi homogêneo. Desde a sua chegada ao Brasil, ele foi plural e diverso.⁵⁴

Assim, os pesquisadores do protestantismo do Brasil, têm, atualmente, enorme dificuldade de utilizar metodologicamente as tipologias: protestantes históricos (imigração e missão), pentecostais e neopentecostais, pela largueza da identidade destas denominações⁵⁵. Hoje é possível encontrar igrejas ligadas ao protestantismo histórico, porém, tendo em suas práticas diárias o uso de várias características do pentecostalismo, por exemplo, das Igrejas Congregacionais e Presbiterianas⁵⁶. Infelizmente, os protestantismos brasileiros de missão, em grande parte, se construíram em oposição ao catolicismo⁵⁷. A grande maioria de protestantes e evangélicos não faz parte do movimento ecumênico, isto é, do Conselho Nacional de Igrejas Cristãs (CONIC).⁵⁸ Há uma grande diversidade religiosa no país, mas as ações conjuntas de igrejas e religiões ainda é pequena. No entanto, a intolerância religiosa tem crescido no Brasil⁵⁹, especialmente contra as

⁵⁴ SANCHIS, Pierre. *As religiões dos Brasileiros*. Horizonte, Belo Horizonte, v. 1, n. 2, 2º sem. 1997. Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/horizonte/article/view/412>>. Acesso em: 15 mar. 2017.

⁵⁵ SCHULTZ, Adilson. *Deus está presente – o Diabo está no meio*. O protestantismo e as estruturas teológicas do imaginário teológico brasileiro. Tese de Doutorado. São Leopoldo: Faculdades EST, 2005, p. 94-109. Disponível em: <http://www3.est.edu.br/biblioteca/btd/Textos/Doutor/Schultz_a_td48.pdf>. Acesso em: 20 mar. 2017.

⁵⁶ MACHADO, Maria das Dores Campos. *Carismáticos e pentecostais: adesão religiosa na esfera familiar*. Campinas, SP: Autores Associados; São Paulo SP: ANPOCS, p. 46, 1996. Uma das primeiras igrejas a aprovar a prática da glossolalia foi a Presbiteriana.

⁵⁷ SILVA, Elizete da. Protestantismo e questões sociais. *Sitientibus*, Feira de Santana, p. 134, 1996. Disponível em: <http://www2.uefs.br/sitientibus/pdf/14/protestantismo_e_questoes_sociais.pdf>. Acesso em: 20 mar. 2017.

⁵⁸ CONSELHO NACIONAL DE IGREJAS CRISTÃS – CONIC. *Igrejas membro*. Disponível em: <<http://www.conic.org.br/portal/igrejas-membro>>. Acesso em: 17 mar. de 2017.

⁵⁹ TERAOKA, Cortizo Massao Thiago. *A Liberdade Religiosa no Direito Constitucional Brasileiro*. Tese de Doutorado. Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2010. p. 133. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/2/2134/tde-21062011-095023/publico/liberdade_religiosa_completa.pdf>. Acesso em: 20 mar. 2017.

religiões de tradição afro-brasileiras, por parte de grupos de tradição pentecostal.

1.3 Perspectivas para uma nova hermenêutica: superar a intolerância religiosa

Em uma sociedade globalizada e, conseqüentemente, plural, urge também uma norma interpretativa para um diálogo que leve à prática do respeito à diversidade. Uma hermenêutica que contenha os dados comuns que possam entrelaçar as diferenças culturais e religiosas é necessária, que tenha por objetivo a compreensão, a paz e harmonia.

A intolerância religiosa cresceu no mundo e no Brasil, especialmente, após os ataques das torres gêmeas em Nova York, no dia 11 de setembro de 2001, de acordo com Aurenéa Maria de Oliveira:

Atualmente, sobretudo após os ataques de 11 de setembro de 2001, a intolerância religiosa voltou a ser assunto do dia, reafirmando o preconceito, a insegurança e o medo, posto que, tendo um fundamento irracional, violento e destrutivo, essa intolerância também possui uma configuração racional, que se apresenta quando se aceita que o Estado lute contra outros povos e culturas, tomados como uma ameaça à chamada homogeneidade da sociedade civil, a sua ordem interna.⁶⁰

A Declaração Universal dos Direitos Humanos, adotada pela Organização das Nações Unidas em 1948, constituiu-se em um grande marco na intervenção mundial proposta para conter os abusos e violências em nome da religião. O seu Artigo 18º afirma:

Toda a pessoa tem direito à liberdade de pensamento, de consciência e de religião; este direito implica a liberdade de mudar de religião ou de convicção, assim como a liberdade de manifestar a religião ou convicção, sozinho ou em comum, tanto em público como em privado, pelo ensino, pela prática, pelo culto e pelos ritos.⁶¹

No que tange ao marco regulatório brasileiro, o ápice das conquistas com base na liberdade religiosa foi constituído efetivamente a partir da Constituição Federal de 1988. A Carta Magna do Brasil em seu artigo 3º, inciso IV, assegura que

⁶⁰ OLIVEIRA, Aurenéa Maria de. Preconceito, estigma e intolerância religiosa: a prática da tolerância em sociedades plurais e em Estados multiculturais. *Estudos de Sociologia*, Rev. do Progr. de Pós-Graduação em Sociologia da UFPE, v. 13, n. 1, p. 222, 2014. Disponível em: <<http://www.revista.ufpe.br/revsocio/index.php/revista/article/download/215/175>>. Acesso em: 20 jan. 2017.

⁶¹ BIBLIOTECA VIRTUAL DE DIREITOS HUMANOS. *Declaração Universal dos Direitos Humanos*. Artigo 18. Disponível em: <<http://www.direitoshumanos.usp.br/index.php/Declara%C3%A7%C3%A3o-Universal-dos-Direitos-Humanos/declaracao-universal-dos-direitos-humanos.html>>. Acesso em: 20 jan. 2017.

o Estado deve “promover o bem de todos, sem preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação”⁶². O artigo 5º, incisos VI e VIII, acrescentam:

– é inviolável a liberdade de consciência e de crença, sendo assegurado o livre exercício dos cultos religiosos e garantida, na forma da lei, a proteção aos locais de culto e a suas liturgias; (...) VIII - ninguém será privado de direitos por motivo de crença religiosa ou de convicção filosófica ou política, salvo se as invocar para eximir-se de obrigação legal a todos imposta e recusar-se a cumprir prestação alternativa, fixada em lei.⁶³

A liberdade de culto está garantida na Carta Magna, entretanto, a intolerância religiosa é uma constante. Ela acontece, especialmente, em relação às religiões de tradição afro-brasileira. Um importante instrumento regulatório no campo da educação e da cultura foi a exatidão da Lei Nº 10.639/2003⁶⁴, que incluiu a disciplina de História e Cultura Afro-brasileira nos parâmetros curriculares nacionais⁶⁵, alterando a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (Lei 9394/96). Todavia, a intolerância religiosa está também ligada a outras intolerâncias. Segundo Oliveira:

[...] a intolerância política, cultural, étnica e sexual. A inquisição está presente no cotidiano dos indivíduos: no âmbito do espaço doméstico, nos locais do trabalho, nos espaços públicos e privados. Ela assume formas sutis de violência simbólica e manifestações extremadas de ódio, envolvendo todas as esferas das relações humanas. A intolerância é, portanto, uma das formas de opressão de indivíduos em geral fragilizados por sua condição econômica, cultural, étnica, sexual e até mesmo por fatores etários. Muitas vezes nos surpreendemos ao descobrir a nossa própria intolerância. A construção de uma sociedade fundada em valores que fortaleçam a tolerância mútua exige o estudo das formas de intolerância e das suas manifestações concretas, aliado à denúncia e combate a todos os tipos de intolerância. Por outro lado, a tolerância pressupõe a intransigência diante das formas de intolerância e fundamenta-se numa concepção que não restringe o problema da tolerância! intolerância ao âmbito do indivíduo; esta é também uma questão social, econômica, política e de classe.⁶⁶

⁶² BRASIL. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. *Constituição da República Federativa do Brasil de 1988*. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm>. Acesso em: 20 jan. 2017.

⁶³ BRASIL, 1998.

⁶⁴ BRASIL. *Lei Nº 10.639, de 9 de Janeiro de 2003*. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”, e dá outras providências. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.639.htm>. Acesso em: 23 mar. 2017.

⁶⁵ BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO (MEC). *Orientações e Ações para Educação das Relações Étnico-Raciais*. Secretaria da Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. Brasília: SECAD, 2006. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/orientacoes_eticoraciais.pdf>. Acesso em: 23 mar. 2017.

⁶⁶ OLIVEIRA, 2014, p. 240.

Assim, a intolerância religiosa está também atada à cor da pele e à classe social. Ainda não se superou no Brasil as relações étnico-raciais do escravismo, dado que os vínculos tradicionais, marcados pelo papel do “senhor branco”, frente ao “negro submisso”, permaneceram presentes mesmo com a passagem da abolição para o apogeu do “trabalho livre”. Neste sentido, o que ora se apresenta, como um fenômeno de rejeição às religiões de matriz africana, corresponde à negação da identidade negra no Brasil⁶⁷. Os negros e as negras têm uma história de 300 anos de escravidão no Brasil. Portanto, eles/as vivem, ainda hoje, um enjeitamento histórico, seja como seres humanos, em sua cultura, sua história e/ou sua religião. A prática de sua religião tem sido demonizada no decorrer da história brasileira, principalmente, por outras denominações, especialmente, pelas cristãs.

O cristianismo é tido e reconhecido como fonte de sabedoria e de educação, no que diz respeito a valores humanitários, no entanto, não logrou êxito em tornar a sociedade brasileira numa comunidade fraternal e solidária.

É fundamental e urgente repensar a questão religiosa no que tange à criminalização da prática das religiões de matriz africana no Brasil, que sofre cotidianamente a incitação ao ódio e à violência através de atos de intolerância religiosa. A intolerância fere física, psíquica e socialmente os adeptos das religiões de matriz africana, enquanto cidadãos de direitos constitucionalmente adquiridos e endossados através de legislações específicas.⁶⁸

De forma clara, atualmente, evidencia-se, de maneira paradigmática e transparente, a tese do teólogo suíço Hans Küng, que explicita:

Não haverá paz entre as nações, se não existir paz entre as religiões. Não haverá paz entre as religiões, se não existir diálogo entre as religiões. Não haverá diálogo entre as religiões, se não existirem padrões éticos globais. Nosso planeta não irá sobreviver se não houver um ethos global, uma ética para o mundo inteiro.⁶⁹

Segundo esse autor, a paz mundial, necessariamente, está imbricada com a

⁶⁷ SILVA, Lucília Carvalho da; SOARES, Katia dos Reis Amorim. A Intolerância Religiosa face às religiões de Matriz Africana como expressão das relações étnico-raciais brasileiras: O Terreno do combate à intolerância no município de Duque de Caxias. *Revista EDUC-Faculdade de Duque de Caxias*. V. 01, Nº. 03/Jan-Jun, 2015, p.2. Disponível em: <<http://www.faculadadeduquedecaxias.edu.br/educ/downloads/numero3/1-artigo.pdf>>. Acesso em: 20 fev. 2017.

⁶⁸ SILVA; SOARES, 2015, p. 11-12.

⁶⁹ KÜNG, Hans *Religiões do mundo: em busca dos pontos comuns*. 2 ed. Campinas: Verus, 2004. p. 17.

paz entre as religiões e numa agenda que construa um mínimo de consenso globalmente ético. Assim define Santos:

As tradições, todavia não são herméticas, porém hermenêuticas, existem preconceitos, pressupostos ou pré-juízos legítimos que devem ser verificados, evitados ou transformados ao longo das vivências humanas. Isto se dá por mediação da atividade dialogante, de novo, a linguagem. Ao invés de fechar-se em seu próprio horizonte, o ser humano deve procurar entender melhor o outro por meio da abertura às explicações que as pessoas tem a oferecer.⁷⁰

Dessa forma, é imprescindível uma hermenêutica que coloque em primeiro lugar a alteridade. A abertura mútua contribui para o desenvolvimento da religiosidade, a paz mundial, a grandeza do ser humano, visto que o ser social vive em sociedade. O respeito à alteridade, é obvio que o diferente ganha a confiança daquele que o escuta, na promoção de construção de um novo ser; seres construídos pelo meio, a sociedade em que vive e participa. Conforme Faustino Teixeira e Zwinglio Mota Dias: “O fato é que o pluralismo religioso impõe-se hoje como um componente ‘intransponível’, que desafia todas as religiões ao exercício fundamental do diálogo”⁷¹. A responsabilidade pela superação da violência religiosa não pode ser simplesmente institucional, mas, também, individual. O dia 21 de Janeiro de cada ano é uma lembrança dolorosa desta triste realidade no Brasil.

O Dia Nacional de Combate à Intolerância Religiosa, celebrado em 21 de janeiro, foi instituído em 2007 pela Lei nº 11.635. A data rememora o dia do falecimento da Iyalorixá Mãe Gilda, do terreiro Axé Abassá de Ogum (BA), vítima de intolerância por ser praticante de religião de matriz africana.⁷²

Não somente no Brasil, mas em todo o mundo, a intolerância grita por um agir urgente, o mundo precisa de paz. A palavra religião vem do latim “*religare*”, que significa religamento. O sentido desta palavra se estende para todo o universo da humanidade dividida, preconceituosa, vivendo na sua própria ilha, engessada no eu do fanatismo e da intolerância. Por isto, o dia 16 de novembro é lembrado, em todo mundo, como o Dia Internacional da Tolerância.

⁷⁰ SANCHES, Sidney Moraes. Narrativa e testemunho e as vivências humanas entre diferentes. In: OLIVEIRA, Davi Mesquiati de (Org.) *Pentecostalismo em Diálogo*. São Paulo: Fonte, 2014. p.13.

⁷¹ TEIXEIRA, Faustino; DIAS, Zwinglio Mota. *Ecumenismo e Diálogo Inter-Religioso – A arte do possível*. São Paulo: Santuário, 2015. p. 119.

⁷² BRASIL. CIDADANIA E JUSTIÇA. *Dia de Combate à Intolerância Religiosa é celebrado neste sábado (21)*. Disponível em: <<http://www.brasil.gov.br/cidadania-e-justica/2017/01/dia-de-combate-a-intolerancia-religiosa-e-celebrado-a-intolerancia-religiosa-e-celebrado-neste-sabado-21>>. Acesso em: 15 mar. 2017.

Com a globalização, a pluralidade cultural que existe no mundo se tornou ainda mais interligada, exigindo uma maior compreensão das pessoas em respeitar os diferentes modos de viver de cada cidadão. Isso, no entanto, não significa que devemos aceitar as ideias ou doutrinas de todas as sociedades, mas apenas aprender a respeitá-las e conviver com as diferenças. O Dia Internacional da Tolerância foi criado em 1996, pela Assembleia Geral da Organização das Nações Unidas (ONU). A ideia surgiu a partir do Ano das Nações Unidas para a Tolerância, em 1995, que foi decidida e programada desde 1993, pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura – UNESCO.⁷³

Não somente tolerar, mas respeitar, conviver, reconhecer o valor de cada pessoa, independente da confissão religiosa; é romper com o preconceito, com as religiões de matriz afro-brasileira. A autonomia do ser tem limite. A liberdade de ser se constrói na relação com o outro e a outra. Não existimos isoladamente, somos dependentes uns dos outros e da natureza que nos cerca.

Em vista disso, é fundamental que se construa uma nova hermenêutica, isto é, uma nova forma de interpretar, que leve em consideração o diálogo e o respeito. Neste sentido, Claude Geffré citado por Carlos Antonio da Silva⁷⁴ defende que o cristianismo tem, desde suas origens, uma abertura para o diálogo com as diferenças. São três os critérios para o diálogo apresentados pelo autor:

1º. Respeitar o outro em sua diferença. Deveríamos recordar sempre que o reconhecimento do estrangeiro está na raiz da tradição judaico-cristã. [...] 2º Ser fiel a si mesmo, à própria identidade. [...] O sujeito mesmo deve se definir a partir de certa identidade cultural e religiosa. Se, sob o pretexto da abertura e da universalidade, ele anular sua identidade, isso impossibilitará o diálogo. Sobretudo no contexto atual de indiferentismo e relativismo, o risco de abolir as diferenças irreduzíveis deve ser evitado. No caso do diálogo inter-religioso, a fidelidade a si mesmo, à sua própria tradição religiosa, é a condição basilar de um verdadeiro encontro. [...] 3º Certa igualdade entre os parceiros. É, sem dúvida, aí que reside a maior dificuldade no diálogo entre cristãos e não-cristãos. Não é fácil conciliar o engajamento absoluto que implica a verdade religiosa e a atitude de diálogo e de abertura à verdade dos outros. É essa coexistência difícil que a teologia deve se esforçar para pensar. Para viver a fé numa época de pluralismo religioso e de pluralidade de verdades, é preciso aprender a pensar o absoluto como um absoluto relacional e não como um absoluto de exclusão ou de inclusão[...]⁷⁵

Por conseguinte, para Geffré é fundamental no encontro com o outro o respeito à diferença, conhecer bem a sua própria identidade e construir uma relação

⁷³ DIA INTERNACIONAL DA TOLERÂNCIA. Disponível em: <<https://www.calendarr.com/brasil/dia-internacional-da-tolerancia/>>. Acesso em: 22 jan. 2017.

⁷⁴ GEFFRÉ, Claude *apud* SILVA, Carlos Antonio da. O paradoxo cristológico: A proposta de Claude Geffré para o diálogo inter-religioso. *Atualidade Teológica*, Ano XIII nº 33, setembro a dezembro/2009. Disponível em: <<https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/18291/18291.PDF>>. Acesso em: 21 jan. 2017.

⁷⁵ GEFFRÉ *apud* SILVA, 2009, p. 385-386.

de igualdade entre os dialogantes.

As tradições religiosas, então, sob essa nova perspectiva, são colocadas perante duas escolhas: a recusa do engajamento discursivo e da comunicação ou a abertura dialogal. A primeira opção, muitas vezes, implica na assunção do fundamentalismo, que significa a "defesa da tradição de forma tradicional"⁷⁶, em consequência das condições novas da comunicação global. A segunda escolha, a comunicação dialógica, que se coloca atualmente como um das mais essenciais à humanidade.

É no diálogo, então, com o/a outro/a que se conhece a si mesmo, aprofundando a sua própria identidade, construindo assim, relações mais igualitárias, superando o preconceito e a intolerância religiosa.

Em vista do roteiro que se pretende seguir com essa pesquisa, o segundo capítulo aprofundará a importância do diálogo inter-religioso, objetivando uma reflexão acerca da pluralidade religiosa brasileira.



⁷⁶ GIDDENS, Anthony. *Para além da esquerda e da direita*, 1. ed. São Paulo: UNESP, 1996, p. 14.

2 O DIÁLOGO INTER-RELIGIOSO: UM DESAFIO À PLURALIDADE RELIGIOSA NO BRASIL

O diálogo e a cooperação sejam eles entre as diferentes tradições cristãs, africanas, indígenas, muçulmanas, judaicas, budistas, entre outras, são, além de suma importância à paz no mundo, também necessários para a interação entre pessoas enquanto seres humanos. Não é sem razão que cresce, cada vez mais, a consciência de que é preciso que as denominações busquem o diálogo como solução aos desafios colocados pela pluralidade, especialmente, pensando na religiosidade brasileira. Um exemplo que pode ser destacado neste sentido foi o show da banda U_2 no Brasil, em 2006.

No último show da banda U_2 no Brasil, no dia 20 de fevereiro de 2006, a criatividade e a beleza da produção artística, a capacidade de comunicação do grupo e o ritmo envolvente das canções maravilharam a todos os espectadores. Além da simpatia e delicadeza do vocalista Bono Vox (Paul David Hewson) com o público, ele já possui renome internacional de 'cidadão politicamente correto' na defesa de causas humanitárias e ecológicas, ficamos encantados com o 'gesto religioso' de, em dado momento do show, entrar no palco com uma faixa na cabeça e a palavra 'ZOEYISUAM' em destaque. O 'C' era representado pela 'Z' (lua com a estrela), símbolo do Islamismo, o 'X' pela 'Y' (estrela de Davi), símbolo do Judaísmo, e o 'T' pela 'U' (cruz), símbolo do Cristianismo.⁷⁷

Tal reflexão toma o caminho para reconhecer nas religiões os mesmos valores de verdade das manifestações de fé cristã. Rosangela Stürmer aponta que o teólogo anglicano John Hick propôs em sua obra "Deus e o universo das crenças" (1973), depois em "Deus tem muitos nomes" (1980), o projeto de uma revolução copernicana na teologia, destinada a realizar a ponte de um paradigma cristocêntrico para um paradigma teocêntrico, ou seja, em Jesus se encontra Deus, todavia, Deus não é encontrado apenas em Jesus.⁷⁸

Este autor, portanto, coloca como entrada para o diálogo inter-religioso o paradigma Deus, e este tem nomes variados nas diferentes religiões. Isto significa que o cristianismo pode aprender com as outras tradições religiosas, não sendo,

⁷⁷ GUIMARÃES, Neves M. B. Perspectivas cristãs para o diálogo inter-religioso atual. *Horizonte*. Belo Horizonte, v. 5, n. 9, p. 80, 2006. Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/horizonte/article/view/480/498>>. Acesso em: 20 fev. 2017.

⁷⁸ STÜRMER, Rosangela. Diálogo inter-religioso. *Ciberteologia - Revista de Teologia & Cultura* - Ano IV, n. 15, p. 53-54, Janeiro/Fevereiro 2008. Disponível em: <<http://ciberteologia.paulinas.org.br/ciberteologia/wp-content/uploads/2009/06/01dialogointerreligioso.pdf>>. Acesso em: 23 jan. 2017.

desse modo, a única verdadeira e superior religião capaz de levar à salvação toda a humanidade. Para Hick, “a mensagem evangélica deve alimentar e aquecer o coração dos cristãos, e não ser imposta como norma universal para todos. Pois, o momento atual não é o do proselitismo, e, sim, o do diálogo inter-religioso”.⁷⁹

A diferença entre as culturas não é uma proibição para o diálogo, mas, sua possibilidade. Dessa forma, o enorme desafio está em facilitar um espírito de abertura para entender o diversificado contexto, rompendo com qualquer fragmento de intolerância, o que não significa abrir mão da própria identidade religiosa única, como já se apontou no primeiro capítulo, condição básica para todo processo dialogal, nem abdicar da consciência crítica para avaliar as fronteiras presentes nas experimentações em curso. Como afirma Teixeira:

Parte-se aqui do pressuposto de que a verdadeira compreensão de um fenômeno está intimamente relacionada com a sua explicação. Não há como compreender corretamente uma estrutura parcial senão inserindo-a no contexto de sua estrutura imediatamente englobante. Daí a importância de compreender a gênese do diálogo inter-religioso, antes mesmo de defini-lo como realidade concreta e em curso.⁸⁰

Procura-se, primeiramente, a partir da reflexão com diferentes autores, refletir sobre o seu desenvolvimento histórico, o seu significado e as consequências do mesmo para uma vivência pacífica e respeitosa entre as religiões e denominações religiosas.

2.1 Um Breve Histórico

Uma das características que despontam nos sistemas modernos de pluralização e globalização é sua velocidade e grande abrangência. Com a suavização das distâncias, as culturas e os povos adquirem uma nunca vista proximidade.

Como mostra Anthony Giddens, “eventos distantes, quer econômicos ou não, afetam-nos mais direta e imediatamente como jamais antes. Inversamente, decisões que tomamos como indivíduos são com frequência globais em suas

⁷⁹ HICK, John. *Teologia cristã e pluralismo religioso*. Trad. Luiz Henrique Dreher. São Paulo: ATTAR, 2005. p. 19.

⁸⁰ TEIXEIRA, Faustino. *Diálogo Inter-religioso, ontem e hoje*, s.d. p. 1. Disponível em: <<http://www.missilogia.org.br/cms/ckfinder/userfiles/files/53dialogointer.pdf>>. Acesso em: 20 fev. 2017.

implicações.”⁸¹

Não acontece somente a revolução das comunicações, a internacionalização das imagens e produtos e a interdependência econômica, todavia, o fenômeno tange o mundo íntimo dos indivíduos, marcando de modo diferenciado o espaço e o tempo da vida privada. Diz respeito, à globalização, não somente às questões externas, naquilo que se vê ou que está “lá fora” e distante das pessoas, porém, é um fenômeno que abrange o mundo “por dentro”, com impacto real nas dimensões mais íntimas e pessoais⁸². Ela repercute nos processos tradicionais de família, nos valores estabelecidos, nos padrões de vida e no mundo da religião. Acarreta uma drástica perturbação nas rotinas da vida.

Na visão de Hick⁸³, o capitalismo mundial foi um dos fatores externos que contribuiu com a globalização do mundo. No ponto de vista econômico o mundo se tornou uma aldeia global⁸⁴. O pluralismo religioso e o diálogo inter-religioso são também frutos dessa economia globalizada. Com a globalização político-econômica conseqüentemente houve aproximação dos povos não só do ponto de vista material, mas, também, no que concerne a valores culturais e religiosos que, da mesma maneira, se tornaram moeda de troca.

Na área religiosa, portanto, tais impactos são contundentes. As religiões passam também a disputar mercado. Airton Luiz Jungblut, em seu artigo *Globalização e religião: efeitos do pluralismo global no campo religioso contemporâneo*, ao citar Peter Berger, aponta que:

Ao diagnosticar uma situação de disputa mercadológica entre as várias modalidades de religião existentes no Ocidente contemporâneo, nos faz perceber que os grupos religiosos são constrangidos, em razão da pressão que sofrem para obter bons resultados nesse mercado, a racionalizarem

⁸¹ GIDDENS, Anthony. *A terceira via*. São Paulo: Record, 1999. p. 41.

⁸² GIDDENS, Anthony. *Mundo em descontrole: o que a globalização está fazendo de nós*. 3 ed. Rio de Janeiro: Record, 2003. p. 22.

⁸³ HICK, 2005, p. 66.

⁸⁴ LIMA, Araújo Diógenes Juliana de; FILHO, Costa Capistrano Ismar. O Conceito de Aldeia Global de McLuhan Aplicado ao Webjornalismo. *Anais...* Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XXXII. Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Curitiba, p. 1 e 2, 4 a 7 de setembro de 2009, Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2009/resumos/R4-1816-1.pdf>>. Acesso em: 20 fev. 2017. Segundo esse conceito, da década de 1960, seu autor, McLuhan, defende que a partir do advento e do desenvolvimento tecnológico dos novos meios de comunicação (como a TV e o telefone, por exemplo), o mundo se interligaria completamente, havendo, assim, uma intensa troca cultural entre os diversos povos, aproximando-os como se estivessem numa grande aldeia inteiramente conectada. Em tempos de era digital, esse conceito nunca foi tão atual e, no entanto, dada à distância da época em que surgiu, ele recebe mais um caráter profético do que propriamente contemporâneo.

burocraticamente suas estruturas sociorreligiosas.⁸⁵

Com o surgimento da sociedade pós-moderna ou pós-tradicional as tradições mudam seu *status*. Elas não estão mais asseguradas, ao contrário, necessitam de contínua justificação ou explicação. Transfiguram-se, tornam-se provocadas ao questionamento, à reflexividade e revisão⁸⁶. O trato entre elas é definitivo, obrigando-as a ‘se declararem’ e demonstrar, com lógica, sua razão de ser. Portanto, a atual globalização “não é firme nem segura, mas repleta de ansiedades, bem como marcada por profundas divisões”⁸⁷, que geram crises políticas, econômicas, sociais, culturais. Conviver com a diferença torna-se um grande desafio.

Com a surpreendente presença da diferença acercando a consciência pluralista, passa a valer um sentimento mais concreto de relatividade, que é diferente de relativismo. Então, segundo Roger Haight, senão problemático, se torna mais difícil pretender:

[...] a centralidade da cultura ocidental, a supremacia de sua perspectiva, ou o cristianismo como a religião superior, ou o Cristo como o centro absoluto em relação ao qual todas as demais mediações históricas são relativas (...). A pós-modernidade oferece uma oportunidade para um novo e dramático sentido cristológico. A descoberta do pluralismo é precisamente uma descoberta do ‘outro’, de outras pessoas que são diferentes e valiosas, embora excluídas ou suprimidas pelas grandes narrativas.⁸⁸

Na história, escrita pelo ser humano no planeta, a diversidade religiosa não é uma novidade, porém uma característica que marcou, ao longo do tempo, o seu desenvolvimento. Na realidade, a consciência dessa pluralidade é que é nova no atual contexto, com a recorrência de sua presença na dinâmica da urbanização mundial, no campo da observação, na facilidade de acesso ao seu patrimônio diversificado e nos modernos meios de comunicação.

⁸⁵ BERGER *apud* JUNGBLUT, Airton Luiz. Globalização e religião Efeitos do pluralismo global no campo religioso contemporâneo, *Civitas*, Porto Alegre, v. 14, n. 3, p. 430, set.-dez. 2014. Disponível em:

<http://repositorio.pucrs.br/dspace/bitstream/10923/8893/2/Globalizacao_e_religiao_Efeitos_do_pluralismo_global_no_campo_religioso_contemporaneo.pdf>. Acesso em: 17 jan. 2017.

⁸⁶ GIDDENS, Anthony. *As consequências da modernidade*. São Paulo: UNESP, 1991. p. 45. Com o advento da modernidade, a tradição deve ser “reinventada a cada nova geração”. O conhecimento passa a ser “reflexivamente aplicado” e as práticas sociais “constantemente examinadas e reformadas à luz de informação renovada sobre estas próprias práticas, alterando assim constitutivamente seu caráter”.

⁸⁷ GIDDENS, 2003, p. 29.

⁸⁸ HAIGHT, Roger. *Jesus*, símbolo de Deus. São Paulo: Paulinas, 2003. p. 384-385.

Faustino Teixeira lembra que o diálogo inter-religioso, como manifestação viva da convivência entre tradições religiosas diferentes: “é um fenômeno relativamente recente. Trata-se de uma realidade que ganha vigor nos tempos modernos, que facultam sistemas abertos de conhecimento e comunicação”⁸⁹. Ele aponta para os principais eventos em nível mundial que deram um significado à importância do diálogo inter-religioso:

Um marco referencial foi o Parlamento Mundial das Religiões, realizado na cidade de Chicago (EUA) em 1893. Alguns autores chegam a apontar esta importante reunião como o marco inicial do diálogo inter-religioso contemporâneo. O evento ganhou um significado excepcional, pois marcou o início de uma dinâmica interreligiosa que será decisiva nas décadas posteriores. Pela primeira vez na história reuniam-se responsáveis de tradições religiosas distintas para um mútuo conhecimento e sinalização do lugar das religiões no desenvolvimento social. No âmbito católico-romano, o concílio Vaticano II (1962-1965) significou um início de abertura às outras religiões e uma expressão de nova sensibilidade dialogal. Registra-se, em particular, em certos documentos do concílio, uma mudança na forma de tratamento das outras tradições religiosas, como é o caso da declaração conciliar *Nostrae Aetate*, que aborda as relações da igreja católica com as religiões não cristãs. Mas como bem mostrou James Heisig, o diálogo com as grandes religiões do mundo não foi uma iniciativa que partiu do cristianismo por iniciativa própria. Foi sobretudo fruto de um reduzido número de pessoas que, com visão ampliada, soube reconhecer e brindar a importância espiritual da diversidade religiosa, e sob seu impulso provocou a religião institucional a ‘assumir o espírito do diálogo em nome de sua própria herança perene’. Uma série de eventos de diálogo inter-religioso marcam o cenário internacional a partir da década de 70, traduzindo uma virada decisiva na expansão da sensibilidade dialogal.⁹⁰

O diálogo inter-religioso não foi iniciativa do cristianismo. Foi a partir de um pequeno número de pessoas, com uma visão ampla, que soube reconhecer a importância espiritual da diversidade religiosa e sob seu impulso provocou a religião institucional a assumir o espírito do diálogo em nome da própria herança de fé.

No Brasil, além das mudanças trazidas com a realização do Concílio Vaticano II, com a Declaração *Nostrae Aetate*⁹¹, Teixeira cita Carlos Rodrigues Brandão, que apontou para a realização da Conferência Mundial sobre o Meio Ambiente, a ECO-92.

No Brasil, um marco do diálogo inter-religioso ocorreu por ocasião da

⁸⁹ TEIXEIRA, s.d., p. 2.

⁹⁰ TEIXEIRA, s.d., p. 2.

⁹¹ FITZGERALD L. Michael (Mons.). *A Declaração Nostra Aetate: o respeito da igreja pelos valores religiosos*, 2006. p. 17. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/culturateo/article/viewFile/14956/11152>>. Acesso em: 20 jan. 2017. Declaração sobre as Relações da Igreja com as Religiões Não-Cristãs foi solenemente votada e aprovada pelos Bispos do Concílio Vaticano II, em 28 de Outubro de 1965.

Conferência Mundial sobre o Meio Ambiente, a Eco-92, em julho de 1992, na cidade do Rio de Janeiro. Ali aconteceu a 'celebração inter-religiosa: um novo dia para a terra'. Foi uma experiência única para todos aqueles que participaram das atividades ocorridas na 'aldeia sagrada', que transformou o aterro do Flamengo com suas tendas espalhadas por todos os cantos. Como acentuou o antropólogo Carlos Rodrigues Brandão, cerca de '3000 fiéis de 25 religiões e credos tão diversos como o catolicismo, o hinduísmo, o judaísmo e o candomblé, esperaram o amanhecer da sexta feira como a chegada de um novo dia para a Terra'.⁹²

O Diálogo Inter-religioso nasce também da atitude atenta pela "chegada de um novo dia para a Terra". A Terra geme em dores de parto. Ela sofre uma exploração sem precedentes. Os seres humanos habitam o mesmo planeta e este necessita ser cuidado e preservado. Como afirma Boff⁹³, é necessário uma nova ética de relacionamento com a Terra, neste sentido, na cooperação do cuidado com o meio ambiente o diálogo inter-religioso se torna fundamental. Teixeira também lembra que, na edição do Fórum Social Mundial, ocorrido em Porto Alegre/RS, em janeiro de 2005, abriu-se, pela primeira vez na história dos Fóruns, lugar para um espaço temático, dedicado ao tema das novas espiritualidades e cosmovisões⁹⁴. E Teixeira ainda reflete, dizendo que:

A tarefa mais sagrada do diálogo é possibilitar uma nova conversação entre as tradições religiosas (e seus participantes), de facultar a 'apropriação de novas possibilidades' em favor de uma mútua transformação. Todos são convocados a uma nova apropriação de sua experiência particular a partir da provocação da alteridade. Mas há ainda muito chão pela frente, nesta tarefa de 'conversão mútua'.⁹⁵

É necessário, assim, repensar o cristianismo ou os cristianismos que se construíram ao longo da história da humanidade. É preciso redescobrir o Cristo que se encarnou neste mundo ou, como já foi dito anteriormente por John Hick, quem sabe seja urgente uma mudança do paradigma *crístocêntrico* para o *teocêntrico*, pois a manifestação de Deus tem sido entendida de forma mais plural e diversa no processo de construção histórica dos diferentes povos.

Hick, em seu livro "Teologia cristã e pluralismo religioso", busca desenvolver a ideia de que a religião cristã não é única religião que dará resposta às questões últimas⁹⁶, e de sentido para vida. A religião cristã, dessa maneira, não será a única

⁹² TEIXEIRA, s.d., p. 2.

⁹³ BOFF, Leonardo. *Ética da vida*. A nova centralidade. Rio de Janeiro: Record, 2009. p. 84.

⁹⁴ TEIXEIRA, s.d., p. 2.

⁹⁵ TEIXEIRA, s.d., p. 3.

⁹⁶ HICK, 2005, p. 13. Segundo o autor: "É a realidade última que constitui a fonte e o fundamento de

produtora de sentido. Ela é uma entre tantas outras religiões a produzir sentido para a existência.

O autor coloca o cristianismo em diálogo com as outras tradições espirituais, sem, contudo, anular sua identidade, bem como também sem usurpar o lugar devido das outras tradições religiosas. Faustino afirma que frente aos desafios da atualidade, gerados pela intensa comunicação entre as diversas civilizações e culturas, as religiões que “deixam em aberto a essencial tarefa de oxigenar de sentido a humanidade perdem sua relevância”⁹⁷. Por conseguinte, é urgente que as religiões assumam o compromisso com o diálogo inter-religioso, isto é, o respeito à alteridade e isto significa também uma análise profunda do comportamento ético da própria instituição religiosa.

2.2 Entendendo o que é Diálogo Inter-Religioso

O diálogo constitui uma dimensão fundamental de toda a vida humana. Não existe vida humana sem diálogo. É na relação com o outro que o ser humano constrói e aperfeiçoa a sua própria identidade. Teixeira, citando Buber, assinala que “o homem se torna EU na relação com o TU”⁹⁸. Há muitas formas de diálogo, entre estes, encontra-se o diálogo inter-religioso. De acordo com Teixeira, o diálogo inter-religioso ocorre entre pessoas fiéis de tradições diferentes que estão dispostas a conhecer o outro em sua essência religiosa. Segundo o autor citado:

O diálogo inter-religioso instaura uma comunicação e relacionamento entre fiéis de tradições religiosas diferentes, envolvendo partilha de vida, experiência e conhecimento. Esta comunicação propicia um clima de abertura, empatia, simpatia e acolhimento, removendo preconceitos e suscitando compreensão mútua, enriquecimento mútuo, comprometimento comum e partilha da experiência religiosa. Este relacionamento inter-religioso ocorre entre fiéis que estão enraizados e comprometidos com sua própria fé, mas igualmente disponíveis ao aprendizado com a diferença. Em nível mais existencial, partilhar o diálogo é disponibilizar-se a entrar em conversação, o que significa viver uma experiência de fronteira. A dinâmica da conversação expressa um ‘lugar inquietante’ onde cada interlocutor é provocado a arriscar sua auto-compreensão atual diante do desafio que acompanha a alteridade.⁹⁹

tudo, e esta realidade é inefável, não podendo ser apreendida ou esgotada por nenhum sistema de crença em particular”.

⁹⁷ TEIXEIRA, 2010, p. 163.

⁹⁸ TEIXEIRA, s.d., p. 3.

⁹⁹ TEIXEIRA, s.d., p. 3.

O encontro entre pessoas de diferentes crenças envolve partilha de vida, experiência e conhecimento, removendo preconceitos. O diálogo inter-religioso suscita abertura, empatia, simpatia e acolhimento. Como bem demonstra Teixeira, expressa um lugar inquietante, pois são necessárias uma escuta sensível e uma total abertura ao outro.

Neste sentido, o autor Claude Geffré diz que é preciso reconhecer que “a pluralidade dos caminhos que levam a Deus continuam sendo um mistério que nos escapa”¹⁰⁰. Do mesmo modo, Hick assevera que “[...] tornou-se um pressuposto da vida diária de nossos amigos e conhecidos judeus, mulçumanos, hindus, siques ou budistas que eles têm um direito de viver as suas próprias tradições religiosas quanto nos de viver segundo as nossas”.¹⁰¹

O principal pressuposto de diálogo reside, dessa forma, no respeito e interação com o diferente, incluindo-se, portanto, toda e qualquer maneira de manifestação de religiosidade e, para, além disso, estando, dentro do imenso ‘território’ da fé, também aquelas que sofrem, tradicionalmente, atitudes de intolerância, como por exemplo, e especialmente, as afro-brasileiras.

Teixeira aponta para a necessidade de se ultrapassar fronteiras, com sensibilidade e humildade, buscando o entendimento com o mundo do outro. Para este autor, “o diálogo inter-religioso envolve uma ampliação do olhar, uma capacidade de enxergar com largueza”¹⁰². E, ressalta, ainda, como uma disposição fundamental ao diálogo, “a escuta e a prontidão de aprendizado”, chamando atenção para o fato de que “o diálogo não apaga as diferenças”.¹⁰³

Mais uma vez Teixeira reitera que, a acolhida da diversidade religiosa e o imperativo dialogal são desafios fundamentais que se apresentam ao século XXI, porque, com o regime democrático constituído na sociedade moderna, ideologias globais, utópicas e ideias filosóficas, vagarosamente foram sendo deixadas de lado, e se extinguindo e estreando um novo ambiente de debates no grupo social, tempo em que a todas as pessoas é permitido se manifestarem.¹⁰⁴

Para que tais conquistas democráticas (relevantemente a que diz respeito à

¹⁰⁰ GEFFRÉ, Claude. A crise da identidade cristã na era do pluralismo religioso. *Concilium*, v. 311, nº 3, p. 21, 2005.

¹⁰¹ HICK, 2005, p. 165.

¹⁰² TEIXEIRA, Faustino. Fundamentos e possibilidades para um diálogo inter-religioso hoje. In: AUGUSTO, Adailton Maciel (Org.). *Ainda o sagrado selvagem*. Homenagem a Antônio Gouvêa Mendonça. São Paulo: Fonte/Paulinas, 2010, p. 159.

¹⁰³ TEIXEIRA, 2010, p. 160.

¹⁰⁴ TEIXEIRA, 2012, p. 24.

liberdade de expressão) se concretize é preciso que haja a descoberta com a escuta do outro e o bom relacionamento, o qual exemplifica Elias Wolff: “Estamos unidos por laços invisíveis e formamos uma espécie de família universal, uma comunhão sublime que nos impele a um respeito sagrado, amoroso e humilde”¹⁰⁵. De acordo com Teixeira:

O diálogo inter-religioso é, sobretudo, um ‘ato espiritual’, cujo motor essencial é o amor. Não é capaz de cumprir essa jornada espiritual senão aquele que se encontra aberto e sensível à linguagem do Espírito, que não impõe resistência ao seu sopro de gratuidade. Trata-se de uma ‘viagem comum’, fraterna, sempre em companhia do Espírito. Reduzi-lo a mera estratégia ou plataforma para a conversão é deixar de compreendê-lo no que tem de mais profundo e essencial. Os outros com os quais se dialoga deixam de ser estrangeiros ou estranhos e passam a ser os ‘nossos amigos’.¹⁰⁶

O motor essencial do diálogo inter-religioso é o amor desinteressado. A espiritualidade é desenvolvida não somente a partir de uma tradição religiosa e de seus dogmas, porém, a partir do olhar do outro no outro, da abertura à tradição religiosa do outro. É necessário estar aberto e sensível à linguagem do Espírito. O Espírito sopra onde quer e quando quer (Jo 3.8), segundo a Bíblia, o livro sagrado das pessoas cristãs. O Espírito também sopra e atua em outros espaços, além dos espaços cristãos.

No processo de aproximação com o outro, o medo inicial vai se transformando numa relação de aprendizagem mútua e solidária. O diálogo necessita acontecer em vários níveis: no diálogo da vida, na colaboração de projetos que promovam a dignidade, o cuidado com o planeta Terra, na comunhão espiritual. Segundo Teixeira em uma entrevista, para o Instituto Humanitas, da Unisinos afirmou:

Talvez um dos desafios mais significativos para o século XXI seja o do diálogo entre as religiões. Não é possível evitar se defrontar com aquilo que se apresenta como um verdadeiro imperativo do nosso tempo. Estamos todos imersos em um mundo cada vez mais habitado pelos outros, por identidades religiosas diferentes que se encontram ou se chocam. As diferenças estão diante de nós, ainda mais diretamente visíveis e ao alcance da mão, e podem ser objeto tanto de preocupação, de suspeita e de aversão, quanto de tolerância, de reconciliação e de diálogo.¹⁰⁷

¹⁰⁵ WOLFF, Elias. *Espiritualidade do diálogo inter-religioso: contribuição nas perspectivas cristãs*. São Paulo: Paulinas, 2016. p.12.

¹⁰⁶ TEIXEIRA, F. A interpelação do diálogo inter-religioso para a teologia. In: SUSIN, Luiz Carlos (Org.). *Sarça ardente*. Teologia na América Latina: perspectivas. São Paulo: Paulinas/Soter, 2000. p. 419.

¹⁰⁷ TEIXEIRA, Faustino. *Deus não tem religião*. São Leopoldo: Instituto Humanitas Unisinos, 2016.

Assim, vivenciar o diálogo inter-religioso significa também reconhecer e acolher o pluralismo religioso. Ainda de acordo com o autor citado:

A abertura dialogal é precedida por uma acolhida calorosa ao pluralismo religioso. Não há possibilidade de diálogo inter-religioso, se não se acolhe com ternura e com alegria o pluralismo religioso. Um pluralismo de princípio, ou de direito, não um simples pluralismo de fato. Isto é, não a simples constatação da pluralidade das religiões como uma realidade que é preciso aceitar, mas que não é desejada por Deus, mas sim o reconhecimento de que a diversidade é acolhida com alegria por Deus, que a diversidade é um valor, insubstituível, irrevogável [...] ¹⁰⁸

O diálogo inter-religioso pressupõe o reconhecimento de que a diversidade é acolhida com alegria por Deus. Que a diversidade é um valor insubstituível e irrevogável. Que o outro, em sua diferença, tem dignidade e valor. O direito de ser diferente faz parte da democracia, das liberdades individuais. A diferença tem por viga-mestra, isto é, como valor fundamental, a alteridade, implicando na compreensão nova da perícia humana de captar a verdade, sempre provisória, parcial e sujeita a enriquecimento, revisão e ampliação.

Ou, nas palavras de Guimarães: “Sugere outra atitude diante da realidade: acolhimento e valorização da consciência da pluralidade, acompanhada de profunda atitude de diálogo real no qual todos aprendem” ¹⁰⁹. Ou, como de novo nos aponta Faustino: “O diálogo requer um olhar receptivo em relação à diversidade das fés. O pluralismo não é mais visto como um fato conjuntural e provisório, mas começa a ser reconhecido na sua positividade, como pluralismo de princípio ou de direito.” ¹¹⁰

O diálogo inter-religioso, portanto, implica em não impor à outra pessoa a sua tradição religiosa cristã, mas em construir um diálogo respeitoso entre pessoas que participam de comunidades de tradições diferentes e estão dispostas a assumirem uma relação de alteridade e, também, projetos comuns que incluem a vida coletiva. Busca-se, acima de tudo, superar o preconceito, o racismo e a violência, fruto da intolerância religiosa tão presente na realidade brasileira. Como já se refletiu no Capítulo 1, o Brasil é um país de uma diversidade étnica, cultural e religiosa imensa. Dessa forma, como lembra Stürmer:

Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/553135-deus-nao-tem-religiao-artigo-de-faustino-teixeira>>. Acesso em: 10 Fev. 2017.

¹⁰⁸ TEIXEIRA, 2016.

¹⁰⁹ GUIMARÃES, 2006, p. 80-96.

¹¹⁰ TEIXEIRA, 2016.

O grande desafio está em favorecer um espírito de abertura para compreender esta realidade diversificada, rompendo com qualquer resquício de intolerância, o que não significa abdicar de nossa identidade religiosa singular, condição fundamental para qualquer processo dialogal, nem renunciar à consciência crítica para avaliar os limites presentes nas experimentações em curso, até na nossa. É contra essa tendência, veiculada nos diversos fundamentalismos, que se impõe, hoje, o imperativo de pensar no diálogo inter-religioso como condição de possibilidade para um mundo mais pacífico e mais solidário.¹¹¹

No entanto, como lembram os pesquisadores, Luiz Alberto Souza Alves e Maria Helena Leviski Alves:

[...] alguns indivíduos e grupos ainda teimam em continuar ‘caminhando na contramão’, patrocinando a quebra de imagens de santos, a profanação de templos, a perturbação de cultos e a difamação de religiões, utilizando a mídia, a internet, bem como publicando livros de conteúdo duvidoso e mal-intencionado. [...] principalmente contra credos como o candomblé e a umbanda. [...] essas religiões vêm sofrendo um processo maquiavélico, patrocinado por algumas igrejas cristãs de rito pentecostal, em que algumas lideranças incentivam seus fiéis a promoverem essa perseguição, resultando na invasão de templos, na perturbação de cultos e no desrespeito aos valores destas religiões.¹¹²

No Brasil, o diálogo inter-religioso, o respeito às diferenças necessitam acontecer, especialmente, na relação com as religiões de matrizes afro-brasileiras (candomblé, umbanda e outras), que aponta também para a consideração à cultura dos/as negros/as. O desrespeito a estas religiões também se mostra no racismo e na exclusão de negros/as e os povos indígenas.

O diálogo inter-religioso integra também a inclusão social destes grupos que foram excluídos historicamente da sociedade brasileira. As histórias do Brasil e da América Latina constituem-se na aniquilação do outro, da sua cultura e da religião não cristã. Impõe-se ao continente conquistado e colonizado, o cristianismo e valores europeus. “Desde a conquista das Américas, os projetos de cristianização, colonização civilização, modernização e o desenvolvimento configuraram as relações entre a Europa e suas colônias, em termos de uma oposição nítida entre um Ocidente superior e seus outros inferiores.”¹¹³ No cotidiano brasileiro os outros, indígenas e negros/as, são ainda vistos como inferiores. Por isto, também, as suas

¹¹¹ STÜRMER, 2009, p. 55.

¹¹² ALVES, Luiz Alberto Sousa; ALVES, Maria Helena Leviski. Aspectos da Diversidade Religiosa. In: JUNQUEIRA, Sérgio (Org.) *O Sagrado: Fundamentos e Conteúdo do Ensino Religioso*. Curitiba: IBPEX, 2009. p. 143-144.

¹¹³ CORONIL, Fernando. Natureza do pós-colonialismo: do eurocentrismo ao globocentrismo. In: LANDER, Edgardo (Org.) *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latinoamericanas*. Colección Sur Sur. Buenos Aires: CLACSO, 2005. p. 58.

religiões são vistas com desconfiança.

O diálogo inter-religioso necessita restituir a dignidade aos povos africanos e indígenas, que foram e são, muitas vezes, demonizados em suas diferentes manifestações religiosas, devido o processo histórico de escravização e colonização sofridos. O diálogo inter-religioso acontece quando se respeita a pluralidade religiosa. Stümer também aponta nesta direção quando diz: “A importância do diálogo e da cooperação também se faz necessária na relação entre as confissões cristãs e movimentos de expressão religiosa indígena e afro. Isso explica porque cresce sempre mais a consciência de refletir uma teologia das religiões.”¹¹⁴

As diferentes denominações cristãs necessitam aproximar-se, conhecer-se, dialogar e cooperar mutuamente, e isto se estende, sem dúvida, para além, como já colocado anteriormente, das religiões afro, indígenas e outras que fazem parte da diversidade religiosa brasileira. Assim, refletir sobre o diálogo inter-religioso significa abrir-se, conhecer-se, admirar-se e ter como objetivo a construção de projetos que objetivam a paz num país com tanta violência e intolerância religiosa, frutos da colonização brutal no continente latino-americano.

2.3 Consequências do Diálogo Inter-Religioso

No debate sobre a teologia das religiões, ocupa um lugar de destaque o diálogo inter-religioso. Faustino ressalta que:

É verdade que o campo religioso brasileiro foi sempre um espaço aberto para as experiências inter-relacionais. O modo brasileiro de viver a religião, o influxo do sincretismo e a dinâmica peculiar da compreensão da religião como porta de entrada da consciência favoreceram esta trajetória dialogal.¹¹⁵

Teixeira lembra a grande obra da literatura brasileira de Guimaraes Rosa, Grande Sertão: Veredas, que remete as muitas religiões no Brasil. “Muita religião, seu moço! Eu cá, não perco ocasião de religião. Aproveito de todas. Bebo água de todo rio [...] Uma só, para mim é pouca, talvez não me chegue. [...] Tudo me quieta,

¹¹⁴ STÜRMER, 2009, p. 53.

¹¹⁵ TEIXEIRA, Faustino. Interpelação do diálogo inter-religioso para a Teologia. Disponível em: <<http://fteixeira-dialogos.blogspot.com.br/2010/04/interpelacao-do-dialogo-inter-religioso.html>>. Acesso em: 20 de fev. 2017.

me suspende. Qualquer sombrinha me refresca”.¹¹⁶

A realidade brasileira, como já se apontou anteriormente, é marcada pela diversidade religiosa e, como afirmou Guimarães Rosa, as pessoas bebem de muitas águas: “Bebo água de todo o rio.”¹¹⁷ Isto não significa que não há intolerância religiosa e falta de respeito aos diferentes no Brasil.

Se uma religião é verdadeira, não exclui a existência de verdades em outras religiões ou a “possibilidade das outras religiões virem complementar, corrigir e aprofundar a religião cristã”¹¹⁸. Assim, buscando tornar o diálogo realizável é que os teólogos ‘pluralistas’ recomendam a travessia de paradigma do cristocentrismo para o do teocentrismo, ou seja, do inclusivismo¹¹⁹ ao ‘pluralismo’.

O diálogo apontam os pluralistas só é possível ser verdadeiro caso seja realizado em pé de igualdade com os parceiros. A partir de tal premissa, os cristãos e a Igreja cristã estão passíveis de serem sinceros na declarada intenção de entrar em diálogo. Entretanto, se não houver disposição para abrir mão das pretensões tradicionais sobre Jesus Cristo Salvador ‘constitutivo’ da humanidade, não acontecerá o diálogo. O problema da identidade cristã, em particular e da identidade religiosa em geral, está centrado neste quesito, da mesma maneira como o da abertura aos ‘outros’ que o diálogo impõe. De acordo com Teixeira citando Edward Schillebeeckx:

Há mais verdade (religiosa) em todas as religiões no seu conjunto do que numa única religião, o que também vale para o cristianismo. Existem, pois, aspectos ‘verdadeiros’, ‘bons’, ‘belos’ - surpreendentes – nas múltiplas formas (presentes na humanidade) de pacto e entendimento com Deus, formas que não encontraram nem encontram lugar na experiência específica do cristianismo.¹²⁰

Se a pluralidade, por um lado, realmente, possibilita a afirmação de “sistemas abertos de conhecimento”, ela termina por incentivar também, de outro lado, o retorno das “heranças confessionais”. Os traços e consequências do pluralismo são as chegadas da instabilidade, das inquietudes e de tensões, porque

¹¹⁶ ROSA *apud* TEIXEIRA, 2010.

¹¹⁷ ROSA *apud* TEIXEIRA, 2010.

¹¹⁸ TEIXEIRA, Faustino. *Teologia das religiões*, uma visão panorâmica. São Paulo: Paulinas, 1995. p. 76.

¹¹⁹ PAINE, Randall Scott. *Exclusivismo, Inclusivismo e Pluralismo Religioso*. *Revista Brasileira de História das Religiões – Ano I, no. 1 – Dossiê Identidades Religiosas e História*. O inclusivismo entende uma tradição religiosa como já contendo, implícita, se não explicitamente, o essencial das verdades e dos valores positivos de outras tradições. Dessa forma, uma atitude positiva pode ser adotada para com elas.

¹²⁰ SCHILLEBEECKX *apud* TEIXEIRA, s.d., p. 6.

instaura um desequilíbrio no planeta objetivamente conversado e construído. Ele inclina-se a “desestabilizar as autoevidências das ordens de sentido e de valor que orientam as ações e sustentam a identidade.”¹²¹

A partir da premissa de incerteza que conduz o pluralismo, muitos se vêm compelidos a reagir com sede de absoluto, através do estímulo identitário e a venenosa salvaguarda da ‘comunidade’. É desse modo que se explica a invasão dos variáveis fundamentalismos ou integrismos nos tempos atuais. É uma peculiar reação de defesa cognitiva em função da insegurança de uma humanidade repleta de novas interpretações e inúmeras possibilidades. Muralhas defendentes, então, são erigidas para auxiliar e atenuar os indivíduos da “necessidade de reinventar o mundo a cada dia”¹²². Berger e Luckmann apontam, com razão, que os projetos restauradores adicionam quase sempre uma oposição ao pluralismo, seja demarcando o seu poder de ação ou mesmo invalidando-o, para se esquivar da pesada carga da edificação de alternativas.¹²³

Ainda segundo Berger e Luckmann, há aqueles, é bem verdade, que conseguem relacionar-se com a prática plural, que atendem adequadamente às suas novas exigências de cognição. São os chamados “virtuosos do pluralismo”.¹²⁴ Todavia, eles representam um bloco minoritário, porque a maior parte dos indivíduos ainda resiste aos novos desafios e, as instituições existentes procuram assegurar, para elas, um mundo “livre de surpresas”.¹²⁵ De acordo com os autores: “As instituições criam ‘programas’ para a execução da integração social e para a ‘realização’ de currículos de vida. Elas fornecem padrões comprovados segundo os quais a pessoa pode orientar seu comportamento”¹²⁶. Nada mais encorajador para as pessoas do que esquemas de plausibilidade coerentes e estáveis, com nível seguro de objetividade. Neles as respostas se enquadram facilmente, desviando o ‘perigo’ da interpretação. É exatamente esse universo da objetividade assegurada e garantida que as forças da pluralidade e da modernidade desarrumam. Portanto, neste sentido, torna-se necessária uma abertura e uma educação para o reconhecimento da riqueza das diversidades, apontando para a importância do

¹²¹ BERGER, Peter L.; LUCKMANN, Thomas. *Modernidade, pluralismo e crise de sentido*. Petrópolis: Vozes, 2004. p. 73.

¹²² BERGER; LUCKMANN, 2004, p. 55-56.

¹²³ BERGER; LUCKMANN, 2004, p. 58.

¹²⁴ BERGER; LUCKMANN, 2004, p. 54.

¹²⁵ BERGER; LUCKMANN, 2004, p. 54.

¹²⁶ BERGER; LUCKMANN, 2004, p. 54-55.

diálogo inter-religioso, que se mostra, primeiramente, para a necessidade de se conhecer – a fundo – a si próprio, dentro e sua tradição religiosa. Só há diálogo entre pessoas que conhecem a fundo sobre o que estão dialogando. Os fundamentalismos surgem, pois se deseja impor ao outro a sua própria verdade.

Desse modo, o respeito às diferenças é fundamental para a vivência cidadã e democrática. Dialogar é aproximar-se, conhecer, ouvir com atenção, valorizar, admirar-se com as experiências das outras pessoas, caminhar junto, construir projetos que visam a superação da violência e da intolerância.

Teixeira apresenta as seguintes modalidades de diálogo inter-religioso:

1) **Diálogo como cooperação religiosa em favor da paz**, sendo esta uma responsabilidade universal;¹²⁷

2) **Diálogo dos intercâmbios teológicos**. O autor coloca este como um dos mais difíceis diálogos, pois o mesmo se dá propriamente no confronto das crenças singulares e respectivas experiências espirituais mais íntimas. O diálogo dos intercâmbios teológicos pressupõe uma certa relativização das próprias crenças, a disponibilidade de colocar-se em discussão e deixar-se transformar pelo encontro. Importantes e significativos grupos de discussão inter-religiosos têm hoje se formado, no mundo inteiro, para o aprofundamento destas questões teológicas.¹²⁸

3) **Diálogo da experiência religiosa**. De acordo com Teixeira:

A um nível mais profundo encontra-se o diálogo da experiência religiosa. Trata-se do diálogo silencioso da oração e da contemplação. Neste nível, se dá o encontro de pessoas profundamente enraizadas nas suas específicas tradições religiosas para viver e compartilhar as suas experiências de oração, contemplação e fé, bem como a forma de envolvimento destas experiências com a vida concreta. Neste diálogo busca-se comungar as diversas expressões e caminhos da busca do sentido fundamental e do mistério absoluto. Os participantes nele envolvidos 'não se detêm diante das diferenças', pois estão animados por um propósito mais decisivo, o de promover e preservar os valores e ideais espirituais mais sublimes do ser humano.¹²⁹

O diálogo inter-religioso está no seu início e ainda existem muitas barreiras a serem enfrentadas. Algumas tradições religiosas se afirmam numa consciência de superioridade, arrogância identitária e pretensão exclusiva da verdade, que acabam provocando a violência, a exclusão e o conflito inter-religioso. Estes sentimentos criam os fundamentalismos religiosos, tão presentes em contextos locais como

¹²⁷ TEIXEIRA, s.d., p. 8.

¹²⁸ TEIXEIRA, s.d., p. 8.

¹²⁹ TEIXEIRA, s.d., p. 8.

globais. A verdade é que quase todas as religiões não estão livres das ideias exclusivistas, sobretudo no campo da hermenêutica da salvação¹³⁰. Claudio de Oliveira Ribeiro enceta para o fato de que:

A dinâmica da globalização e de pluralismo por que passa a sociedade contemporânea afetou vários segmentos da sociedade, e de forma especial a religião. Os fundamentalismos, por exemplo, encontram-se diante de um desafio: dialogar com outros grupos e rever conceitos que já não fazem mais sentido no contexto atual. Para as práticas religiosas, assim como para as análises científicas sobre a religião, a comunicação dialógica se faz necessária e o alargamento das fronteiras é imprescindível. Dificilmente haverá espaço na sociedade para interpretações singulares e herméticas, que privilegiam determinadas tradições.¹³¹

Reconhecer, dessa maneira, a diversidade, vencer a arrogância e buscar o caminho da humildade, o desejo de caminhar junto com o outro em sua diferença é um processo cotidiano e necessário para que se vença a intolerância religiosa, fruto de fundamentalismos religiosos. Nessa direção Teixeira afirma que:

O diálogo requer 'cortesia espiritual' e abertura do coração. Requer igualmente uma espécie de conversão ao universo do outro. Isto não é uma tarefa fácil, mas um processo que pressupõe um indispensável estado espiritual de desapego e hospitalidade.¹³²

O diálogo inter-religioso aponta para o pluralismo religioso. Abrir-se para a pluralidade requer uma mudança em direção ao universo do outro. Como já foi afirmado anteriormente por Teixeira, "o diálogo ganha riqueza e sustentação quando acompanhado pelo aprofundamento do próprio compromisso identitário"¹³³. Assim, no diálogo não se nega a própria tradição, mas aprofunda-se no encontro com o outro. Um outro aspecto importante, que necessita ser ressaltado, é a busca comum da verdade. Teixeira salienta que:

No encontro com o outro abre-se a possibilidade de captar dimensões inusitadas desta verdade que é *aletheia*: permanente desvelamento. O outro é capaz de favorecer a seu interlocutor, no diálogo, a captação de certos aspectos ou dimensões do mistério divino que escapam à sua visada.¹³⁴

À vista disso, a verdade é plural e ela se encontra de forma diferente nas tradições religiosas. Além do mais, é necessário deixar claro que sempre só se

¹³⁰ TEIXEIRA, s.d., p. 9.

¹³¹ RIBEIRO, Claudio de Oliveira. *Pluralismo e liberdade*. São Paulo: Paulinas, 2014. p. 38.

¹³² TEIXEIRA, 2007, p. 75.

¹³³ TEIXEIRA, 2008, p. 145.

¹³⁴ TEIXEIRA, 2008, p. 146.

capta uma parte da verdade. Ninguém consegue captar a verdade em sua totalidade. Teixeira entende que: “o que dificulta o diálogo é a incapacidade de compreender que a realidade última não pode estar limitada às imagens particulares das crenças”¹³⁵. André Torres Queiruga mostra uma nova forma de entender a revelação: “A revelação como maiêutica ‘a arte da parteira’ compreender-se a si mesmo a partir das demais religiões e compreender as demais religiões a partir da vivência e da interpretação da religião à qual se percebe”.¹³⁶ Importante reconhecer que se está a caminho, porém, há muito ainda a aprender em relação ao pluralismo e o diálogo inter-religioso.

No próximo capítulo, busca-se de forma crítica e propositiva refletir sobre o diálogo inter-religioso como um desafio para pentecostalismo histórico brasileiro e as possibilidades do diálogo inter-religioso, especialmente, com outras tradições religiosas. Como afirma Teixeira:

[...] é necessária uma abertura de Espírito. No comum empenho de conhecimento e abertura busca-se junto captar o trabalho e a presença alvissareira do Espírito ou do Mistério transcendente entre eles. O diálogo inter-religioso é sobretudo um ‘ato espiritual’, cujo motor essencial é o amor. Não é capaz de cumprir esta jornada espiritual senão aquele que se encontra aberto e sensível à linguagem do Espírito, que não impõe resistência ao seu sopro de gratuidade. Trata-se de uma ‘viagem comum’, fraterna, sempre em companhia do Espírito. Reduzi-lo a mera estratégia ou plataforma para a conversão é deixar de compreendê-lo no que tem de mais profundo e essencial.¹³⁷

O Espírito é mais do que somente uma estratégia de conversão. O motor de um ato espiritual é o amor, que se abre ao outro, numa relação de alteridade, de respeito profundo pelo o que outro tem a dizer, de como entende a sua relação com a Transcendência, com Deus. Quem sabe seja a *atuação do Espírito* um paradigma desafiador para o pentecostalismo, diante do respeito à pluralidade brasileira?

¹³⁵ TEIXEIRA, 2008, p. 147.

¹³⁶ QUEIRUGA, Andrés Torres. *Auto-compreensão Cristã: Diálogo das Religiões*. trad. Jose Afonso Beraldin da Silva. São Paulo: Paulinas 2007. p.18.

¹³⁷ TEIXEIRA, 2010, p. 23.

3 O PENTECOSTALISMO HISTÓRICO E O DIÁLOGO INTER-RELIGIOSO

A palavra *pentecostalismo* tem a sua origem na palavra *pentecostes*¹³⁸. José Comblin lembra que o texto do livro de Atos dos Apóstolos diz: “Quando se completou o dia de Pentecostes” (Atos 2). Este foi o fim de um tempo de espera¹³⁹. De acordo com o autor:

Aparentemente os apóstolos não sabiam quanto demoraria a espera. O fim veio com a festa de Pentecostes, nome grego para a festa da colheita que se celebrava sete semanas depois da Páscoa, quando terminava a colheita (Ex. 34.22; Nm. 28.26). Nesse dia há uma grande reunião do povo em Jerusalém.¹⁴⁰

Ainda segundo o relato bíblico descrito num dado momento, os fiéis ficaram “cheios do Espírito Santo” e “línguas como que de fogo” foram vistas pousando sobre eles (Atos 2). Nesse instante começaram a falar em outras línguas – que não seus idiomas natos – mensagens que enalteciam a Deus. Eram várias as línguas que se ouviam do grupo de fiéis. Algumas línguas eram idiomas conhecidos dos ouvintes que assistiam pasmados aquele acontecimento, mas outras não eram inteligíveis. Este foi o dia em que se realizou o dia de Pentecostes com a experiência do falar em “línguas estranhas”¹⁴¹. Este acontecimento passou a ser considerado, na perspectiva cristã “pentecostal, como um sinal da visitação do Espírito Santo que

¹³⁸ OLIVEIRA, Tiago Rege de. Um breve histórico do movimento pentecostal moderno e da igreja Assembleia de Deus no Brasil. *Interdisciplinar: Revista Eletrônica da Univar*, n.º 6, p. 247, 2011. Disponível em: <<http://revista.univar.edu.br/index.php/interdisciplinar/article/view/135/0>>. Acesso em: 20 mar. 2017. De acordo com Nota de rodapé n.º 1: Pentecostes (em grego antigo significa “o quinquagésimo dia”) é uma celebração histórica e simbolicamente ligada ao festival judaico da colheita, que comemora a entrega dos Dez Mandamentos por Deus a Moisés no Monte Sinai, cinquenta dias depois do Êxodo (saída do povo hebreu do Egito, onde eram escravizados). Ela ocorre, portanto cinquenta dias após a Páscoa Judaica (celebração da libertação do cativo egípcio). No antigo calendário bíblico, (Ex 23.14-17; 34.18-23) essa festa é originalmente referida com vários nomes: Festa da Colheita ou Segá, Festa das Semanas, Dia das Primícias dos Frutos e Festa de Pentecostes. Para os cristãos, o Pentecostes celebra a descida do Espírito Santo sobre os apóstolos e seguidores de Cristo, através do “dom de línguas”, como descrito no Novo Testamento, e o termo Pentecostes passa a inferir sobre esse episódio.

¹³⁹ COMBLIN, José. *Atos dos Apóstolos*. 2. ed. São Paulo: Fonte, 2012. p. 212.

¹⁴⁰ COMBLIN, 2012, p. 212.

¹⁴¹ SILVA, G. Yask; COELHO, D. Lázara; VIEIRA, C. R. Cristina. A glossolalia em Pentecoste: a comunicação para difusão do cristianismo. *Sacrilegens - Revista dos Alunos do Programa de Pós-graduação em Ciência da Religião – UFJF*, p. 170, 2012. Disponível em: <<http://www.ufjf.br/sacrilegens/files/2012/04/9-1-13.pdf>>. Acesso em: 14 jan. 2017. Glossolalia ou Falar em Línguas Estranhas – Rel.: Suposta capacidade de falar línguas desconhecidas quando em transe religioso (como no milagre do dia de Pentecostes). Como ser social que é, o homem necessita comunicar-se, depende de outrem e neste contexto a comunicação faz a interação entre ele e o outro e entre eles e os demais. E o surgimento da comunidade cristã primitiva bem como sua trajetória se dão pelo poder do Espírito enviado cujo sinal distintivo é o fenômeno da glossolalia, i. e., a igreja começa e continua sob a comunicação mediada pelo Espírito Santo.

batiza o fiel por meio de uma experiência espiritual, surgindo daí o fenômeno da glossolalia”.¹⁴²

Este acontecimento foi marcante para o cristianismo, quando quase 120 pessoas foram agraciadas com a “*glossolalia*”, dom de falar línguas estranhas, na descida do Espírito Santo. Esta experiência bíblica e histórica marca também a atuação da Igreja Pentecostal.¹⁴³ A autora Domezi aponta que:

o início do fenômeno pentecostal se deu em Los Angeles sul dos Estados Unidos, durante a primeira década do século XX. O contexto era do *revival*, ou reavivamento protestante, e da política do *apartheid*. Num *revival* dirigido por Charles Fox Parham desenvolveu-se a doutrina do sinal da glossolalia para o batismo com o Espírito Santo. Era uma raiz do pentecostalismo, num segmento branco da sociedade, não isento de ideologia racista.¹⁴⁴

O pentecostalismo nasce nos Estados Unidos num período de reavivamento protestante e da política do *apartheid*. A doutrina do sinal da glossolalia para o batismo com o Espírito Santo aparece com um sinal deste novo movimento. Segundo a mesma autora, um outro momento importante do Pentecostalismo se constituiu através

de uma congregação das pessoas negras, em 1906, na periferia da mesma cidade de Los Angeles e no mesmo meio social onde surgiram o negro espiritual, o jazz e o blues. William Seymour, um negro de mentalidade e práticas ecumênicas, dirigia um *revival* numa pequena congregação evangélica situada na Rua Azusa. Ali se instaurou um fenômeno religioso que durou certo tempo, com grande entusiasmo, choro, fala em línguas, danças, desmaios, visões e outras manifestações corporais. O mais surpreendente era que, pela primeira vez na história dos Estados Unidos, especialmente no Sul racista, dirigentes brancos de Igrejas aceitavam a imposição das mãos de dirigentes negros. De fato, o movimento pentecostal é a única comunidade cristã do mundo fundada por um cristão negro.¹⁴⁵

Portanto, estes dois acontecimentos narrados acima são colocados como a marca do início do pentecostalismo, onde o falar em línguas, danças, desmaios, visões e outras manifestações corporais se fizeram presente. Importante reforçar que o movimento pentecostal é a única comunidade cristã do mundo, onde um cristão negro é o preconizador do evento.

Em termos de Brasil, Adriano Souza Lima lembra que, antes de 1910 já se tinha notícia de pessoas no Brasil que recebiam manifestações pentecostais. Esses

¹⁴² OLIVEIRA, 2011, p. 248.

¹⁴³ OLIVEIRA, 2011, p. 248.

¹⁴⁴ DOMEZI, 2015, p. 163.

¹⁴⁵ DOMEZI, 2015, p. 163.

movimentos isolados foram caracterizados como protopentecostalismo¹⁴⁶. No entanto, o movimento pentecostal, em nível brasileiro, começou a partir da chegada dos missionários suecos, Gunnar Vingren e Daniel Berg, em 1910, vindo dos Estados Unidos para a cidade de Belém, no Estado do Pará. Daniel Berg, em seu livro “Memórias de Daniel Berg”, relatou: “No dia 19 de novembro de 1910 avistamos a cidade de Belém, no Estado do Pará. Estávamos ansiosos por conhecer a terra para a qual o Senhor nos enviara”¹⁴⁷. Estes missionários suecos criaram, em 1911, a Missão da Fé Apostólica (que, em 1918, passaria a se chamar Assembleia de Deus).¹⁴⁸

Praticamente na mesma data, em 1910, chegou ao Brasil o imigrante italiano Luigi Francescon, conforme Domezi: Francescon, um convertido presbiteriano que vivia nos Estados Unidos e lá se tornara pentecostal, veio com a intenção de difundir sua experiência religiosa. No mesmo ano ele fundou a Congregação Cristã do Brasil.¹⁴⁹

Assim, tanto Gunnar Vingren e Daniel Berg, quanto Luigi Francescon disseminaram suas experiências que hoje são conhecidas no Brasil e por quase toda parte do mundo. Uma das dinâmicas do pentecostalismo é difundir, por onde chega, as mensagens, com muito dinamismo e sucesso, as quais, Ivo Pedro Oro classifica como: “Socialmente falando, pode se afirmar que tal avanço se deve ao fato de a oferta do produto pentecostal responder a uma sensível demanda da população.”¹⁵⁰

A partir de sua chegada em terras tupiniquins, em 1910, “o pentecostalismo brasileiro, em suas primeiras décadas, não obstante sua acentuada expansão geográfica, apresentou uma formidável uniformidade doutrinária”¹⁵¹. O pentecostalismo brasileiro tem forte influência do pentecostalismo norte-americano, pois os três missionários, mesmo sendo um italiano e dois suecos, vieram dos Estados Unidos para o Brasil.

¹⁴⁶ LIMA, Adriano Souza. Os Desafios Institucionais para a Unidade dos Pentecostais. In: OLIVEIRA, David Mesquiati de (ORG). *Pentecostalismo e Unidade*. São Paulo: Fonte, 2015. p.46. Ambos são pesquisadores, participantes da Assembleia de Deus.

¹⁴⁷ BERG, Daniel, *Enviado por Deus, memórias de Daniel Berg*. 8. ed. Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembleias de Deus, 2000. p. 45.

¹⁴⁸ LIMA, 2015, p. 46.

¹⁴⁹ DOMEZI, 2015, p. 164.

¹⁵⁰ ORO, Pedro Ivo. *O Fenômeno Religioso: como entender*. São Paulo: Paulinas, 2013, p. 85.

¹⁵¹ SIEPIERSKI, Paulo. Contribuições para uma tipologia do pentecostalismo brasileiro. In: GUERRIERO, Silas (Org.). *O Estudo das religiões: desafios contemporâneos*. 2 ed. São Paulo: Paulinas, 2004. p. 71.

O presente capítulo refletirá sobre o movimento pentecostal histórico no Brasil, especialmente, o da Assembleia de Deus, perguntando sobre possibilidades de um diálogo inter-religioso e apontando para alguns pontos que possibilitam a realização efetiva do mesmo.

3.1 Movimento Pentecostal no Brasil: Assembleia de Deus

São muitos os estudos que procuram traçar um histórico do pentecostalismo brasileiro. Paul Freston foi o primeiro a dividir o movimento pentecostal pela metáfora de ‘ondas’, a partir de um corte histórico-institucional e da análise da dinâmica interna do pentecostalismo no país, ficando assim sua divisão: O pentecostalismo brasileiro pode ser compreendido como a história de três ondas¹⁵² de implantação de igrejas. Segundo o autor:

A primeira onda é a década de 1910, com a chegada quase simultânea da Congregação Cristã (1910) e da Assembleia de Deus (1911) [...] A segunda onda pentecostal é a dos anos 50 e início de 60, na qual o campo pentecostal se fragmenta, a relação com a sociedade se dinamiza e três grandes grupos (em meio a dezenas de menores) surgem: a Quadrangular (1951), Brasil Para Cristo (1955) e Deus é Amor (1962). O contexto dessa pulverização é paulista. A terceira onda começa no final dos anos 70 e ganha força nos anos 80. Suas principais representantes são a Igreja Universal do Reino de Deus (1977) e a Internacional da Graça de Deus (1980) [...] O contexto é fundamentalmente carioca. Rolim (1995) também propõe uma periodização tríplice: implantação (1910-1935); início da expansão, segmentação e primeiros passos na política (1935-64); e enclausuramento na esfera sacral e, depois, emergência de variadas práticas sociais (1964 – hoje). Segundo Freston, esses critérios utilizados por Rolim são muito parecidos com a periodização clássica da história nacional e não nos ajudam entender as igrejas como instituições. Já Jesus Hortal (1994) adota o termo ‘geração’ em vez de ondas, mas faz uma classificação semelhante a de Freston quando nomeia a primeira geração de ‘histórica’ abrangendo a Congregação Cristã e Assembleia de Deus; a segunda geração de ‘movimento de cura divina’ que começa nos anos 50 e abriga as igrejas Evangelho Quadrangular, Brasil Para Cristo e Deus é Amor; e a terceira geração que classifica de ‘pentecostalismo autônomo’ tendo como suas representantes a Nova Vida e Universal do Reino de Deus.¹⁵³

O Pentecostalismo histórico pertence a ‘primeira onda’, sendo que as duas

¹⁵² ALENCAR, Gedeon Freire de. *Assembleias de Deus: Origem, implantação e militância (1911-1946)*. São Paulo: Arte, 2010. p. 47. “Considera-se a *teoria das ondas do pentecostalismo* segundo o pesquisador Freston e não se pretende entrar na infundável discussão metodológica sobre esta divisão”. Pesquisador participante da Assembleia de Deus.

¹⁵³ FRESTON, Paul. Breve histórico do pentecostalismo brasileiro. In: ANTONIOZZI, Alberto et al. *Nem anjos nem demônios: interpretações sociológicas do pentecostalismo*. Petrópolis: Vozes, 1994. p. 70-71.

igrejas Congregação Cristã e Assembleia de Deus, praticamente, nasceram juntas no Brasil, fruto de missionários suecos e italiano vindo dos Estados Unidos. A versão italiana; de acordo com Gedeon Alencar,

é a Congregação Cristã no Brasil – CCB. Nascida em 1910, é, em suas primeiras décadas, uma 'igreja italiana': Cresceu no meio da colônia italiana no Sudeste e até 1947 seus hinários e seus cultos eram realizados nessa língua, quando começou a abrigar-se [...]. Não sofreu nenhuma alteração doutrinária, não teve nenhum cisma e continua, ainda uma igreja muito próxima de suas origens.¹⁵⁴

A Igreja Assembleia de Deus, segundo Alencar, é a versão sueca do pentecostalismo no Brasil: De acordo com o autor.

A versão sueca do pentecostalismo brasileiro é vista na Assembleia de Deus, que se mantém razoavelmente uníssona em seus primeiros anos, mas a partir da década de 50, além da disputa fratricida dos 'ministérios' e seu processo de institucionalização irreversível, ela tem que disputar espaço com os diversos grupos pentecostais que surgem no cenário.¹⁵⁵

A Assembleia de Deus foi fundada em 1911 por dois missionários suecos e se manteve como uma unidade até a década de 50. Com o surgimento de outras igrejas pentecostais, a Assembleia de Deus começa a mudar e a se institucionalizar como igreja.

Domezi afirma que:

Com a fundação destas duas Igrejas 'instaurava-se, no Brasil, a forma de pentecostalismo geralmente denominada clássica, ou histórica, que se distingue pela repetida possessão do Espírito Santo, com sinais de glossolalia, e outros estados extáticos'.¹⁵⁶

A autora também aponta que, a princípio, os missionários pentecostais "eram bem recebidos nas Igrejas evangélicas locais, a Batista, a Presbiteriana e outras, mas logo surgiram conflitos com os líderes dessas denominações e divisões por causa da nova pregação."¹⁵⁷

No Brasil, tanto a Igreja Presbiteriana quanto a Igreja Batista rejeitaram os missionários pentecostais. Luigi Francescon, em Chicago, era membro de uma Igreja Presbiteriana e Daniel Berg e Gunnar Vingren, de uma igreja Batista. Gedeon aponta que:

¹⁵⁴ ALENCAR, 2010, p. 25.

¹⁵⁵ ALENCAR, 2010, p. 25.

¹⁵⁶ DOMEZI, 2015, p. 164.

¹⁵⁷ DOMEZI, 2015, p. 165.

No Brasil, em ambas as igrejas, a novidade da mensagem pentecostal foi rejeitada e os missionários foram ‘convidados’ a sair, resultando assim, no surgimento de novas igrejas. Neste caso o pentecostalismo repete, como em outros países, o *caráter cismático do protestantismo*.¹⁵⁸

As versões dos historiadores, de acordo com Alencar, coincidem no fundamental, em relação à retirada dos suecos das igrejas Batistas.

Os missionários chegam ao Brasil, e não tendo onde morar são acolhidos no porão da Igreja, o pastor batista viaja e deixa sua igreja na confiança dos dois. Eles começam a realizar reuniões de oração pentecostal, e, confrontados pelo evangelista que está substituindo o pastor, são excluídos.¹⁵⁹

Conforme o autor citado, não se sabe, exatamente, quantos membros foram excluídos da Igreja Batista, junto com os missionários suecos. O número gira entre 17 a 20 membros excluídos¹⁶⁰. Desta forma, os missionários Daniel Berg e Gunnar Vingren, junto com os membros expulsos, fundaram, primeiramente, a “Missão da Fé Apostólica” e, essa igreja, em seus primeiros sete anos, não tem nenhuma definição institucional – apenas cresce assustadoramente¹⁶¹. Essa igreja assume o nome de Assembleia de Deus, em 1918, nome idêntico da denominação que nascera em 1914, nos EUA¹⁶². Alencar aponta para um elemento interessante a ser considerado:

Em 1911 iniciou-se a *Missão da Fé Apostólica* e somente em 1918 o nome Assembleia de Deus foi adotado oficialmente, e isto passou despercebido como se fosse algo sem importância, o que não é. Qual a razão da mudança de *Missão da Fé Apostólica* para *Assembleia de Deus*? A Missão da Fé Apostólica era a igreja dos negros pentecostais norte-americanos e a Assembleia de Deus era a igreja dos pentecostais brancos [...]. Há um fosso abismal entre estas duas denominações, e não são apenas diferenças teológicas, mas socioeconômicas também.¹⁶³

Este movimento dinâmico marcou o crescimento fenomenal da denominação pentecostal em terras brasileiras, cuja mensagem à ação do Espírito Santo, manifestou o impacto entre o sistema homogêneo existente. Não se pode negar que

¹⁵⁸ ALENCAR, 2010, p. 60.

¹⁵⁹ ALENCAR, 2010, p. 61.

¹⁶⁰ ALENCAR, 2010, p. 62.

¹⁶¹ ALENCAR, 2010, p. 62.

¹⁶² ALENCAR, Gedeon Freire de. Nova geração pastoral assembleiana: universitários, modernos e progressistas. In: OLIVEIRA, David Mesquiat de. (Org.). *Pentecostalismo em Diálogo*. São Paulo: Fonte, 2014. p.116.

¹⁶³ ALENCAR, 2010, p. 62.

Francescon (Congregação Cristã), Berg e Vingren (Assembleia de Deus) eram brancos e, em certo sentido, reproduziram, aqui, a sua fé:

[...] sede do batismo no Espírito Santo, a busca a bem dizer exclusiva dos dons de falar em línguas estranhas, a ânsia de santificação e a procura de curas divinas, as intermináveis vigílias de oração, tudo isso se apossou de tal maneira dos sentimentos desses pentecostais que lhes criou um projeto exclusivamente religioso. Este é um aspecto que não pode passar em silêncio. Esquecê-lo seria deixar de lado uma dimensão essencial do pentecostalismo no Brasil e nos países latino-americanos.¹⁶⁴

No entanto, esta questão explica apenas em parte o posicionamento sociopolítico inicial do pentecostalismo brasileiro. Sem dúvida, há outros aspectos que exerceram bastante influência neste movimento. Outro fator a ser considerado é o geográfico, por exemplo, foi um dos fatores que catalisaram o crescimento da Assembleia de Deus, que se valeu do “refluxo de migrantes nordestinos que se desiludiram com a crise do ciclo da borracha e o fluxo de migrantes nortistas e nordestinos para o Sudeste do país”.¹⁶⁵

No entanto, há também questões teológicas e bíblicas. De acordo com Domezi:

O pentecostalismo histórico de herança protestante, ele guarda especialmente o pietismo e o puritanismo, mas também o *ethos*, a origem espiritual, o fervor religioso, o modo de pequenas comunidades que se voltam para o seu próprio interior, a prática voltada para o corporativismo e algum senso missionário. Ainda, a Bíblia e as confissões, se bem que com menos elaboração.¹⁶⁶

Interessante perceber que o pentecostalismo histórico é movido pelo pietismo e o puritanismo, tendências de uma fé intimista. A leitura da Bíblia ocupa um lugar central. Muitas pessoas que não sabiam ler aprenderam a ler, para poder ler a Bíblia. O pentecostalismo histórico e as manifestações do Espírito se mostram muitos mais com “sinais de glossolalia e outros estados extáticos”.¹⁶⁷

Primeiramente, a Igreja Pentecostal Assembleia de Deus distanciou-se da política. Pregavam uma mensagem religiosa “de salvação individual da alma, com

¹⁶⁴ ROLIM, Francisco Cartaxo. *Pentecostais no Brasil: uma interpretação sócio-religiosa*. Petrópolis: Vozes, 1985. p. 24.

¹⁶⁵ MELLO, Izabel Cristina Veiga. As relações de poder no pentecostalismo brasileiro: uma identidade forjada no calor de sua história. *Azusa – Revista de Estudos Pentecostais*, v. 1, n. 1, p. 5, set. 2010. Disponível em: <<http://azusa.faculdaderedim.edu.br/index.php/azusa/article/view/4/3>>. Acesso em: 16 jan. 2017.

¹⁶⁶ DOMEZI, 2015, p. 164.

¹⁶⁷ DOMEZI, 2015, p. 164.

indiferença pelo mundo e suas realidades temporais e esperavam o breve retorno de Cristo, que viria estabelecer o milênio de paz e felicidade”¹⁶⁸. Esta perspectiva messiânico-milenarista de espera, no aguardo de uma ação divina marcada

por cataclismos, seguida pela manifestação de Cristo e a instauração de seu reino milenar. Embora com variações, essa expectativa caracterizava-se por aproximação do fundamentalismo e biblicismo, desprezo pelos prazeres mundanos, cultivo de sobriedade e temperança, afastamento das questões sociais, união da fé com a ética, rechaço aos rituais que incluem magia.¹⁶⁹

Estas questões ligadas com a moral e um estilo de ‘ser crente’ do pentecostalismo histórico estão unidas também à forma como o mesmo se instalou no Brasil “de maneira espontânea; com estruturas flexíveis e capacidade de adaptar-se à cultura popular.”¹⁷⁰

Até a primeira metade do século XX, a Igreja não apresentou mudanças significativas. O Pentecostalismo cresce após Segunda Guerra Mundial, quando inicia um acentuado êxodo rural, crescimento urbano e industrial e transformações culturais. Neste processo de transição histórica surgiram outras igrejas, como por exemplo, A “Brasil para Cristo” e a “Evangelho Quadrangular”, ainda com um perfil de pentecostalismo clássico, porém estas igrejas já se apresentavam mais estruturadas e hierarquizadas¹⁷¹. Em relação à mulher, Maxwell Pinheiro Fajardo diz:

Desde cedo a mulher foi identificada nas Assembleias de Deus como a personagem menos imune às ‘perigosas’ mudanças sociais e culturais em curso. A maior parte dos ‘usos e costumes’ da denominação são, na realidade, proibições impostas ao sexo feminino.¹⁷²

Apesar dos usos e costumes recaírem mais por sobre as mulheres, isto é, elas não podiam pregar em público, precisavam usar cabelos longos e saias compridas, por exemplo, é importante lembrar que Gunnar Vingren era favorável à ideia de que as mulheres ocupassem funções de liderança na igreja, conforme registrou em uma de suas cartas:

¹⁶⁸ DOMEZI, 2015, p. 164.

¹⁶⁹ DOMEZI, 2015, p. 164.

¹⁷⁰ DOMEZI, 2015, p. 165.

¹⁷¹ DOMEZI, 2015, p. 165.

¹⁷² FAJARDO, Pinheiro Maxwell. *Onde a luta se travar: A expansão das Assembleias de Deus no Brasil urbano (1946 – 1980)*. Tese de Doutorado. Assis: Faculdade de Ciências e Letras de Assis – UNESP, 2015. p. 282. Disponível em: <<https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/132222/000851874.pdf>>. Acesso em: 20 dez. 2017. Pesquisador participante da Assembleia de Deus.

Não posso deixar minha convicção de que o Senhor chamou e ainda está chamando homens e mulheres para o serviço do Evangelho [...] Eu mesmo fui salvo por uma irmã evangelista que veio visitar e realizar cultos na povoação de Björka, Smaland, Suécia, há quase trinta anos. Depois veio uma irmã dos Estados Unidos e me instruiu sobre o batismo no Espírito Santo. Também quem orou por mim para que eu recebesse a promessa foram irmãs. Eu creio que Deus quer fazer uma obra maravilhosa neste país. Porém, com o nosso modo de agir, podemos impedi-la. Para não impedi-la, devemos dar plena liberdade ao Espírito Santo para operar como Ele quiser.¹⁷³

O argumento do fundador foi “para não impedir a mulher de pregar, é necessário dar a plena liberdade ao Espírito Santo para operar como Ele quiser”. O fundador tinha uma percepção de uma atuação livre do Espírito Santo. Há também muitas mulheres assembleianas estudando Teologia acadêmica¹⁷⁴. Também existem mulheres missionárias, mas, ainda, bem poucas pastoras ordenadas. Muitas vezes se chama pastora, a esposa do pastor, no entanto, ela não é ordenada, na maioria das vezes nem estudou Teologia. A Assembleia de Deus, mesmo tendo em sua maioria mulheres, tem uma perspectiva bem tradicional e machista nas relações de gênero.

A Assembleia de Deus cresceu muito e está presente em todas as regiões do Brasil. Alencar apresenta a seguinte periodização:

[...] o primeiro período, o *movimento pentecostal* que vai do nascimento em 1911 a 1946, quando se consolida seu processo de institucionalização no registro de personalidade jurídica de sua Convenção Geral. O segundo período é a instituição *pentecostal* em processo de institucionalização da tradição vai de 1946 a 1988, em um país urbano e modernizando-se, essa denominação se fragmenta em Ministérios Corporativos[...] O terceiro é a *corporação pentecostal*, período entre 1988 a 2011 quando celebra seu centenário marcado por racionalização econômica e disputas entre grupos de poder. Em um país majoritariamente urbano, os assembleianos, como a população em geral, participam do processo de ascensão social e as condutas individuais, e também dos grupos, se diversificam. Nessa óbvia hibridação há uma disputa desse capital simbólico. Dois grupos prioritariamente monopolizam a disputa dessa capital simbólico, a CONAMAD – Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil – Ministério de Madureira e Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil – CGADB. Esse primeiro período é majoritariamente carismático, o segundo é tradicional, o terceiro é burocrático-racional, conquanto ambos de forma sincrônica e diacrônica apresentem simultaneamente esses elementos da análise weberiana.¹⁷⁵

¹⁷³ VINGREN, Ivar. *Gunnar Vingren: o diário do pioneiro*. 2 ed. Rio de Janeiro: CPAD, 1982. p. 184.

¹⁷⁴ ULRICH, Claudete Beise. Mulheres e a educação teológica acadêmica: uma reflexão a partir da experiência de estudantes mulheres na Faculdade Unida de Vitória – ES – Brasil. In: BARRETO, Raimundo C. Jr; CAVALCANTE, Ronaldo; ROSA, Wanderley Pereira da. *World Christianity and Public Religion/Cristianismo Mundial e Religião Pública*. Vitória: UNIDA, 2016. p. 352-353 e 372.

¹⁷⁵ ALENCAR, 2014, p. 117.

No Brasil, a Assembleia de Deus tem um número de fiéis pentecostais que predominam em toda região, seja nas grandes metrópoles, zona rural, como em quase todas as cidades pequenas, nas carvoeiras, barrancas dos rios e tribos indígenas. No entanto, há pluralidades de expressão entre as igrejas Assembleias de Deus. É a maior Igreja Pentecostal no Brasil.

A única igreja implantada em todos os Estados e Territórios brasileiros é a Assembleia de Deus. Alguns territórios, servidos pela Assembleia, possuem igrejas pequenas e insignificantes, mas o fato é que sua presença é universal. As máquinas de costura Singer, o guaraná, e a Assembleia lá estão presentes. Na verdade, foram até os confins do país.¹⁷⁶

É a maior Igreja Pentecostal do Brasil e está em todos os lugares. Segundo os censos, percebe-se que ela é um dos grupos religiosos que mais cresce no país. No Censo de 1991, os assembleianos eram 2,4 milhões, número que subiu para 8,4 no ano 2000 e chegou aos 12,4 em 2010, ou seja, cerca de 6% da população brasileira¹⁷⁷. Todavia, como afirma Fajardo:

[...] em grande parte dos casos após o nome 'Assembleia de Deus' inscrito na placa do templo, será encontrado algo como 'Ministério de Madureira' ou 'Ministério do Belém', por exemplo. Tais inscrições, mais que meros detalhes administrativos internos, são designações fundamentais para se compreender como funciona e como se desenvolveu no decorrer do século XX a Assembleia de Deus, ou, mais coerentemente, as 'Assembleias de Deus', que são várias e não uniformes.¹⁷⁸

Atualmente, é necessário falar sobre a Assembleia de Deus no plural: Assembleias de Deus, que pertencem a diferentes convenções, tendo atuações diferentes. Para Alencar, a Assembleia de Deus traduz o rosto do Brasil, ou, em suas palavras:

A Assembleia de Deus no Brasil é brasileira? Brasileiríssima. Ela pode não ser 'a cara' do Brasil, mas é um retrato fiel. E um dos principais. É uma das sínteses mais próximas da realidade brasileira. Como o Brasil, é moderna, mas conservadora; presente, mas invisível; imensa, mas insignificante; única, mas diversifica; plural, mas sectária; rica, mas injusta; passiva, mas festiva; feminina, mas machista; urbana, mas periférica; mística, mas secular; carismática, mas racionalizada; fenomenológica, mas burocrática; comunitária, mas hierarquizada; barulhenta, mas calada; omissa, mas vibrante; sofredora, mas feliz. É brasileira.¹⁷⁹

¹⁷⁶ READ, William R. *Fermento religioso nas massas do Brasil*. Campinas: Cristã Unida, 1967. p. 132.

¹⁷⁷ Dados obtidos pelos CENSOS 1991, 2000 e 2010.

¹⁷⁸ FAJARDO, 2015, p. 17.

¹⁷⁹ ALENCAR, 2014, p. 117.

As colocações de Alencar apontam para a pluralidade presente nas Igrejas Assembleias de Deus, marcadas por dualismos. Elas também não participam como igreja institucional no mundo ecumênico (Conselho Nacional de Igrejas Cristãs - CONIC) e, tampouco nos diálogos inter-religiosos. Logicamente que há lideranças, sejam elas leigas ou ordenadas, da Igreja em estudo envolvidas em projetos que buscam mudar tal realidade. Entretanto, acontecem ataques de intolerância religiosa, especialmente, contra as igrejas de tradição africanas.

Os representantes políticos, na Câmara e no Senado Federais, que formam a representação Evangélica, a grande maioria pertence à Assembleia de Deus, tem em sua pauta a luta contra os direitos reprodutivos, isto é, o direito da mulher decidir sobre o seu corpo, as pessoas possuírem o direito a outra orientação sexual do que a heterossexual. Não combatem a homofobia, mas a fortalecem, por exemplo. Eles se utilizam de textos bíblicos, nas câmaras dos Deputados e dos Senadores, como se fossem espaços confessionais de culto, para justificar as suas posições moralistas e sectárias. Muitos deputados e senadores estão no Parlamento para defenderem questões das Igrejas, seja isenção de impostos ou outros benefícios como, por exemplo, canais de televisão ou rádios, e omitem-se na defesa da cidadania.¹⁸⁰

No decorrer da história da chegada do pentecostalismo no Brasil aconteceram muitas mudanças. Também a Igreja Assembleia de Deus passa por mudanças estruturais, revisões teológicas, questões morais nos usos e costumes, e a pergunta que surge é: como será possível um diálogo com outras tradições religiosas, na direção da construção de um diálogo inter-religioso?

3.2 Possibilidades de Diálogo

O crescimento numérico dos pentecostais, especialmente da Assembleia de Deus, em todo o Brasil, os qualifica na responsabilidade de construção pela paz, harmonia e convivência com a pluralidade religiosa. Adriano Souza Lima em sua

¹⁸⁰ PUFF, Jefferson. *Tom 'bélico' de alguns líderes evangélicos cria clima propício à intolerância.* BBC- Brasil, 23 de junho de 2015. Disponível em: <http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/06/150622_entrevista_pastor_pai_jp>. Acesso em: 20 mar. 2017.

tese de doutorado afirma: “É possível sim ser pentecostal, pautado nos fundamentos da fé, sem, contudo, ser violento, intolerante e preconceituoso; ser pentecostal e manter um diálogo profundo e enriquecedor com outras comunidades cristãs e outras religiões.”¹⁸¹

Aos poucos, entre as lideranças pentecostais, está acontecendo um divisor de águas, em debates e simpósios, temas que discutem a importância do diálogo com outras religiões. Nesta direção, Oliveira afirma:

A teologia pentecostal não pode querer colocar-se como critério para uma teologia final, evoluída, completa. Antes deve perceber-se parte da teologia cristã, e mais, que diferentes correntes dentro do pentecostalismo têm direito a sua própria teologia, sem passar pelo crivo da denominação A ou B. Serão teologias que dialogarão entre si, com os mais próximos e com os de pouca proximidade. Saberá o que os une e o que os separa. Mas isso não pode ser impeditivo para trabalharem juntas em prol do bem comum, de causas humanitárias, do compromisso com a sociedade.¹⁸²

O autor coloca que a teologia pentecostal necessita assumir uma postura de mais humildade. O diálogo precisa acontecer nas pluralidades das teologias e, assim, poderão trabalhar pelo bem comum, causas humanitárias e tendo compromisso com a sociedade. Ainda segundo o mesmo autor:

Assumir o diálogo como um valor. [...] Dialogar não é uma mera forma politicamente correta de viver no mundo atual. [...] Dialogar porque o outro é diferente, porque tem dignidade, porque ninguém tem a verdade plena, porque estamos todos aprendendo.¹⁸³

Também pesquisadores acadêmicos do pentecostalismo afirmam a importância do diálogo no encontro com o outro, o diferente, pois tem dignidade. Ninguém possui a verdade plena. Todos e todas encontram-se em processo de aprendizagem.

Em relação à importância do diálogo inter-religioso, Oliveira lembra que há muitas pessoas de origem pentecostal que estão estudando nas universidades, fazendo mestrado e doutorado. De acordo com o autor:

Com o aumento significativo de pentecostais galgando elevados títulos acadêmicos e forçando o desenvolvimento de uma teologia própria, urge

¹⁸¹ LIMA, Adriano, *A Pneumatologia como fundamento teológico para o diálogo inter-Religioso nas Assembleias de Deus*. Tese de Doutorado. Curitiba: Pontifícia Universidade Católica do Paraná, 2016. p. 71.

¹⁸² OLIVEIRA, David Mesquiati de. Teologia Pentecostal Dialógica. In: OLIVEIRA, David Mesquiati. (Org.), *Pentecostalismo em Diálogo*. São Paulo: Fonte, 2014. p. 33.

¹⁸³ OLIVEIRA, 2014, p. 33.

debater sobre a metodologia a ser utilizada, para que as reflexões de hoje não sejam cativas das categorias de ontem. E, para isso o diálogo é mais que um instrumento, e também um modo de ser. Que a teologia pentecostal assuma essa dimensão dialógica e possa aprender com os demais, bem como, também, inspirar outros parceiros do diálogo.¹⁸⁴

Torna-se importante encontrar uma metodologia adequada para que as reflexões da atualidade não sejam cativas das categorias de ontem, para que haja uma transformação é fundamental o diálogo. Ele enfatiza: o diálogo é mais que um instrumento é um modo de ser. Expressa, de forma enfática, a importância de a teologia pentecostal assumir a dimensão dialógica para que possa aprender das outras tradições e as outras tradições possam ser inspiradas a partir do diálogo franco, aberto e respeitoso. Portanto, nas reflexões do autor, a entrada na universidade de pessoas de tradição pentecostal, seja em cursos de graduação, mestrado e/ou doutorado, está trazendo uma abertura em direção ao diálogo para o mundo pentecostal.

Roberlei Panasiewicz afirma que:

O diálogo inter-religioso se apresenta hoje às tradições religiosas tanto como um desafio quanto uma possibilidade. Desafio, pois, o diferente sempre interpela, atrai, questiona as certezas, coloca medo, 'desequilibra'. Possibilidade, pois, esses desafios podem ser percebidos de forma a propiciar que cada tradição religiosa reavalie suas verdades estabelecidas podendo estar constantemente reafirmando e ampliando sua identidade, entendida também como processo contínuo de construções de sua tradição religiosa.¹⁸⁵

Entretanto, esta posição pode fazer aproximar ou não, ambos lados necessitam estarem abertos para aprenderem um do outro, podendo assumir algum projeto de transformação em conjunto. Sem dúvida, é preciso querer se aproximar, querer conhecer e querer se transformar a si próprio. A reafirmação e ampliação da própria identidade religiosa, reavaliação de suas verdades, é um processo contínuo que acontece no diálogo inter-religioso.

Como afirma Oliveira, baseado em Habermas:

Dentro do projeto da teoria de ação comunicativa, a linguagem desempenha um papel fundamental. Ela é utilizada como meio para o entendimento e, conseqüentemente, transforma a ação em uma atividade produtora de sentido. O acordo alcançado discursivamente acontece após muitas réplicas

¹⁸⁴ OLIVEIRA, 2014, p. 34.

¹⁸⁵ PANSIEWICZ, Roberlei. Os níveis ou formas de diálogo inter-religioso: uma leitura a partir da teologia cristã. *Horizonte*. Belo Horizonte, v. 2, n. 3, p. 39, 2 sem. 2003. Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/horizonte/article/view/597/624>>. Acesso em: 20 mar. 2017.

e tréplicas. A linguagem tem um papel destacado na construção do consenso. A ênfase está na livre participação, de forma inclusiva, na qual dois agentes têm capacidade de fala e de ação. Não existe verdadeira comunicação sem verdadeiro consenso, e esse deve ser perceptível na linguagem.¹⁸⁶

É o desafio a ser enfrentado, fazer o diálogo inter-religioso produtivo, envolve ação, preparo e conhecimento da sua própria tradição religiosa, respeito à alteridade. De acordo com Jürgen Moltmann: “digno de participar do diálogo é somente quem conquistou uma posição firme na sua própria religião e vai para o diálogo com a autoconsciência correspondente. Somente a domiciliação na sua própria religião capacita para o encontro com uma outra”¹⁸⁷. Isso não acontece por acaso, é no processo de amadurecimento de tempo, no exercício de amor, de humildade e de se oferecer, não como arauto de uma verdade, mas de estar em prontidão de ouvir e promover o outro, bem como falar das suas próprias experiências de fé.

De acordo com Lino Rampazzo: “O respeito ao interlocutor, por sua vez, exige que seja considerada a sua sensibilidade, a sua capacidade de conhecimento e que seja escolhido o momento mais importante para falar”¹⁸⁸. Assim, respeitosamente neste, diálogo surgirão frutos permanentes, resultantes da construção de um novo aspecto formado a partir desse encontro.

O diálogo inter-religioso como ação preventiva pode evitar as divergências e violências. No Brasil, há uma contínua intolerância religiosa, especialmente em relação às religiões de matriz africana, como já mencionado no decorrer do trabalho. Reginaldo Prandi aponta para o fato de que as religiões afro-brasileiras atualmente são muito perseguidas pelas denominações cristãs pentecostais. Segundo o autor: “Deixados finalmente em paz pela polícia; depois de décadas de perseguição, os afro-brasileiros ganharam inimigos muito mais aguerridos e fanáticos, os pentecostais”¹⁸⁹. Prandi generaliza os diferentes pentecostais, como fanáticos e inimigos dos afro-brasileiros. Portanto, sendo este um grande desafio para o diálogo inter-religioso brasileiro: o respeito às religiões de tradição africanas.

¹⁸⁶ OLIVEIRA, 2014, p. 26.

¹⁸⁷ MOLTSMANN, Jürgen. *Experiências de reflexão teológica: caminhos e formas da teologia cristã*. São Leopoldo: Unisinos, 2004. p. 28.

¹⁸⁸ RAMPAZZO, Lino. *Antropologia, Religiões e Valores cristãos*. 3. ed. São Paulo: Loyola, 2004. p. 230.

¹⁸⁹ PRANDI, Reginaldo. *Axé em movimento no mercado religioso: Umbanda em declínio, Candomblé em ascensão*. *Anuac*, v. I, N. 2, p. 106, novembro 2012. Disponível em: <<http://ojs.unica.it/index.php/anuac/article/download/1611/1360>>. Acesso em: 20 mar. 2017.

Fundamental se torna mencionar que, por parte de pentecostais, criou-se a Rede Latino-Americana de Estudos Pentecostais (RELEP)¹⁹⁰, sendo esta uma instância continental de produção e difusão de trabalhos de pesquisa a respeito aos diversos pentecostalismos¹⁹¹. Com Integrantes pentecostais de quatro nações latino-americanas, Brasil, México, Peru e Chile, apoiados pelo Conselho Mundial de Igrejas (CMI), foi criada a RELEP, nos anos de 1996-1998, conforme Oliveira: O livro “Pentecostalismo em Diálogo” derivou do encontro da RELEP de 2014¹⁹². Pode-se, então, dizer que a partir de 2014 se iniciou a preocupação dos pentecostais com o tema do diálogo e, também, do diálogo inter-religioso

Busca-se, dessa maneira, estabelecer um diálogo entre os diferentes grupos de pentecostais no continente latino-americano e, ao mesmo tempo, aponta-se para possibilidades de estabelecer um diálogo inter-religioso com outras tradições religiosas. Adriano Souza Lima ressalta:

Fato é que no momento atual, nos debates sobre religião, o pentecostalismo não poderá mais ser desprezado. As expressões pentecostais estão presentes em todo o mundo. Um mundo que hoje é eminentemente plural. O contexto histórico, político e social do início do século XX é completamente diferente do atual contexto. Na atualidade, as diversidades cultural e religiosa exigem que a teologia pentecostal tenha uma postura dialógica com outras religiões.¹⁹³

O autor reconhece que o pentecostalismo não pode mais ser ignorado, por que está presente em todo o globo terrestre. O mundo é plural. O mundo passou por mudanças históricas e sociais, as diversidades cultural e religiosa exigem que a teologia pentecostal tenha uma postura dialógica com outras religiões. Desse modo, o diálogo inter-religioso é uma exigência do momento atual no qual se encontra o mundo. Para o mesmo autor:

A teologia pentecostal deve tomar cada vez mais a sério o horizonte do pluralismo religioso, o retorno religioso e a vitalidade das grandes religiões não cristãs. A emergência cada vez mais clara do pluralismo, a ponto de se desenhar um novo paradigma, impele uma reflexão, ensaiando nova linguagem.¹⁹⁴

¹⁹⁰ RELEP – Rede Latino-americana de Estudos Pentecostais, criada em 1998, é uma instância continental de produção e difusão de pesquisas sobre os pentecostalismos observados na América Latina. Disponível em: <<http://relep.org.br/site/>>. Acesso em: 20 mar. 2017.

¹⁹¹ OLIVEIRA, 2014, p. 10.

¹⁹² OLIVEIRA, 2014, p. 7.

¹⁹³ LIMA, Adriano Souza. Pentecostalismo e diálogo inter-religioso. In: OLIVEIRA, David Mesquiati de. (Org.). *Pentecostalismo em Diálogo*. São Paulo: Fonte, 2014. p. 35.

¹⁹⁴ LIMA, 2014, p. 39.

No entender do autor, a abertura ao pluralismo religioso necessita estar no horizonte dos pentecostais, e, portanto, da Assembleia de Deus. As Igrejas Pentecostais têm em sua confissão, pregação e prática, firmada na atuação do Espírito Santo, na pneumatologia¹⁹⁵, indicando ser este o paradigma teológico para a realização do diálogo inter-religioso. Lima declara:

A teologia pentecostal está presente e precisa superar desafios, inserindo-se no diálogo com outras tradições religiosas. Para ajudar os pentecostais, o Espírito Santo, na medida em que produz unidade pode ser fundamento para o diálogo inter-religioso no pentecostalismo.¹⁹⁶

A pneumatologia, “estudo sobre o Espírito Santo”, ortodoxia para o pentecostalismo, poderá ser um viés para a transformação, para a preparação do diálogo. Para o estudioso Elias Wolff: “O Mistério, enquanto Deus, não é alcançado e desvendado pelos esforços religiosos humanos. Ele se manifesta a partir de si mesmo, autorevela gratuitamente. A prática religiosa contribui para a percepção do que é revelado”¹⁹⁷. Assim como o pentecostalismo é o resultado da manifestação do Espírito Santo no dia de pentecostes, Wolff reflete: “Somos da tese de que isso é possível à medida que as religiões tiverem um encontro profundo na essência espiritual que as move”¹⁹⁸. Segundo Moltmann: “O Espírito Santo não traz uma nova religião, mas uma nova vida. Ele renova toda essa vida natural e cotidiana”¹⁹⁹. O Espírito sopra onde quer e quando quer. Dessa maneira, o pentecostalismo tem uma chave importante para o diálogo inter-religioso, por isto não pode se fechar, é o momento oportuno para dar a sua contribuição, como Lima assinala:

O pentecostalismo não poderá se fechar em certezas definitivas, mas compreender que a verdade última é patrimônio de Deus. Portanto, o diálogo inter-religioso é uma questão de sobrevivência, de espiritualidade, de vida, de avivamento e de salvação. Fora deste diálogo, não há salvação possível, não há pentecostalismo genuíno.²⁰⁰

Por conseguinte, o pentecostalismo não poderá se fechar em certezas definitivas, a verdade é plural, a verdade última é patrimônio de Deus. O autor afirma

¹⁹⁵ A pneumatologia refere-se à parte da teologia cristã, que reflete e estuda o Espírito Santo enquanto a Terceira Pessoa da Trindade e sua ação na história. Do grego *pneuma*, o termo é tradução de Ruah, que em hebraico significa sopro, soprar, respirar, fôlego. Em latim é traduzido como *spiritus*.

¹⁹⁶ LIMA, 2014, p. 43.

¹⁹⁷ WOLFF, 2016, p. 18.

¹⁹⁸ WOLFF, 2016, p. 11.

¹⁹⁹ MOLTSMANN, Jürgen. *A Fonte da Vida*. São Paulo: Loyola, 2002. p. 67.

²⁰⁰ LIMA, 2014, p. 45.

que o diálogo inter-religioso é uma questão de sobrevivência, de espiritualidade, de vida, de avivamento e de salvação.

O Espírito Santo fala da atuação de Deus, sendo este o espírito da verdade, da justiça, do amor, da solidariedade. Lima lembra que “o Espírito Santo provoca união e não dissensão”, sendo que, para o autor, “o pentecostalismo está diante de oportunidades ímpares”²⁰¹. Sidney de Moraes Sanches lembra: “Sendo o fim de todo empreendimento humano a humanização, não é possível recorrer a padrões universais, firmes e imutáveis, exigindo que todos e em todo lugar se sujeitem aos mesmos, como pensam aqueles que querem que as tradições se mantenham inalteráveis”²⁰². Para Faustino Teixeira e Zwinglio Mota Dias: “as diversas religiões são convocadas no diálogo a buscar em seus patrimônios específicos os recursos espirituais disponíveis para o exercício de uma nova convivência”²⁰³. De acordo com Lima:

A missão integral e transformadora que pelo Espírito produz vida com abundância a todos os seres humanos é o novo paradigma que deve ser assumido pela teologia pentecostal. E, nesse novo paradigma, o Espírito Santo (que é Deus) não está preso a nenhuma igreja em particular, mas está em *missão*, atuando nos membros de outras tradições religiosas e influenciando-os de maneira misteriosa. Deus não pertence a nenhuma tradição religiosa, mas se doa ao máximo em todas elas.²⁰⁴

Logo, o Espírito Santo é atuação de Deus neste mundo e não está preso em nenhuma igreja e/ou instituição. Se este novo paradigma for assumido pela teologia pentecostal produzirá entendimento, diálogo, maior respeito e vida em abundância para todos os seres humanos. A seguir, reflete-se sobre as possibilidades para realização do diálogo inter-religioso.

3.3. Espírito Santo como paradigma: Possibilidades para a realização do diálogo inter-religioso a partir do pentecostalismo histórico

Uma das questões importantes para perceber possibilidades é refletir a partir do desenvolvimento histórico do pentecostalismo, da Igreja Assembleia de Deus no Brasil. Como vimos, foram longos processos, com divisões, com perspectivas que

²⁰¹ LIMA, 2014, p. 44.

²⁰² SANCHES, 2014, p. 13. Pesquisador pentecostal ligado à Assembleia de Deus.

²⁰³ TEIXEIRA; DIAS, 2015, p. 15.

²⁰⁴ LIMA, 2014, p. 44.

envolvem velhas tradições e as novas visões. E, até porque, também a Assembleia de Deus é plural, não existindo uma unanimidade em sua atuação. Como diz Lima “O Espírito Santo que agiu de forma mística no início do século XX, dando origem ao pentecostalismo brasileiro, não ficou restrito àquele espaço religioso, sendo o mesmo Espírito que produz vida sobre toda a criação”.²⁰⁵

Um tema urgente para o diálogo inter-religioso é o cuidado com toda a criação. Como a Igreja Assembleia de Deus encontra-se espalhada em praticamente, todas as regiões e contextos do Brasil, ela poderia colaborar definitivamente no diálogo e em ações propositivas com o cuidado ecológico. O teólogo brasileiro Leonardo Boff afirma que o universo é o templo do Espírito²⁰⁶. O corpo é, antes de qualquer coisa, o templo do Espírito Santo, conforme a Escritura (1 Co 6.19). O corpo, conseqüentemente, é sagrado. Os corpos se movem neste mundo e este mundo foi criado pelo Espírito de Deus, a Ruach (Gn 1.1-28). Espírito. O corpo humano e o mundo, em suas completudes, são boas obras de Deus, moradas do Espírito. Esta nova hermenêutica trará também uma nova relação entre o pentecostalismo, o Espírito Santo e todas as coisas criadas por Deus. Esta perspectiva rompe com um dualismo de que somente a alma necessita ser salva.

Moltmann chama a atenção nestes termos:

A experiência da comunhão do Espírito necessariamente leva a cristandade a ultrapassar-se para a comunhão maior com todas as criaturas de Deus. Também a comunhão da criação, em que todas as criaturas existem umas com as outras, é comunhão do Espírito de Deus. Estas duas experiências do Espírito colocam hoje a Igreja de Cristo em solidariedade com o cosmos ameaçado de morte. Confrontadas com o ‘fim da natureza’, ou as igrejas irão descobrir a importância cósmica de Cristo e do Espírito, ou elas se tornarão cúmplices no aniquilamento da criação de Deus aqui na terra. O que em épocas anteriores, sob a forma de desprezo pela vida, hostilidade ao corpo e distanciamento do mundo, não passava de uma disposição interior, é hoje uma realidade diária no cinismo da progressiva destruição da natureza. A descoberta da amplitude cósmica do Espírito de Deus, ao invés, leva a respeitar a dignidade de todas as criaturas, nas quais Deus está presente por seu Espírito. Na situação atual, esta descoberta não é poesia romântica nem visão especulativa, mas sim a condição necessária para a sobrevivência da humanidade nesta terra de Deus, que é única.²⁰⁷

Moltmann fala que é urgente, e condição necessária para a sobrevivência humana, o cuidado com toda a criação. Desse modo, esta é uma possibilidade

²⁰⁵ LIMA, 2014, p. 44.

²⁰⁶ BOFF, Leonardo. *O Espírito Santo: Fogo interior, doador da vida, e Pai dos pobres*. Petrópolis: Vozes, 2013. p. 187.

²⁰⁷ MOLTSMANN, Jürgen. *O espírito da vida: uma pneumatologia integral*. Petrópolis: Vozes, 2010. p. 21.

fundamental para o diálogo inter-religioso e uma atuação comprometida de todas as religiões. A descoberta, como demonstrada por Moltmann, “da amplitude cósmica do Espírito de Deus, leva a respeitar a dignidade de todas as criaturas nas quais Deus está presente por seu Espírito”. Este é um grande desafio e uma grande possibilidade para o pentecostalismo histórico redescobrir a atuação do Espírito de Deus em sua criação.

Desta descoberta resultará a alteridade, o respeito e a admiração ao outro e à outra, bem como as belezas de toda a criação. Wagner Lopes Sanches diz: “A descoberta da alteridade, portanto, é, antes de tudo, a experiência da diferença. Este é o núcleo central das culturas: a existência das diferenças”²⁰⁸. Assim, toda experiência tem por razão um fundamento, não há um fundamento que não se possa dialogar. As diferenças enriquecem as relações e produzem cultura, um conhecimento maior, que compartilha e transforma, não em um fundamentalismo que se centra no eu, mas nas diversidades do respeito e da união. Dessa maneira, à medida que a Assembleia de Deus reconhece que a atuação do Espírito não é somente uma experiência pessoal e institucional de sua denominação, ela poderá se abrir ao outro, numa aprendizagem de respeito.

Neste sentido, Prandi apresenta um dado histórico para a reflexão, importante para o pentecostalismo histórico. O autor lembra que: “As religiões afro-brasileiras, por suas origens culturais e históricas, não fazem proselitismo nem são capazes de enxergar as outras religiões como oponentes, não veem nelas ameaça à sua própria sobrevivência”²⁰⁹. Elas apresentam um exemplo de tolerância e convivência, do qual também a Assembleia de Deus pode aprender. Respeitar o outro e a outra e não demonizar outras experiências é fundamental para o diálogo inter-religioso. Desta forma será possível diminuir a intolerância religiosa, o Espírito de Deus age onde Ele quer e quando quer, logo, também se encontra nas religiões afro-brasileiras. De acordo com Adriano Lima:

A perspectiva de Espírito de Deus como promotor da justiça e da paz precisa aparecer com clareza nos manuais de pneumatologia da Assembleia de Deus, bem como de todas as igrejas que professam a fé no Deus Espírito. Enfatizar essa perspectiva vai aprofundar a compreensão do Espírito de Deus e trazer uma enorme contribuição para a vida da comunidade. [...] Não apenas a teologia, mas todas as outras ciências

²⁰⁸ SANCHES, Wagner Lopes, *Pluralismo Religioso: As religiões do mundo atual*. 2 ed. São Paulo: Paulinas, 2010. p. 17.

²⁰⁹ PRANDI, 2012, p. 217.

trabalham para uma sociedade onde reine verdadeiramente a justiça e a paz. É uma busca constante de cada ser humano, independente da religião que professa. É a luta constante das ONGs, das comunidades, de todas as pessoas do bem. Quem, se atreveria a rejeitar um convite para ingressar na luta contra a violência e contra a injustiça? Rejeitar esse convite é dizer não à vida e aos maiores desejos e necessidades da sociedade atual. Qualquer religião, organização, ciência ou quaisquer outros grupos, que se recusam a participar da luta por justiça e paz dificilmente poderiam justificar sua existência no mundo. Portanto, a paz e a justiça, na medida em que são elementos pneumatológicos, são valores teológicos para que todos os cristãos, inclusive os pentecostais, de que aqui tratamos, se engajem no diálogo das religiões.²¹⁰

Também neste aspecto será necessária uma nova hermenêutica bíblica que trabalhe para além dos dons individuais dados pelo Espírito Santo. Uma leitura dos profetas, a partir da dimensão da pneumatologia, poderá servir para impulsionar uma atitude proativa a favor da paz e da justiça social. Um texto muito conhecido da Assembleia de Deus é Joel 2.28-32, segundo Lima:

Num contexto em que o Espírito descia preferencialmente sobre reis, profetas e sacerdotes, em Joel, homens e mulheres, servos e servas, jovens e idosos, são iguais. Essa é uma ação direta do Espírito da justiça, que não privilegia alguns grupos em detrimento de outros.²¹¹

Dessa maneira, uma leitura nova do texto dos profetas poderá apontar para os elementos da justiça e da igualdade sociais. Uma nova interpretação dos textos bíblicos poderá desencadear possibilidades para o engajamento de um diálogo inter-religioso ativo em favor de ações que rompam com o preconceito e a discriminação, não somente a outras religiões, mas engajando-se na luta contra as violências, entre estas, a violência cometida contra as mulheres e as pessoas negras e indígenas.

A doutrina do Espírito Santo é a base da Igreja Assembleia de Deus. Como foi refletido, o Espírito Santo produz frutos de justiça, verdade, humildade, entendimento, dons, compreensão, elementos importantes para relações de alteridade e fundamentais para o diálogo inter-religioso. Portanto, um novo pensar sobre os elementos do Espírito podem colaborar para uma mudança na atuação da Igreja no diálogo e respeito a outras religiões. Adriano Lima, já citado anteriormente, encerra a sua recente tese de doutorado, defendida em 2016, com a seguinte afirmação e esperança:

²¹⁰ LIMA, Adriano. *A Pneumatologia como fundamento teológico para o Diálogo Inter-religioso na Assembléias de Deus*. Tese de Doutorado. Curitiba, PUC, 2016. p. 183-186.

²¹¹ LIMA, 2016, p. 184.

O Brasil é um país com altos índices de violência, injustiças, intolerância religiosa, e ainda enfrenta dificuldades nas relações de sustentabilidade. Portanto, a participação dos assembleianos no diálogo das religiões será uma contribuição concreta e efetiva para a construção de um Brasil com mais sustentabilidade, paz, justiça e relações de fraternidade. Tais elementos, sendo da natureza pneumatológicos, são também fundamentos para a introdução dos pentecostais das Assembleias de Deus no diálogo das religiões. Sendo assim, os pentecostais assembleianos podem caminhar juntos com outras religiões para construir um Brasil sustentável, pacífico, justo, em que a relação entre os seres humanos e o meio ambiente seja cada vez mais fraterna. Sim, na força do Espírito de Deus os pentecostais em diálogo com outras religiões podem afirmar: Um outro Brasil é possível.²¹²

A participação de assembleianos/as no diálogo com outras religiões, em espírito de humildade, abertura, respeito e alteridade será fundamental para a construção de um Brasil sustentável, ético, pacífico e justo, em relação a todas as pessoas e grupos humanos, bem como ao meio ambiente. O reconhecimento de que a verdade é plural é fundamental no respeito às diversidades cultural e religiosa brasileiras. A ação do Espírito Santo produz união, abertura e diálogo com outras tradições religiosas. A reflexão sobre o diálogo inter-religioso na Assembleia de Deus é muito novo. Uma participação maior de assembleianos/as, no Brasil, ainda terá um longo caminho pela frente, mas já há sinais e um querer perceptível de participar das mudanças necessárias para que o Brasil supere a intolerância religiosa e respeite melhor as pessoas em suas diferentes tradições religiosas e a criação.

²¹² LIMA, 2016, p. 204.

CONCLUSÃO

Este Trabalho de Conclusão de Curso do Mestrado Profissional buscou refletir sobre os desafios do diálogo inter-religioso para o pentecostalismo histórico. Refletiu-se sobre a pluralidade religiosa brasileira, a importância do diálogo inter-religioso, o pentecostalismo histórico – especificamente a Assembleia de Deus – na superação da intolerância religiosa. Percebeu-se a importância da ação do Espírito que conduz para a vida em sua integridade. O paradigma da ação do Espírito Santo, que é próprio da fé pentecostal, também impulsiona as pessoas participantes da Assembleia de Deus para o diálogo inter-religioso. A ação do Espírito, pois, promove comunhão, diálogo e relação de respeito a alteridade. O Espírito sopra onde e quando quer. Portanto, não está fixo em algum lugar e/ou em alguma denominação. Contudo, é preciso passar de um entendimento pessoal do recebimento dos dons do Espírito para uma perspectiva mais ampla da atuação do Espírito Santo. O Espírito Santo promove a vida em sua plenitude. Portanto, uma reinterpretação da ação do Espírito, a partir da releitura da Bíblia, é fundamental para ampliar a visão e o entendimento da ação do Espírito de Deus.

A partir da pesquisa bibliográfica, dialogou-se com diferentes autores/ras sobre a pluralidade brasileira, o diálogo inter-religioso e o pentecostalismo histórico, especialmente, a Assembleia de Deus. O trabalho optou pela Assembleia de Deus, por ser uma igreja histórica do pentecostalismo, por ser uma das maiores igrejas do Brasil e por estar presente, praticamente, em todas as regiões brasileiras, nas metrópoles, nas cidades pequenas, médias e grandes, nos bairros da periferia, mas também nos centros, ambientes urbanos e rurais.

Foi fundamental encontrar pesquisadores que possuíssem uma grande e profunda reflexão sobre o diálogo inter-religioso. Além do mais, já há alguns pesquisadores pentecostais brasileiros trabalhando os desafios do diálogo inter-religioso para o pentecostalismo. A maioria destes pesquisadores são participantes da Rede Latino-americana de Estudos Pentecostais (RELEP), que envolve estudiosos do Brasil, do Chile, Peru e do México, sendo em sua maioria lideranças da Igreja Assembleia de Deus.

O Brasil é um país marcado pela diversidade religiosa, que vai além de evangélicos e católicos, pois conta, desde o início da sua história, com as mais diversas tradições religiosas indígenas, religiões de tradições afro-brasileiras,

religiões de tradição oriental e também há um grupo significativo sem-religião. Tendo em vista este contexto, é fundamental reconhecer e refletir sobre a diversidade religiosa no contexto brasileiro. Neste sentido, no Capítulo 1 foi alicerçado, a partir dos Censo de 2000 e 2010, que apontaram para as mudanças no campo religioso brasileiro.

Entretanto, de acordo com o relatório do IBGE, a diversidade religiosa brasileira tem crescido muito nas últimas décadas, e as informações censitárias permitiram identificar a maior pluralidade religiosa no Brasil. Todavia, continua sendo o maior país católico romano, mesmo com um ritmo de crescimento pequeno. O grupo que mais cresceu, foram os evangélicos, entre estes a Assembleia de Deus. O Censo de 2010, porém, revelou novas tendências no campo religioso brasileiro, demonstrando uma maior diversificação e a intensificação do trânsito religioso.

O Brasil é um país cunhado na diversidade religiosa, que está representado, como já dito acima, para além dos grupos de evangélicos e de católicos, porque a sua religiosidade, desde a sua colonização, possui diversas denominações de fé que estão amalgamadas a este cenário da vida da nação, muito embora ainda sejam pequenas as ações conjuntas de igrejas e religiões no Brasil. Contrariamente à sua realidade, a intolerância religiosa tem crescido, especialmente contra as religiões de tradição afro-brasileiras, e vinda por parte de grupos de tradição pentecostal.

Aponta-se, dessa forma, para a necessidade de uma nova hermenêutica, não somente no Brasil, mas em todo o mundo, pois a intolerância grita por um agir urgente, o mundo precisa de paz. A palavra religião vem do latim “*religare*”, que significa religamento. O sentido desta palavra se estende para todo o universo da humanidade dividida, preconceituosa, vivendo na sua própria ilha, engessada no seu fanatismo e da intolerância. Por isto, o dia 16 de novembro é lembrado, em todo mundo, como o Dia Internacional da Tolerância. Não somente tolerar, mas respeitar, conviver, reconhecer o valor de cada pessoa, independente da confissão religiosa. É romper com obsoletos sentidos, principalmente em relação às religiões de matriz afro-brasileira. A liberdade de ser se constrói na relação com o outro e a outra. Não existimos isoladamente, somos dependentes uns dos outros e da natureza que nos cerca.

As tradições religiosas, então, sob essa nova perspectiva, são colocadas perante duas escolhas: a recusa do engajamento discursivo e da comunicação ou da abertura dialogal. A primeira opção, muitas vezes, implica na assunção do

fundamentalismo, que significa a defesa da tradição de forma tradicional, em consequência das condições novas da comunicação global. A segunda escolha, a comunicação dialógica, que se coloca atualmente como uma das mais essenciais à humanidade.

É no diálogo com o/a outro/a que, portanto, se conhece a si mesmo, aprofundando a sua própria identidade, construindo assim, relações mais igualitárias, superando o preconceito e a intolerância religiosa. O Capítulo 2 aprofundou a importância do diálogo inter-religioso, tendo em vista a pluralidade religiosa brasileira.

O capítulo, dessa maneira, apontou para a importância do diálogo inter-religioso. Na história, escrita pelo ser humano no planeta, a diversidade religiosa não é uma novidade, porém uma característica que marcou, ao longo do tempo, o seu desenvolvimento. Na realidade, a consciência dessa pluralidade é que é nova no atual contexto, com a recorrência de sua presença na dinâmica da urbanização mundial, no campo da observação, na facilidade de acesso ao seu patrimônio diversificado e nos modernos meios de comunicação. Diferentes pesquisadores lembram que o diálogo inter-religioso, enquanto expressão viva da relação entre tradições religiosas distintas, é um fenômeno relativamente recente.

O diálogo inter-religioso não partiu do cristianismo por iniciativa própria. Foi a partir de um reduzido número de pessoas, de visão ampla, que soube reconhecer a importância espiritual da diversidade religiosa e, sob seu impulso, provocou a religião institucional a assumir o espírito do diálogo em nome da própria herança de fé. O diálogo inter-religioso nasce, então, do reconhecimento do pluralismo religioso.

É necessário repensar os modelos e ir além do paradigma cristocêntrico. Nem todas as religiões têm o Cristo como seu salvador, mas todas falam de Deus. Para alguns pesquisadores, a mudança para o paradigma teocêntrico seria fundamental no reconhecimento do pluralismo religioso e para o diálogo inter-religioso. O motor essencial do diálogo inter-religioso precisa ser o amor desinteressado.

A espiritualidade é desenvolvida não somente a partir de uma tradição religiosa e de seus dogmas, porém, a partir do olhar do outro no outro, da abertura à tradição religiosa do outro. É necessário estar aberto e sensível à linguagem do Espírito. O Espírito sopra onde quer e quando quer (Jo 3.8), segundo a Bíblia, o livro sagrado das pessoas cristãs. O Espírito também sopra e atua em outros espaços,

além dos espaços cristãos. Portanto, a verdade é plural e ela se encontra de forma diferente nas tradições religiosas. Além do mais, é necessário deixar claro que sempre só se capta uma parte da verdade. Ninguém consegue captar a verdade em sua totalidade. Importante reconhecer que se está a caminho, porém, há muito ainda a aprender em relação ao pluralismo e o diálogo inter-religioso.

O Capítulo 3 tratou do pentecostalismo histórico e o diálogo inter-religioso. A palavra pentecostalismo está ligada à palavra pentecostes, que lembra o envio do Espírito Santo à comunidade reunida em Jerusalém (Atos 2). Este evento marca a atuação da Igreja Pentecostal. O pentecostalismo nasce nos Estados Unidos num período de reavivamento protestante e de política do *apartheid*. A doutrina do sinal da glossolalia para o batismo com o Espírito Santo aparece como um sinal deste novo movimento.

O movimento pentecostal começou no Brasil com a chegada dos missionários Gunnar Vingren e Daniel Berg em 1910, vindos dos Estados Unidos, para a cidade de Belém, capital do Estado do Pará, fundadores da Igreja Assembleia de Deus no Brasil. Este trabalho não ignorou o outro missionário, Luigi Francescon, que chegou praticamente na mesma época e fundou a Igreja Congregação Cristã. Estas duas igrejas são parte do pentecostalismo histórico no Brasil. Porém, a reflexão deste trabalho se deteve em relação à Assembleia de Deus, sendo a mesma, a maior Igreja Pentecostal do Brasil e está em todos os lugares. Atualmente é necessário falar sobre a Assembleia de Deus no plural: Assembleias de Deus, que pertencem a diversas convenções, tendo atuações diferentes.

No decorrer da história, desde a chegada do pentecostalismo no Brasil, ocorreram muitas mudanças. Também a Igreja Assembleia de Deus passa por mudanças estruturais, revisões teológicas, questões morais nos usos e costumes, e, a pergunta que surge é: como será possível um diálogo com outras tradições religiosas, na direção da construção de um diálogo inter-religioso?

Atualmente há uma grande entrada de pessoas pertencentes à Assembleia de Deus nas universidades, cursando graduação, mestrado e doutorado e isto tem trazido novos desafios a essa denominação. Há também pesquisadores e pesquisadoras fazendo uma releitura da atuação do Espírito, a partir do diálogo com outros estudiosos/as de outras áreas e tradições religiosas.

Fundamental se torna mencionar que por parte de pentecostais criou-se a Rede Latino-americana de Estudos Pentecostais (RELEP), sendo esta uma

instância continental, de produção e difusão de trabalhos de pesquisa a respeito dos diversos pentecostalismos. Busca-se, assim, estabelecer um diálogo entre os diferentes grupos de pentecostais no continente latino-americano, e, ao mesmo tempo, aponta-se para possibilidades de estabelecer um diálogo inter-religioso com outras tradições religiosas. A partir de 2014 teve início a preocupação dos pentecostais com o tema do diálogo e também com o diálogo inter-religioso. Uma produção desde encontro foi o livro “Pentecostalismo em Diálogo”, organizado pelo pesquisador David Mesquiati de Oliveira. Dessa maneira, o tema é bastante novo. Em 2016, na Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUC/PR), Adriano Lima defendeu a tese “A Pneumatologia como fundamento teológico para o diálogo Inter-religioso nas Assembleias de Deus”, tendo como orientador o pesquisador católico Clodovis Boff. Portanto, reitera-se, mais uma vez que, a reflexão sobre o tema do diálogo inter-religioso é bastante recente no âmbito do pentecostalismo.

O autor Adriano Lima, em sua recente citada tese, afirma que é necessário à Assembleia de Deus reconhecer que a atuação do Espírito não é somente uma experiência pessoal e institucional de sua denominação. Ela exige incorporar a perspectiva do Espírito de Deus como promotor da justiça e da paz. A incorporação desta perspectiva precisa também de uma releitura dos livros proféticos. Uma leitura dos profetas, a partir da dimensão da pneumatologia poderá servir para impulsionar uma atitude proativa a favor da paz e da justiça social. A participação de assembleianos/as no diálogo com outras religiões, em espírito de humildade, abertura, respeito e alteridade será essencial para a construção de um Brasil sustentável, ético, pacífico, justo, em relação a todas as pessoas e grupos humanos, bem como para com o meio ambiente. O reconhecimento de que a verdade é plural é fundamental no respeito às diversidades cultural e religiosa brasileiras. A ação do Espírito Santo produz união, abertura e diálogo com outras tradições religiosas. Neste espírito será possível vencer a intolerância religiosa, especialmente em relação às religiões afro-brasileiras, no reconhecimento de que o Espírito de Deus atua onde e como ele quer.

Concluindo, o paradigma proposto pelos diferentes pesquisadores e pesquisadoras pentecostais para as possibilidades de um diálogo inter-religioso é a *pneumatologia*, ou seja, a ação do Espírito Santo como força interdenominacional e inter-religiosa, sem fazer acepção de pessoas. A ação do Espírito, que é ação do próprio Deus, quer a vida em abundância para todas as pessoas e todas as igrejas.

O diálogo inter-religioso, sem dúvidas, é um grande desafio para as igrejas Assembleias de Deus, pois necessário será, a partir de uma releitura das tradições e da Bíblia, a ampliação da visão da atuação do Espírito Santo, sendo esta uma esperança para a superação da intolerância religiosa e um maior cuidado com toda a criação.



REFERÊNCIAS

ALENCAR, Gedeon Freire de. *Assembleias de Deus: Origem, Implantação e militância (1911-1946)*. São Paulo: Arte, 2010.

_____. Nova geração pastoral assembleiana: universitários, modernos e progressistas. In: OLIVEIRA, David Mesquiati de. (Org.). *Pentecostalismo em Diálogo*. São Paulo: Fonte, 2014.

ALVES, Luiz Alberto Sousa; ALVES, Maria Helena Leviski. Aspectos da Diversidade Religiosa. In: JUNQUEIRA, Sérgio (Org.) *O Sagrado: Fundamentos e Conteúdo do Ensino Religioso*. Curitiba: IBPEX, 2009.

ANDRADE, Oliveira Maristela de. A Religiosidade Brasileira: o pluralismo religioso, a diversidade de crenças e o processo sincrético. *CAOS - Revista Eletrônica de Ciências Sociais*. N°. 14 – setembro de 2009. Disponível em: <<http://www.cchla.ufpb.br/caos/n14/6A%20religiosidade%20brasileira.pdf>>. Acesso em: 23 fev. 2017.

AZEVEDO, Thales de. *O catolicismo no Brasil: um campo para a pesquisa social*. Salvador : Edufba, 2002.

BERG, Daniel, *Enviado por Deus, Memórias de Daniel Berg*. 8. ed. Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembleias de Deus, 2000.

BERGER, Peter L. *O Dossel Sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião*. São Paulo: Paulinas, 1983.

_____. A dessecularização do mundo: uma visão global. *Religião e Sociedade*, Rio de Janeiro, v.21, n.1, p.9-23, 2001.

_____; LUCKMANN, Thomas. *Modernidade, pluralismo e crise de sentido*. Petrópolis: Vozes, 2004.

BIBLIOTECA VIRTUAL DE DIREITOS HUMANOS. *Declaração Universal dos Direitos Humanos*. Artigo 18. Disponível em: <<http://www.direitoshumanos.usp.br/index.php/Declara%C3%A7%C3%A3o-Universal-dos-Direitos-Humanos/declaracao-universal-dos-direitos-humanos.html>>. Acesso em: 20 jan. 2017.

BOFF, Leonardo. *Ética da vida. A nova centralidade*. Rio de Janeiro: Record, 2009.

_____. *O Espírito Santo: Fogo interior, doador da vida, e Pai dos pobres*. Petrópolis: Vozes, 2013.

BOSCHINI, Alexandre Douglas; LANZA, Fabio. *Renovação Carismática Católica: meios de aproximação com a juventude*. Disponível em: <<http://www.uel.br/eventos/semanacsoc/pages/arquivos/douglas.pdf>>. Acesso em: 25 Jun. 2017.

BRASIL. Constituição da República dos Estados Unidos do Brasil (de 24 de fevereiro de 1891). Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao91.htm>. Acesso em: 22 mar. 2017.

_____. CIDADANIA E JUSTIÇA. *Dia de Combate à Intolerância Religiosa é celebrado neste sábado (21)*. Disponível em: <<http://www.brasil.gov.br/cidadania-e-justica/2017/01/dia-de-combate-a-intolerancia-religiosa-e-celebrado-a-intolerancia-religiosa-e-celebrado-neste-sabado-21>>. Acesso em: 15 mar. 2017.

_____. *Lei Nº 10.639, de 9 de Janeiro de 2003*. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”, e dá outras providências. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.639.htm>. Acesso em: 23 mar. 2017.

_____. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO (MEC). *Orientações e Ações para Educação das Relações Étnico-Raciais*. Secretaria da Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. Brasília: SECAD, 2006. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/orientacoes_eticoraciais.pdf>. Acesso em: 23 mar. 2017.

_____. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. *Constituição da República Federativa do Brasil de 1988*. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm>. Acesso em: 20 jan. 2017.

CAMPOS, Silveira Leonildo. *Os Mapas, Atores e Números da Diversidade Religiosa Cristã Brasileira: Católicos e Evangélicos entre 1940 e 2007*. 2008. Disponível em: <http://www.pucsp.br/rever/rv4_2008/t_campos.pdf>. Acesso em: 20 mar. 2017.

CAMPOS, Leonildo Silveira. *Pentecostalismo e Protestantismo “Histórico” no Brasil: um século de conflitos, assimilação e mudanças*. Horizonte. Belo Horizonte, v. 9, n. 22, 2011.

CAMURÇA, Marcelo Ayres. O Brasil religioso que emerge do Censo de 2010: consolidações, tendências e perplexidades. In: TEIXEIRA, Faustino; MENEZES, Marta (Org.) *Religiões em Movimento: O censo de 2010*. Petrópolis: Vozes, 2013.

_____. A realidade das religiões no Brasil no Censo do IBGE- 2000. In: TEIXEIRA, Faustino; MENEZES, Renata (Orgs.). *As religiões no Brasil: continuidades e rupturas*. Petrópolis: Vozes, 2006.

COMBLIN, José. *Atos dos Apóstolos*. 2. ed. São Paulo: Fonte, 2012.

CONSELHO NACIONAL DE IGREJAS CRISTÃS – CONIC. *Igrejas membro*. Disponível em: <<http://www.conic.org.br/portal/igrejas-membro>>. Acesso em: 17 mar. de 2017.

CORONIL, Fernando. Natureza do pós-colonialismo: do eurocentrismo ao globocentrismo. In: LANDER, Edgardo (Org.). *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latinoamericanas*. Colección Sur Sur. Buenos Aires: CLACSO, 2005.

DIA INTERNACIONAL DA TOLERÂNCIA. Disponível em: <<https://www.calendarr.com/brasil/dia-internacional-da-tolerancia/>>. Acesso em: 22 jan. 2017.

DICIONÁRIO INFORMAL. Disponível em: <<http://www.dicionarioinformal.com.br/>>. Acesso em: 12 jan. 2017.

DOMEZI, Maria Cecília. *Deus em guerra e pacto na América Latina colonial*. São Paulo: Idéias & Letras, 2015.

FAJARDO, Pinheiro Maxwell. *Onde a luta se travar: A expansão das Assembleias de Deus no Brasil urbano (1946 – 1980)*. Tese de Doutorado. Assis: Faculdade de Ciências e Letras de Assis – UNESP, 2015. Disponível em: <<https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/132222/000851874.pdf>>. Acesso em: 20 dez. 2017.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Dicionário*. 2 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

FINKE, Roger; STARK, Rodney apud. GUERRA, Lemuel Dourado. *Mercado religioso no Brasil: competição, demanda e a dinâmica da esfera da religião*. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2000. Disponível em: <http://repositorio.ufpe.br:8080/bitstream/handle/123456789/9835/arquivo9371_1.pdf>. Acesso em: 22 fev. 2017.

FITZGERALD L. Michael (Mons.). *A Declaração Nostra Aetate: o respeito da igreja pelos valores religiosos*. 2006. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/culturateo/article/viewFile/14956/11152>>. Acesso em: 20 jan. 2017.

FLEURI, Reinaldo Matias. Intercultura e educação. *Rev. Bras. Educ.*, Rio de Janeiro, n. 23, p. 16-35, agosto de 2003. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782003000200003>. Acesso em: 13 jan. 2017.

FREYRE, Gilberto. *Sobrados e Mucambos: decadência do patriarcado rural e desenvolvimento do urbano*. Apresentação de Roberto Da Matta; Bibliografia de Edson Nery da Fonseca; notas bibliográficas revistas por Gustavo Henrique Tuna. São Paulo: Global, 2013. Disponível em: <<https://gruponsepr.files.wordpress.com/2016/10/livro-completo-sobrados-e-mucambos-gilberto-freyre-1.pdf>>. Acesso em: 10 fev. 2017.

FRESTON, Paul. Breve histórico do pentecostalismo brasileiro. In: ANTONIOZZI, Alberto et al. *Nem anjos nem demônios: interpretações sociológicas do pentecostalismo*. Petrópolis: Vozes, 1994.

GEFFRÉ, Claude. A crise da identidade cristã na era do pluralismo religioso. *Concilium*, v. 311, nº 3, 2005.

GIDDENS, Anthony. *Para além da esquerda e da direita*, 1. ed. São Paulo: UNESP, 1996.

_____. *A terceira via*. São Paulo: Record, 1999.

_____. *Mundo em descontrole: o que a globalização está fazendo de nós*. 3 ed. Rio de Janeiro: Record, 2003.

_____. *As consequências da modernidade*. São Paulo: Ed. UNESP, 1991.

GIUMBELLI, Emerson. O “Chute na Santa”: blasfêmia e pluralismo religioso no Brasil. In: BIRMAN, Patrícia. *Religião e espaço público*. São Paulo: Attar, 2003.

GUIMARÃES, Neves M. B. Perspectivas cristãs para o diálogo inter-religioso atual. *Horizonte*. Belo Horizonte, v. 5, n. 9, 2006. Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/horizonte/article/view/480/498>>. Acesso em: 20 fev. 2017.

HAIGHT, Roger. *Jesus, símbolo de Deus*. São Paulo: Paulinas, 2003.

HICK, John. *Teologia cristã e pluralismo religioso*. Trad. Luiz Henrique Dreher. São Paulo: ATTAR, 2005.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. *Censo 2010*, 2012. Disponível em: <<http://censo2010.ibge.gov.br/sinopse/index.php?dados=1&uf=35>>. Acesso em: 18 mar. 2017.

_____. *Censo Demográfico 2010: Características gerais da população, religião e pessoas com deficiência*. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/caracteristicas_religiao_deficiencia/default_caracteristicas_religiao_deficiencia.shtm>. Acesso em: 12 mar. 2017.

_____. *Censo 2000*. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2000/>>. Acesso em: 20 mar. 2017.

INSTITUTO DATAFOLHA. *Perfil e Opinião dos Evangélicos no Brasil*. 44% dos evangélicos já foram católicos. Disponível em: <<http://media.folha.uol.com.br/datafolha/2016/12/28/da39a3ee5e6b4b0d3255bfef95601890afd80709.pdf>>. Acesso em: 18 mar. 2017.

JUNGBLUT, Airton Luiz. Globalização e religião Efeitos do pluralismo global no campo religioso contemporâneo, *Civitas*, Porto Alegre, v. 14, n. 3, set.-dez. 2014. Disponível em:

<http://repositorio.pucrs.br/dspace/bitstream/10923/8893/2/Globalizacao_e_religiao_Efeitos_do_pluralismo_global_no_campo_religioso_contemporaneo.pdf>. Acesso em 17 jan. 2017.

KÜNG, H. *Religiões do mundo: em busca dos pontos comuns*. 2 ed. Campinas: Verus, 2004.

LIMA, Araújo Diógenes Juliana de; FILHO, Costa Capistrano Ismar. O Conceito de Aldeia Global de Mc Luhan Aplicado ao Webjornalismo. *Anais...* Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XXXII. Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Curitiba, PR – 4 a 7 de setembro de 2009. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2009/resumos/R4-1816-1.pdf>>. Acesso em: 20 fev. 2017.

LIMA, Adriano Souza. Os Desafios Institucionais para a Unidade dos Pentecostais. In: OLIVEIRA, David Mesquiati de (ORG). *Pentecostalismo e Unidade*, São Paulo, Fonte, 2015.

_____. *A Pneumatologia como Fundamento Teológico para o Diálogo Inter-Religioso nas Assembleias de Deus*. Tese de Doutorado. Curitiba: Pontifícia Universidade Católica do Paraná, 2016.

_____. Pentecostalismo e diálogo inter-religioso. In: OLIVEIRA, David Mesquiati de. (Org.). *Pentecostalismo em Diálogo*. São Paulo: Fonte, 2014.

MACHADO, Maria das Dores Campos. *Carismáticos e pentecostais: adesão religiosa na esfera familiar*. Campinas: Autores Associados; São Paulo: ANPOCS, 1996.

MARTINS, Antonione Rodrigues. Novo Mapa das Religiões no Brasil. Resenha de NERI, Marcelo Côrtes (Coord.). *Horizonte*. Belo Horizonte, v. 9, n. 23, p. 942-945, out./dez. 2011. Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/horizonte/article/view/2849/3341>>. Acesso em: 17 mar. 2017.

MARIZ, Cecília Loreto; MACHADO, Maria das Dores Campos. Mudanças recentes no campo religioso brasileiro. *Antropolítica*, nº 5. 1998. Disponível em: <http://www.uff.br/antropolitica/revistasantropoliticas/revista_antropolitica_05.pdf>. Acesso em: 17 mar. 2017.

MELLO, Izabel Cristina Veiga. As relações de poder no pentecostalismo brasileiro: uma identidade forjada no calor de sua história. *Azusa – Revista de Estudos Pentecostais*, v. 1, n. 1, set. 2010. Disponível em: <<http://azusa.faculdaderefidim.edu.br/index.php/azusa/article/view/4/3>>. Acesso em: 16 jan. 2017.

MOLTMANN, Jürgen. *O espírito da vida: uma pneumatologia integral*. Petrópolis: Vozes, 2010.

_____. *Experiências de reflexão teológica: caminhos e formas da teologia cristã*. São Leopoldo: Unisinos, 2004.

_____. *A Fonte da Vida*. São Paulo: Loyola, 2002.

NERI, Marcelo Côrtes (Coord.). *Novo Mapa das Religiões*. Rio de Janeiro: CPS/FGV, 2011. Disponível em: <<http://www.cps.fgv.br/cps/religiao/>>. Acesso em: 17 mar. 2017.

ORO, Ari Pedro. Intolerância religiosa iurdiana e as reações afro no Rio Grande do Sul; in Intolerância Religiosa: Impactos do Neopentecostalismo no Campo religioso Afro-brasileiro. SILVA, Vagner Gonçalves da. *Intolerância Religiosa: Impactos do Neopentecostalismo no Campo religioso Afro-brasileiro* Pedro Oro ... et al.; Vagner Gonçalves da Silva (Org.). - São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2007.

ORO, Pedro Ivo. *O Fenômeno Religioso: como entender*. São Paulo: Paulinas, 2013.

OLIVEIRA, Aurenéa Maria de. Preconceito, estigma e intolerância religiosa: a prática da tolerância em sociedades plurais e em Estados multiculturais. *Estudos de Sociologia*, Rev. do Progr. de Pós-Graduação em Sociologia da UFPE, v. 13, n. 1, 2014. Disponível em: <<http://www.revista.ufpe.br/revsocio/index.php/revista/article/download/215/175>>. Acesso em: 20 jan. 2017.

OLIVEIRA, Tiago Rege de. Um breve histórico do movimento pentecostal moderno e da igreja Assembleia de Deus no Brasil. *Interdisciplinar: Revista Eletrônica da Univar*, n.º 6, 2011. Disponível em: <<http://revista.univar.edu.br/index.php/interdisciplinar/article/view/135/0>>. Acesso em: 20 mar. 2017.

OLIVEIRA, David Mesquiati de (Org.), *Pentecostalismo em Diálogo*. São Paulo: Fonte, 2014.

PAINE, Randall Scott. *Exclusivismo, Inclusivismo e Pluralismo Religioso*. *Revista Brasileira de História das Religiões – Ano 1, no. 1 – Dossiê Identidades Religiosas e História*. Disponível em: <<http://www.dhi.uem.br/gtreligiao/pdf/11%20Scott%20Randall%20Paine.pdf>>. Acesso em: 20 mar. 2017.

PANSIEWICZ, Roberlei. Os níveis ou formas de diálogo inter-religioso: uma leitura a partir da teologia cristã. *Horizonte*. Belo Horizonte, v. 2, n. 3, p. 39, 2 sem. 2003. Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/horizonte/article/view/597/624>>. Acesso em: 20 mar. 2017.

PRANDI, Reginaldo. *Mitologia dos Orixás*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

_____. *Axé em movimento no mercado religioso: Umbanda em declínio, Candomblé em ascensão*. *Anuac*, v. I, N. 2, p. 106, novembro 2012. Disponível em:

<<http://ojs.unica.it/index.php/anuac/article/download/1611/1360>>. Acesso em: 20 mar. 2017.

PIERUCCI, Antônio Flávio. Cadê nossa diversidade religiosa? Comentários ao texto de Marcelo Camurça. In: TEIXEIRA, Faustino; MENEZES, Renata. (Org.). *As Religiões no Brasil: Continuidades e Rupturas*. Petrópolis: Vozes, 2006.

PUFF, Jefferson. *Tom 'bélico' de alguns líderes evangélicos cria clima propício à intolerância*. *BBC- Brasil*, 23 de junho de 2015. Disponível em: <http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/06/150622_entrevista_pastor_pai_jp>. Acesso em: 20 mar. 2017.

QUEIRUGA, Andrés Torres. *Auto-compreensão Cristã: Diálogo das Religiões*. trad. Jose Afonso Beraldin da Silva. São Paulo: Paulinas 2007.

RAMPAZZO, Lino. *Antropologia, Religiões e Valores cristãos*. 3. ed. São Paulo: Loyola, 2004.

READ, William R. *Fermento religioso nas massas do Brasil*. Campinas: Cristã Unida, 1967.

RIO, João do. *As religiões no Rio*. Coleção Biblioteca Manancial, n.º 47, Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1976. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bi000185.pdf>>. Acesso em: 10 fev. 2017.

RIBEIRO, Claudio de Oliveira. *Pluralismo e libertação*. São Paulo: Paulinas, 2014.

ROLIM, Francisco Cartaxo. *Pentecostais no Brasil: uma interpretação sócio-religiosa*. Petrópolis: Vozes, 1985.

SANCHES, Wagner Lopes, *Pluralismo Religioso: As religiões do mundo atual*. 2ª edição, Paulinas, São Paulo, 2010.

SANCHES, Sidney Moraes. Narrativa e testemunho e as vivências humanas entre diferentes. In: OLIVEIRA, Davi Mesquiati de (Org.) *Pentecostalismo em Diálogo*. São Paulo: Fonte, 2014.

SANCHIS, Pierre (Org.). *Fiéis e cidadãos: Percursos de sincretismo no Brasil*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2001.

_____. *As religiões dos Brasileiros*. *Horizonte*, Belo Horizonte, v. 1, n. 2, 2º sem. 1997. Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/horizonte/article/view/412>>. Acesso em: 15 mar. 2017.

SIEPIERSKI, Paulo. Contribuições para uma tipologia do pentecostalismo brasileiro. In: GUERRIERO, Silas (Org.). *O Estudo das religiões: desafios contemporâneos*. 2 ed. São Paulo: Paulinas, 2004.

SIGNIFICADOS. Disponível em: <<https://www.significados.com.br/pluralidade/>>. Acesso em: 12 jan. 2017.

SILVA, Carlos Antonio da. O paradoxo cristológico: A proposta de Claude Geffré para o diálogo inter-religioso. *Atualidade Teológica*, Ano XIII nº 33, setembro a dezembro/2009. Disponível em: <<https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/18291/18291.PDF>>. Acesso em: 21 jan. 2017.

SILVA, Elizete da. Protestantismo e questões sociais. *Sitientibus*, Feira de Santana, 1996. Disponível em: <http://www2.uefs.br/sitientibus/pdf/14/protestantismo_e_questoes_sociais.pdf>. Acesso em: 20 mar. 2017.

SILVA, Lucilia Carvalho da; SOARES, Katia dos Reis Amorim. A Intolerância Religiosa face às religiões de Matriz Africana como expressão das relações étnico-raciais brasileiras: O Terreno do combate à intolerância no município de Duque de Caxias. *Revista EDUC-Faculdade de Duque de Caxias*. V. 01, Nº. 03/Jan-Jun, 2015. Disponível em: <<http://www.faculadadededuquedecaxias.edu.br/educ/downloads/numero3/1-artigo.pdf>>. Acesso em: 20 fev. 2017.

SILVA, G. Yask; COELHO, D. Lázara; VIEIRA, C. R. Cristina. A glossolalia em Pentecoste: a comunicação para difusão do cristianismo. *Sacrilegens - Revista dos Alunos do Programa de Pós-graduação em Ciência da Religião – UFJF*. 2012. Disponível em: <<http://www.ufjf.br/sacrilegens/files/2012/04/9-1-13.pdf>>. Acesso em: 14 jan. 2017.

SCHULTZ, Adilson. *Deus está presente – o Diabo está no meio*. O protestantismo e as estruturas teológicas do imaginário teológico brasileiro. Tese de Doutorado. São Leopoldo: Faculdades EST, 2005. Disponível em: <http://www3.est.edu.br/biblioteca/btd/Textos/Doutor/Schultz_a_td48.pdf>. Acesso em: 20 mar. 2017.

STÜRMER, Rosângela. Diálogo inter-religioso. *Ciberteologia - Revista de Teologia & Cultura* - Ano IV, n. 15, p. 53-54, Janeiro/Fevereiro 2008. Disponível em: <<http://ciberteologia.paulinas.org.br/ciberteologia/wp-content/uploads/2009/06/01dialogointerreligioso.pdf>>. Acesso em: 23 jan. 2017.

TEIXEIRA, Faustino. O censo de 2010 e as religiões no Brasil: esboço de uma apresentação. In: TEIXEIRA, Faustino; MENEZES, Marta (Orgs.). *Religiões em Movimento: O censo de 2010*. Petrópolis: Vozes, 2013.

_____. Faces do catolicismo brasileiro contemporâneo. *Revista USP*, São Paulo, n.67, set./nov., 2005. Disponível em: <<http://www.periodicos.usp.br/revusp/article/viewFile/13452/15270>>. Acesso em: 15 mar. 2017.

_____.; DIAS, Zwinglio Mota. *Ecumenismo e Diálogo Inter-Religioso – A arte do possível*. São Paulo: Santuário, 2015.

_____. *Diálogo Inter-religioso*, ontem e hoje, s.d. Disponível em: <<http://www.missiologia.org.br/cms/ckfinder/userfiles/files/53dialogointer.pdf>>. Acesso em: 20 fev. 2017.

_____. Fundamentos e possibilidades para um diálogo inter-religioso hoje. In: AUGUSTO, Adailton Maciel (Org.). *Ainda o sagrado selvagem*. Homenagem a Antônio Gouvêa Mendonça. São Paulo: Fonte/Paulinas, 2010.

_____. O Imprescindível Desafio da Diferença Religiosa. *Rev. Inter. Mob. Hum.* Brasília, Ano XX, Nº 38, jan./jun. 2012. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/remhu/v20n38/a11v20n38.pdf>>. Acesso em: 20 jan. 2017.

_____. A interpelação do diálogo inter-religioso para a teologia. In: SUSIN, Luiz Carlos (Org.). *Sarça ardente*. Teologia na América Latina: perspectivas. São Paulo: Paulinas/Soter, 2000.

_____. *Deus não tem religião*. São Leopoldo: Instituto Humanitas Unisinos, 2016. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/553135-deus-nao-tem-religiao-artigo-de-faustino-teixeira>>. Acesso em 10 fev. 2017.

_____. Interpelação do diálogo inter-religioso para a Teologia. Disponível em: <<http://fteixeira-dialogos.blogspot.com.br/2010/04/interpelacao-do-dialogo-inter-religioso.html>>. Acesso em 20 fev. 2017.

_____. *Teologia das religiões*, uma visão panorâmica. São Paulo: Paulinas, 1995.

TERAOKA, Cortizo Massao Thiago. *A Liberdade Religiosa no Direito Constitucional Brasileiro*. Tese de Doutorado. Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2010. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/2/2134/tde-21062011-095023/publico/liberdade_religiosa_completa.pdf>. Acesso em: 20 mar. 2017.

UBALDI, Pietro. *A Grande Síntese*. 21 ed. Campos dos Goytacazes: Instituto Pietro Ubaldi, 2001.

ULRICH, Claudete Beise. *Mulheres e a educação teológica acadêmica: uma reflexão a partir da experiência de estudantes mulheres na Faculdade Unida de Vitória - ES – Brasil*. In: BARRETO, Raimundo C. Jr; CAVALCANTE, Ronaldo; ROSA, Wanderley Pereira da. *World Christianity and Public Religion/Cristianismo Mundial e Religião Pública*. Vitória: UNIDA, 2016.

WOLFF, Elias. *Espiritualidade do diálogo inter-religioso: contribuição nas perspectivas cristãs*. São Paulo: Paulinas, 2016.

VINGREN, Ivar. *Gunnar Vingren: o diário do pioneiro*. 2 ed. Rio de Janeiro: CPAD, 1982.